

A HUMILDADE CHRISTIAN

POR

Victor Cathrein, S. J.

Traduzido da 3ª edição alleman

POR

U. R. B.



† Livros Católicos para Download



Typographia das Vozes de Petropolis
Petropolis - Estado do Rio

NIL OBSTAT

Petropoli, die 7 Februarii 1925.

Fr. Celsus, O. F. M., Çensor

IMPRIMATUR

7 Februarii 1925

† Augustinus, Eps. Nicth.



Prefacio

Embora sobre a humildade já se tenham escripto muitas e bellas coisas, e eu não possa apresentar nada de novo acerca de tão preclara virtude, julgo não obstante que o presente livrinho será de alguma utilidade, não aos sabios — porque não é a elles que vae destinado — mas aos christãos sufficientemente instruidos.

Levou-me a emprehender este trabalho o facto de a humildade ser hoje quasi completamente ignorada, ou pelo menos mal comprehendida de muitas pessoas. Crê-se que ella é mensageira de um mundo estranho, e todavia é uma das virtudes mais importantes e fundamentaes, e a que, talvez como nenhuma outra, mais consubstanciada se encontra com a vida christan. Não hesito até em affirmar que sem uma exacta comprehensão da humildade é absolutamente impossivel um conhecimento perfeito do christianismo. Ella

constitue o mais solido fundamento da doutrina do Evangelho.

O estudo da humildade offerece ainda outras vantagens: — mostra-nos claramente como religião e moral estão entre si tão unidas que sem uma não póde subsistir a outra, e que seria um absurdo tentar separal-as, ou querer estabelecer uma moral que se não baseie num principio metaphysico.

— Que vem a ser humildade? qual a razão por que o homem deve praticar esta virtude? Para se responder cabalmente a estas perguntas é mistér conhecer a natureza e origem do mesmo homem, e o lugar que occupa em relação a Deus, seu Creador e Senhor.

Ainda que o meu intuito não foi escrever um tratado de mystica, mas tão só uma apologia da humildade, espero comtudo que o presente opusculo ha de ser tambem de alguma utilidade para a mystica, pois que a verdadeira pratica da humildade suppõe o seu exacto conhecimento.

Collegio de S. Ignacio, Valkenburgo, Hollanda. Setembro de 1918.

O AUTOR





INTRODUÇÃO

A humildade christan partieipa da sorte da cruz, a cuja sombra floresce e prospera. Para quem a cruz fôr loucura e escandalo, será a humildade abominação, e quem detesta a humildade sentirá necessariamente aversão á cruz. Não deve, pois, causar-nos admiração ver aumentar dia a dia o numero dos que consideram a humildade como coisa enigmatica e até absurda, visto crescer tambem a olhos vistos o numero dos que se afastam da cruz.

Despresar-se a si mesmo, sentar-se de bom grado no ultimo lugar ! Que coisa mais revoltante se poderia exigir do homem de hoje ! O «homem moderno» faz orgulhosamente alarde do seu «Eu». São-lhe devidos, diz-se commummente, o valor impercedouro e a grandeza da sua personalidade, outr'ora ignorada, mas hoje tão posta em relêvo. Importa-lhe, por conseguinte, fazer valer esta personalidade em toda a sua extensão.

Elle é o senhor de si mesmo e deseja viver segundo a sua individualidade, e quanto mais se despertar nelle o «supra-homem», tanto mais recalcitrará contra o despreso e abatimento proprio.

A humildade como virtude passiva já não convém verdadeiramente aos tempos actuaes, porque são tempos de progresso, de energias universaes, de actividades assombrossas e de luta acerríma pela existencia.

E infelizmente muitos que são tidos por bons christãos deixam-se pouco a pouco infeccionar destas maximas tão oppostas ao Evangelho.

Com certeza que, si o progresso material constituísse neste mundo o gráu supremo da virtude, estariam perdidos a humildade e o christianismo. Quanto menos caso se fizer da moral, tanto mais livre e desregradamente pôde o homem entregar-se a toda a especie de vicios e de excessos. Ora, que nos diz a esse respeito o christianismo ?

Desde o principio do mundo combatem entre si duas grandes potencias: o reino de Deus, a *civitas Dei*, como lhe chama S. Agostinho, e o reino deste mundo, *civitas hujus mundi*. O primeiro, cujo soberano é Christo, submete-se humildemente a Deus e obtém a felicidade eterna;

o segundo, porém, cujo príncipe é Satanaz 1), rebella-se contra Deus e conduz á perdição eterna.

Um funda-se na humildade, o outro, na soberba. «A este reino de Deus que ainda hoje peregrina sobre a terra», diz Santo Agostinho 2), «está particularmente recommendada a humildade, virtude característica de seu chefe, Christo Jesus; o peccado da presumpção, ao contrario, predomina sobretudo em seu figadal inimigo, o demonio».

Assim o ensina a sagrada Escripura. Este é na verdade o grande distinctivo dos partidarios dos dois formidaveis exercitos: uns constituem a sociedade dos homens sujeitos á vontade divina, outros formam a sociedade dos impios; tanto estes como aquelles têm os seus anjos, prevalecendo nos primeiros o amor de Deus e nos segundos o amor proprio.

Os anjos bons sujeitaram-se humildemente ao Senhor; os anjos máus, ao contrario, levantaram-se orgulhosamente contra Deus, sob o estandarte de Lucifer.

Foi num peccado de soberba que teve origem o reino de Satanaz. O príncipe das trevas pretendeu ser semelhante a Deus e collocar o seu throno ao lado do

1) João, XII, 31; XIV, 30.

2) De civ. Dei, XIV, 13.

throno do Altissimo, e como um relampago foi precipitado no inferno com os seus sequazes 1).

Os nossos primeiros paes cahiram tambem por soberba 2). Deram ouvidos á suggestão da serpente: «Sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal» 3), e foram expulsos do Paraíso.

Desde então os dois grandes adversarios lutam sem treguas um contra o outro; a humildade abre a porta estreita do reino de Deus, a soberba fecha-a e vae dar ao reino deste mundo. Aos orgulhosos pôdem applicar-se as palavras que dirigiu Deus pelo propheta ao soberbo rei de Babilônia: «Disseste em teu coração: subirei até ao céu, sobre os astros assentarei o meu throno, e serei semelhante ao Altissimo» 4).

Eis a razão por que o reino deste mundo, apesar de conduzir á perdição, exerce tão grande attractivo, e tantas almas envolve em suas rêdes. Só o humilde acha o caminho do reino de Deus, «emquanto que para o soberbo», no dizer do sabio 5), «a humildade é uma abominação».

1) Lucas, X, 18; Jud. 6.

2) S. Thomaz, 2. 2 q. 163, a 1.

3) Genesis, III, 5.

4) Is. XIV, 13.

5) Eccl., XIII, 24.

Quando Jesus Christo principiou a sua vida publica, mandou-lhe João Baptista perguntar por dois de seus discipulos: «És tu o Messias?» Respondeu-lhe o divino Mestre, referindo-se ao cumprimento do vaticinio do propheta Isaías: «Aos pobres é annunciado o Evangelho, e bem-aventurado aquelle que em mim se não escandalizar 1).

Palavra maravilhosa! Porventura pré-gou Christo o Evangelho sómente aos pobres e aos mendigos? Não; a todas as classes sem distincção, grandes e pequenos, pobres e ricos. Elle quer «que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade» 2). Os ricos, porém, rejeitaram o Evangelho.

Por «ricos» não entendemos os que possuem grandes riquezas, mas apenas os que se deixam dominar pelos sentimentos grosseiros que aquellas costumam produzir, isto é, os fartos que vanmente confiam em seus bens, nelles se comprazem e com elles orgulhosamente se exaltam.

Em suas aspirações terrenas, esperam os judeus de categoria um Messias revestido de esplendor e de gloria, para em seu reino alcançarem as primeiras dignidades em poder e riqueza. Por isso a sua

1) Lucas, VII, 22.

2) 1ª. Tim., II, 4.

soberba se scandalizou na pessoa e na prégação de Jesus, que só respirava pobreza e humildade, e cada vez rareavam mais entre os seus ouvintes estes ricos de sentimentos materiaes.

Pelo contrario, os pobres acudiam a Elle em numero sempre crescente. Por «pobres» não queremos significar os mendigos, mas os dominados por sentimentos proprios da pobreza: os humildes, os desamparados, etc. Estes, na sua simplicidade, abraçaram gostosamente o Evangelho, enquanto que os ricos o rejeitaram com altivez.

A soberba dos «grandes» repelliu, pois, a Bôa Nova, e a humildade dos «pequenos» recebeu-a com docilidade. Assim foi no tempo de Christo e assim ha de ser sempre. Portanto tambem hoje assim é.





CAPITULO I

Conceitos dos racionalistas modernos acerca da humildade

Nunca o abandono do Christianismo foi tão grande como em nossos dias, porque também nunca foi tão grande o orgulho e principalmente a presumpção da sciencia.

O progresso incontestavel em todos os ramos da actividade humana tem como que embriagado o mundo de hoje. Tem-se apoderado de muitos uma especie de loucura espiritual, a ponto de, em sua arrogancia, não quererem reconhecer nenhuma autoridade superior, e de negarem obediencia ao proprio Deus. Cada qual quer ser senhor absoluto de si mesmo.

Este espirito de orgulho encontra a sua mais forte expressão no principio da *Autonomia moral* de Manuel Kant. Que ensina este philosopho? Affirma que o homem é o supremo legislador de si mesmo. Só obra moralmente bem quando cumpre a sua propria lei, ou quando obra por attenção e consideração para

com essa mesma lei. Sujeitando-se á vontade de outrém, ainda que seja Deus, dá-se a *heteronomia*, submissão a uma lei estranha, o que por conseguinte é amoral e até immoral por se oppôr á dignidade humana 1).

Com isto recusa-se obediencia a toda a autoridade, sem exceptuar a do Altissimo. Em nome da sciencia e da moralidade arvora-se contra Deus o estandarte da rebellião. A phrase antiga : *Non serviam* 2). — « não te servirei », é transformada em systema.

Esta pretensa autonomia desmorona a religião, porque esta baseia a sua essencia e natureza na sujeição a Deus e aos seus mandamentos. « Teme ao Senhor e observa os seus preceitos, porque isto é o homem todo », 3) diz o sabio. E Jesus Christo accrescenta : « Si queres entrar na vida eterna, guarda os mandamentos ». Foi pela obediencia do Filho de Deus que fomos remidos ; porquanto, segundo a palavra de S. Paulo 4), « fêz-se por nós obediente até á morte ».

E vem Kant ensinar-nos que a obediencia ou sujeição á vontade de outrem é

1) Rechtslehre, Werke (Ausc. Hartenstein. 1838) V, 19

2) Jer., II, 20.

3) Ecclesiastes, XII, 13.

4) Filip. II, 8

um acto immoral ! Não será isto pretender derribar o principio vital da verdadeira religião ?

A theoria kantista foi recebida com jubilo em todas as espheras sociaes. E' que ella está mesmo talhada ao feitio do orgulho humano. A muitos, que aliás pouco se importavam com a philosophia do velho de Königsberg, offereceu a doutrina da «autonomia moral» um agradável pretexto para, em nome da moralidade, pôrem de parte a Deus e á religião, e prestarem homenagem á doce liberdade da vontade propria.

O supremo Legislador e Juiz é assim removido de cima de nós, e cada qual pode viver «á rédea solta». Não devemos por isso estranhar que muitos tenham perdido completamente a noção de humilidade christan, e que até para alguns esta virtude chegue a parecer escandalosa.

Já *B. Spinoza* affirmava : «A humilidade ou não é virtude, ou não é fundada na razão». E' o triste effeito do homem reconhecer a sua impotencia e de se não conhecer a si mesmo. A humildade é uma paixão 1).

Henrique Heine 2) indignou-se contra a

1) *Ethica*, P. IV, prop. 53.

2) *Die romantische Schule*. Erstes Buch, im Anfang.

Egreja Catholica que, pela sua doutrina da «humildade de cão» e «paciencia de anjo», se tornou o mais firme apoio do despotismo.

Ed. v. Hartmann 1) insulta o ensino de Jesus Christo sobre o «abatimento proprio», por exigir que tenhamos de nós mesmos o mais baixo conceito. «Quando se impede ao homem o sentimento da verdade, para descer na estima propria abaixo de um nivel, precisa elle então de obrar, pelo menos externamente, como si de si fizesse a peor idéa; tem de obedecer cegamente a uma vontade estranha que se lhe impõe...» Desta maneira teria Jesus recommendado a hypocrisia!

O homem deve abater-se tão profundamente com o sentimento da sua culpabilidade, que já não encontre em si vestigio algum de apoio moral. — Só assim, valendo-se de uma tão grosseira adulteração da verdade, conseguiu Hartmann aviltar a doutrina christian sobre a humildade.

Mas quem com mais audacia sáe a campo contra a virtude é o philosopho do «supra-homem».

Segundo *Fr. Nietzsche* 2), a humildade, a obediencia e a paciencia pertencem á

1) Besonders in seiner Schrift: Das Christentum des Neuen Testaments (1905) 141 e seg.

2) Zur Genealogie der Moral (1892) 29.

«moral dos escravos», que triumphou por meio do christianismo. A plebe opprimida classificou pouco a pouco de virtudes «os instinctos de conservação», aliás uteis ás massas subjugadas. Assim, o aviltamento passou fraudulentamente por humildade, a sujeição ao oppressor por obediencia, a pusillanimidade por paciencia.

O christianismo, com a sua doutrina acerca da humildade, é escravidão, escarneo e mutilação de si mesmo 1). Verdade é que tão radicaes como este escriptor ha relativamente poucos.

A maior parte dos racionalistas ainda respeita, pelo menos apparentemente, a humildade. Parece terem um vago sentimento de que uma ethica sem esta virtude causaria má impressão nos simples, e dahi o seu empenho em falarem della nos seus avariados systemas de moral, embora não seja sinão para guardar o decôro.

Já em *Kant* 2) encontrámos um exemplo frisante. Apesar da sua «Autonomia moral», pretende salvaguardar a humildade. Mas que vem a ser no seu systema esta virtude? O chegar o homem ao conhecimento da sua propria insignificancia, comparando-se com a perfeição da

1) Der Antichrist, Nr. 27 und 43.

2) Tugенlehre, Werke (Ausg. Hartenstein. 1838) V, 268

lei moral. Isto, porém, está muito longe do ser humildade, porque um libertino, um ladrão ou um Judas pôde muito bem conhecer o seu nenhum valor em relação á lei moral, e comtudo ser orgulhoso e arrogante.

A humildade kantista leva antes á divinição do proprio individuo. Kant diz ainda: «do facto de podermos legislar internamente, e do homem (physico) se sentir impellido a honrar o homem (moral) na sua mesma pessoa, segue-se a exaltação e a maior estima propria como sentimento do seu valor intimo». O homem possui «uma dignidade incontestavel que lhe inspira o maior respeito para comsigo mesmo».

Certamente possui o homem uma dignidade incontestavel; esta, porém, não pôde consistir em se arvorar elle em supremo legislador, mas sim em ser a imagem de Deus pelo seu espirito, e em ter-lhe o Creador imprimido no coração a lei moral como expressão da lei eterna. Agora honrar-se como autor da lei moral, e usurpar o lugar de Deus, não é humildade mas refinado orgulho e idolatria do amor proprio.

Compreende-se, pois, a razão por que Kant, partindo do seu ponto de vista, fale tão desdenhosamente da oração, da

adoração, do acto de ajoelhar, de ir á igreja, etc. 1).

Schleiermacher foi o primeiro que pretendeu conciliar o pantheismo com a humildade. Segundo elle, a humildade é «o sentimento da inteira dependencia do Absoluto», e esta humildade constitue a essencia da religião. Por «sentimento de dependencia» só se pôde entender aqui o sentimento ou a consciencia da dependencia de Deus,

Mas como pôde haver um tal sentimento si o homem faz parte do Absoluto ou, melhor, está identificado com elle ? Deus ou o Absoluto é, na opinião de *Schleiermacher*, «a totalidade de todo o sêr». O homem pertence tambem ao Absoluto, e ninguém pode depender de si mesmo. De resto, o simples conhecimento da dependencia do Universo é talvez menos proprio para constituir a essencia da humildade do que o conhecimento da gravitação universal. A razão é porque a humildade não reside no entendimento, mas na vontade, como adiante veremos.

Fr. Paulsen 2) vê a humildade no «sentimento da propria pequenez e insufficiencia em face do Infinito», isto é, do Uni-

1). Die Religion innerhalb der Grenzen der blossen Vernunft, Werke VI, 381 e seg.

2) System der Ethik I, 7-8 (1906) 435-436.

verso — conceito quasi semelhante ao Absoluto de Schleiermacher. Paulsen é pantheista, e portanto, segundo elle, ao homem convém não o sentimento de pequenez, mas da immensidade; pertence-lhe não a humilde sujeição, mas a adoração e o incenso, pois que lhe corre nas veias o sangue divino.

Segundo *Guilherme Wundt* 1), que também presta culto ao pantheismo, a humildade consiste no sentimento de que nós, os homens, estamos ao serviço de uma obra infinita, que vem a ser o ideal moral (o progresso da humanidade). Wundt, porém, não pôde negar que a generalidade dos homens entende por humildade uma coisa muito diversa. Tomar por humildade o abandono ao concurso do progresso não passa de pura fantasia. Pôde alguém entregar-se totalmente ao serviço da civilização, no sentido do philosopho, e não obstante ser altivo e soberbo. Wundt pretendeu apenas dar a definição da humildade a seu modo, por ter a vaga percepção de que uma ethica sem aquella virtude scandalizaria os leitores imparciaes, e outro conceito da humildade não é compativel com o seu systema.

Mas não são só os materialistas e pantheistas que se vêem forçados a adulte-

1) Ethik III, 4 (1912) 158.

rar a humildade para a introduzirem em suas theorias; ainda, muitos que querem pertencer ao christianismo, e até pretendem passar por «theologos evangelicos», já não sabem de que modo hão de tratar aquella virtude. Affirmam querer apenas combater a noção catholica da humildade, mas de facto dirigem os seus ataques contra o que Jesus Christo ensinou por meio da palavra e do exemplo.

A *Ritschl* 1) censura acicamente as palavras da «Imitação de Christo» (I, 7): «Si em ti possues algum bem, pensa que os outros os têm maiores, para assim conservares a humildade. Nada perdes si a todos te submetteres; mas grande mal é que te anteponhas a um só que seja». Segundo *Carlos Thieme* 2), os christãos evangelicos precisam guardar-se sempre do demasiado apreço do citado livro de Thomaz de Kempis. Considera a humildade ahí ensinada sob o principio: *Alma nesciri, pro nihilo reputari* 3), como «uma indigna humilhação do homem, porque lhe paralyza e aniquila toda a energia de obrar».

1) Unterricht in der christlichen Religion, § 73.

2) Die christliche Demut., 1 Teil (Giessen 1906) 10,

3) Deseja que te não conheçam e te desprezem (Im. de Chr. I, 2).

W. Hermann 1) protesta contra a comprehensão daquelles que definem a virtude da humildade como o desprezo de si mesmo, produzido pelo conhecimento proprio. Esta concepção, diz elle, é «anti-christan».

O theologo de Göttinger, *A. Titrus* 2), é de opinião que «Nietzsche não se afastou da verdade, quando affirmou que a compaixão, a paciencia e a humildade usurparam fraudulentamente o nome de virtudes, pois que, como conceitos moraes, primitivamente pertenciam ás camadas mais infimas da civilização».

Para *Max Scheler* 3) «a humildade resume-se numa promptidão espiritual, existente no intimo do nosso sêr, para servirmos todas as coisas, boas e más, bonitas e feias, vivas e mortas. E' a repercussão interior do grande movimento da divindade christan 4), em que nos despojamos gostosamente da nossa grandeza e majestade, para nos tornarmos escravos voluntarios e contentes de todas as creaturas.

1) In Haucks Realenzyklopädie für protestantische Theologie und Kirche IV (1898) 571.

2) Die religion in Geschichte und Gegenwart. Handwörterbuch, herausg. von F. M. Schiele, Artikel Demut.

3) Abhandlungen und Aufsätze (1915) I 9 ff.

4) das Christlich-Göttliche ?

Somos «humildes» quando executamos este movimento até nos esquecermos totalmente de nós, desprezando o nosso sêr com todo o seu valor e dignidade pessoal — sem nos preocuparmos com o que por isso nos possa succeder — mas confiando cêgamente em que esse movimento, emquanto é «divino», nos pôde também ser útil para a salvação. O verdadeiro «abandono» de todo o nosso sêr não receia mesmo lançar-se no *terrivel vácuo* (nada ?) que abre as suas tremendas fauces para lá de todo o *eu* relativo, consciente ou semi-consciente.

Estas exposições são pouco próprias para nós explicarem a essência da humildade. A promptidão espiritual pôde chamar-se um effeito daquela virtude, mas não a humildade em si, que tem por objecto moderar a nossa tendencia natural para a ostentação e grandeza, como adiante veremos. Além disso, o humilde sujeita-se devidamente aos outros sêres racionais, emquanto são imagem de Deus, mas não ás creaturas irracionais que devem servir ao homem. Também não precisamos de nos «despojar» do nosso *eu*, nem do seu valor e dignidade. Temos apenas de reconhecer, como pede a verdade, que todo o bem que possuímos deriva de Deus, e que por isso a Elle pertence toda a honra e glória.

Scheler diz ainda: «A humildade é uma modalidade do amor que, semelhante aos raios do sol, derrete o duro gelo da soberba em que está submerso o nosso mísero eu. Nada mais agradável do que ver como o amor, introduzindo-se pouco a pouco no coração soberbo, o captura e torna humilde» 1).

A humildade vae, com effeito, de encontro á soberba; mas por isso mesmo não pôde ser uma modalidade do amor, pelo menos do amor para com os homens. Si o amor de Deus e a humildade estão intimamente unidos entre si, constituem no entanto virtudes essencialmente distintas.

Como curiosidade, mencionaremos ainda a humildade ensinada por *P. Pflüger* 2) — pastor protestante — aos seus parochianos de Zurich. A humildade, diz elle, é «o sentimento de veneração para com a alma infinita do mundo», isto é, «a razão por que nos sujeitamos ás leis da natureza e nos esforçamos por conhecê-las cada vez melhor». «Deus e natureza são afinal uma coisa só... Chamamos Deus, ou alma do mundo, ao mesmo

1) Abhandlungen und Aupsätze I. 17.

2) Grundriss eines modernen Moral- und Religionsunterrichts für die reifere Jugend (Zurich 1907) 16.

mundo considerado na sua essencia intima». A oração, segundo o mesmo autor, é «a expressão de sentimentos nobres e collectivos e de piedosos (!) propositos», mas não tem por fim mudar a vontade de Deus», porque «esta não é outra coisa sinão a lei da natureza». Por reino dos céus entendeu Jesus Christo «uma humanidade levantada da miseria». Seu pensamento dominante era este: «Venha á terra um reino do céu». Não se trata de um reino do céu na eternidade.

Desta maneira em muitas espheras sociaes a humildade é hoje abertamente insultada ou pelo menos desconhecida e desfigurada. Será certamente tarefa util e vantajosa investigar o que seja esta virtude segundo o ensino da sagrada Escripura e da Igreja catholica.





CAPITULO II

Noção da humildade. Seu contraste com a soberba

Soberba e humildade são geralmente consideradas como coisas oppostas. O humilde não pôde ser soberbo, nem o soberbo, humilde. Excluem-se mutuamente, como a luz e as trevas. Esta idéa apparece com frequencia na sagrada Escriptura. Lemos, por exemplo, nos Proverbios: «Onde ha orgulho, ahi haverá tambem ignominia; mas onde ha humildade, haverá sabedoria» 1). E em outro lugar: «A' soberba succede a humilhação, mas alcança honra aquelle que é humilde de espirito» 2). «Ao povo humilde darás auxilio, e humilharás os olhos dos soberbos 3), diz a Deus o Psalmista. Jesus Christo acrescenta: «Quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado» 4).

1) Proverbios, XI, 2.

2) Proverbios, XXIX, 32.

3) Psalmos, XVII, 28.

4) Matheus, XXIII, 12. Lucas, XIV, 11.

O soberbo exalta-se e por isso Deus o humilha; o humilde, porém, que a si mesmo se despresa, é por Elle exaltado.

Esta exhortação é repetida pelos Apóstolos S. Pedro 1) e S. Thiago 2): «Resiste Deus aos soberbos e dá aos humildes a sua graça».

O que vem, pois, a ser humildade, e que se entende por soberba? Responderemos primeiro á ultima pergunta. A soberba é-nos melhor conhecida do que a humildade, porque esta occulta-se, e aquella convive connosco de um modo mais claro e patente. Pelo conhecimento da soberba chegaremos facilmente a perceber a sua contraria — a humildade.

§ 1. A soberba

E' natural ao homem a tendencia para a distincção e grandeza. O que é distincção? Distingue-se aquelle que sobrepuja os outros pelas suas qualidades e pelos seus bens. Um artista distingue-se quando exerce a sua arte assignaladamente, ou possui uma perfeição fora do vulgar, a ponto de exceder o commum dos outros.

E não só pela arte pôde o homem salientar-se: tambem pela erudição, sciencia,

1) 1ª Pedro, V, 5.

2) Thiago, IV, 6.

virtude, talento, qualidades corporaes ou espirituaes, nascimento, riqueza, etc.

A propensão natural que nós excita a distinguir-nos é consequencia necessaria do amor proprio. Pelo facto de o homem se amar a si mesmo, sincera e incondicionalmente, deseja tambem para si todo o bem possivel; deseja exaltar e pôr em realce a sua personalidade. Daqui resulta que nem toda a tendencia para a grandeza e distincção é condemnavel. Do contrario teriamos dentro de nós mesmos um invencivel inimigo do esforço em alcançar a virtude. E'-nos permittida uma tendencia justa para a grandeza e distincção."

Essa tendencia só é reprovavel quando ultrapassa os limites marcados pela razão — como succede na soberba. O soberbo aspira a uma distincção mais alta do que a que lhe pertence pela natureza ou gráu de perfeição que Deus lhe assignalou. Pretende levantar-se acima de si mesmo e ser mais do que na verdade é ou pôde ser. Estende a mão á corôa que lhe não pertence. Por ser a soberba a demasiada estima propria e elevação sobre si mesmo, costuma tambem chamar-se-lhe: orgulho, altivez, presumpção, arrogancia, vaidade e vangloria, termos estes que indicam todos uma pronunciada tendencia para a desmesurada concepção propria, para a egola-

tria. O soberbo tem de si um conceito mais elevado do que pede a verdade; estima-se em demasia, quer occupar um lugar mais alto do que lhe é devido, e dahi lhe nasce o desprezo do proximo.

Com razão, pois, chama S. Agostinho á soberba «o desejo desordenado da grandeza» 1) S. Thomaz e muitos outros theologos são unanimes em a definir «o excessivo desejo da distincção» 2).

Daqui se conclue que só pode distinguir-se quem possuir bens que de alguma sorte o elevem acima dos outros.

S. Gregorio Magno 3) e depois d'elle S. Thomaz 4) assignalam tres modos de alguém aspirar desordenadamente á distincção: Primeiro, attribuindo a si mais ou maiores bens do que na verdade possui; segundo, radicando em si mesmo os bens corporaes ou espirituaes, naturaes ou sobrenaturaes que realmente possui; òu convencendo-se de que os alcançou de Deus em virtude dos meritos proprios; terceiro, finalmente, attribuindo a si só, em opposição aos outros, certos

1) De civit. Dei, 14, 13. Superbia est perversae celsitudinis appetitus.

2) S. theol., 2. 2, q. 132, a 4: q. 152. a 1 et 2.

3) Moral, 23, 4 (6) (Migne, P. I. LXXVI, 258).

4) S. Theol., 2, 2, q. 152, a. 4.

bens, e tomando daqui occasião para os desprezar. Em todos estes tres casos o homem se exalta e pretende ser mais do que na realidade é.

A soberba pôde ser carnal e espiritual: carnal, si procura distinguir-se pelos bens materiaes ou corporaes, como riqueza, descendencia, belleza, força, etc.; espiritual, si faz alarde dos dons espirituaes, como sciencia, arte ou virtude. «A sciencia incha», diz S. Paulo 1), e com razão, pois o sabio facilmente presume da sua sabedoria e despreza o proximo por causa de sua ignorancia.

S. Gregorio Magno 2) chama á soberba a rainha, mãe e raiz de todos os vicios. Por isso não a conta entre os sete peccados capitaes, que, segundo elle, são: ambição, cubiça, gula, luxuria, preguiça, inveja e ira. Chamam-se estes vicios capitaes por serem como que as raizes donde brotam todos os demais.

Por que não enumera S. Gregorio a soberba entre os peccados capitaes ? E' São Thomaz 3) quem nos explica a razão de tal procedimento: A soberba poderia considerar-se como um vicio á parte, e ser assim contada entre os peccados capitaes;

1) I Corinth., VIII, 1.

2) Moral, 31, 45 (Migne, P. I. LXXVI, 620).

3) S. theol., 2, 2, q. 152, a. 7.

mas neste caso não se chegaria a ver bem a influencia universal que exerce em todos os outros vícios, sendo, como é, a fonte inesgotavel e um caminho seguro para elles. Por isso não se lhes pôde comparar, mas deve occupar um logar distincto para melhor se differenciar delles 1).

Pelo facto de ser a soberba a raiz de todos os peccados, é tambem a causa de toda a ruina que em consequencia delles tem vindo e virá até ao fim dos tempos sobre a humanidade.

Com razão, pois, dizia o velho Tobias a seu filho: «Nunca consintas que o orgulho domine o teu coração, ou tuas palavras, porque toda a ruina teve nelle a sua origem» 2).

§ 2. A humildade

A humildade não se oppõe á soberba, mas procura ainda supplantal-a. Humildade e soberba são inimigos irreconciliaveis que sempre lutam pela posse do coração humano. Deve morrer uma para que a outra viva. São como dois baldes num poço: á medida que um sobe desce o outro; como noite e dia: si um nasce,

1) Ibid., 1, 2, q, 84, a. 2.

2) Tob., IV, 14.

morre o outro. O considerar que a soberba é o manancial perenne de todos os vícios leva-nos facilmente ao conhecimento da summa importância da humildade.

A humildade é uma prostração e aniquilamento da tendencia exaggerada para a distincção e grandeza. O soberbo pretende elevar-se acima de si mesmo e aspira a um grau de distincção e grandeza maior do que na verdade lhe compete; o humilde, pelo contrario, illuminado pela fé, retém nos seus justos limites essa aspiração: não quer ser, nem parecer mais do que é na realidade. Por conseguinte, a humildade é a virtude que retém nos justos limites a tendencia do homem para a distincção e grandeza, ou a virtude de não aspirar desmesuradamente á distincção e grandeza 1).

E' portanto, em certo modo, analoga á temperança: esta mantém nos seus justos limites os prazeres sensiveis, evita nelles os excessos; a humildade refreia a propensão natural para a distincção, contendo-a nos seus verdadeiros limites.

A tendencia exaggerada para a distincção é ás vezes reprimida por uma causa externa; neste caso a humilhação não é virtude, mas sim castigo. Neste sentido emprega muitas vezes a sagrada Escri-

1) S. Thom., S. theol. 2, 2, q. 161. a. 1 et 2.

ptura o termo — humildade; por exemplo no psalmo LXXIV: «Deus é o juiz: a um humilha e a outro exalta», e em Isaías 1) diz Deus: «Eu humilharei os soberbos». Portanto, o abatimento externo chama-se também humilhação, porque deve e naturalmente produz humildes sentimentos.

O homem pôde por sua livre vontade conter nos justos limites a tendencia para a distincção, por isso se diz humildade o reconhecimento voluntario da propria vileza, ou, como ensina S. Bernardo 2), a virtude pela qual o homem, conhecendo-se verdadeiramente, se tem como coisa vil e sem valor. S. Thomaz 3) chamavalle tendencia louvavel para a abjecção.

Pela quasi identificação da humildade e desprezo proprio poderia alguém ver-se tentado a considerar a humildade como uma virtude do entendimento, porquanto estimação e desprezo são juizos e, como taes, actos intellectuaes; mas sem razão. A humildade é uma virtude da vontade. O entendimento tem por objecto a verda-

1) XLV, 2.

2). De gradibus humilit. I, 2 (Migne, P. I. CLXXXII, 942): Humilitas est virtus, qua homo verissima sui cognitione sibi ipsi vilescit.

3) S. theol., 2, 2, q. 161, a. 1 ad 2: Laudabilis in ima dejectio.

de, mas não pôde elevar-se ao bem, ao perfeito e ao grande, que são o objecto da vontade. Quando a vontade ultrapassa o devido gráu de distincção e grandeza, dá-se á soberba ; mas pratica a humildade si mantém esta tendencia nos limites marcados pela razão. Portanto, a humildade reside essencialmente na vontade, embora a sua direcção e regra esteja no exacto conhecimento do que é devido ao homem em distincção e grandeza, segundo o gráu de ser e perfeição que Deus lhe assignalou.





CAPITULO III

O fundamento da humildade consiste no perfeito conhe- cimento de si mesmo

O exacto conhecimento de si mesmo é a condição e a raiz da humildade. Sem este conhecimento não pôde ella existir. «Conhece-te a ti mesmo», tal era o proverbio que os philosophos gregos já consideravam o principio da sabedoria. Para nenhuma virtude, porém, é tão necessario este perfeito conhecimento de si mesmo como para a humildade.

Mas como é possível — poderá alguém perguntar — conciliar o desprezo de si mesmo com este conhecimento proprio? Não é elle na ordem da natureza o retrato de Deus, a corôa e o rei da criação?

Cheio de assombro á vista da grandeza do homem, exclama o Psalmista: «Pouco menos que os anjos o fizeste, coroaste-o de gloria e de honra e o constituiste senhor das obras de tuas mãos; tudo collo-

caste debaixo dos seus pés» 1). Pela sua alma dotada de razão e de vontade, o homem é com`effeito immensamente superior a todos os outros sêres do mundo visível. Serve, por assim dizer, de demarcação entre dois mundos, é o laço que os une. Embora quanto ao corpo faça parte do mundo material, pela sua alma racional eleva-se ás sublimes regiões do espirito, e está destinado á felicidade eterna na mais íntima união com Deus. E que dizer da ordem sobrenatural da graça?

Pela graça santificante não é porventura o homem um membro do corpo mystico de Christo, o templo do Espirito Santo, filho de Deus e co-herdeiro dos Céus?

Sim, tudo isso é verdade; mas ainda assim fica logar bastante para a mais profunda humildade. Basta considerar attentamente a fonte de onde dimanam todos esses bens.

Noverim te, noverim me! exclama S. Agostinho. Conheça-Vos eu, Senhor, para Vos amar; e conheça-me a mim para me desprezar! Este duplo conhecimento constitue o fundamento indispensavel da humildade. Sem o conhecimento claro de Deus é impossivel conhecermo nos pro-

1). Ps. VIII, 6 e seg.

fundamente a nós mesmos. Daqui se vê quanto a comprehensão exacta da humilidade depende da metaphysica ou da concepção do mundo.

Deus só é a grandeza e perfeição infinita, nelle não ha nunca exaggero de honra e de gloria nem, por conseguinte, humildade. Elle possui toda a grandeza possível, e por isso merece todo o nosso reconhecimento e louvor. Nota admiravelmente S. Agostinho : «A complacencia de si mesmo é perigosa para aquelle que tem de guardar-se da soberba ; porém aquelle que é superior a todas as coisas pôde louvar-se quanto lhe approuver, sem perigo de desvanecimento» 1).

O mesmo não succede a respeito das creaturas racionais.

Grande, muito grande é o homem cotejado com a natureza irracional.

Em virtude da sua razão é o seu legitimo senhor. Por conseguinte é para elle uma degradação pôr-se ao serviço dessas creaturas quando devia dominar sobre ellas como rei ; adorar o ouro ou a prata ou tornar-se escravo dos appetites sensuaes.

Pequeno, porém, immensamente peque-

1) In Evang. Ioannis tract., 58, n. 3 (Migne, P. I., XXXV, 1793).

no, não mais que pó é o homem comparado com Deus, seu Creador.

Diz S. Thomaz 1) que duas coisas ha no homem que se devem distinguir : o que é divino e o que é humano. O homem é todo defeitos, Deus todo bondade e perfeição, segundo a palavra do propheta Oséas : «De ti mesmo, ó Israel, procede a tua ruina ; só de mim te vem o auxilio» 2).

Já S. Agostinho diz : «Conhece que tudo quanto em ti ha de bom o tens de Deus e de ti o que é mau»... Nada é nosso a não ser os nossos peccados» 3). Eis a verdadeira fonte do conhecimento proprio que ha de servir como fundamento e norma da humildade. Consideremos portanto o que tem o homem de Deus, e o que tem de si mesmo. De Deus recebeu tudo, quer na ordem da natureza, quer na ordem da graça ; de si nada possui sinão o peccado com suas consequencias. Só quando percebermos bem o que no homem pertence a Deus e á creatura, poderemos comprehender bem a virtude da humildade.

1) S. theol., 2, 2 q 161, a 3.

2) XXII, 9.

3) Sermo 177, c. 5 (Migne, P. I. XXXVIII, 952).

§ I — O homem na ordem da natureza

O homem é uma creatura de Deus. Nisto consiste o maior motivo da humildade, porquanto significa absoluta dependencia e limitação.

S. Thomaz diz com razão que a humildade consiste principalmente na submissão do homem a Deus e no temor para com Elle 1).

Os pagãos, e muito menos os seus philosopho, nunca chegaram a conhecer bem nem a apreciar a humildade. O proprio Aristoteles, tão grande pensador, que aliás esquadrinhou e descreveu minuciosamente as virtudes naturaes com profunda penetração de espirito, nada entende desta virtude.

Com razão diz S. Agostinho 2) que em vão se procura a verdadeira humildade nos livros pagãos; não se encontra nem nos Epicuristas, nem nos Estoicos, nem nos Manicheus, nem nos Platonicos, nem mesmo entre os melhores de seus moralistas.

1) S. theol., 2. 2. q. 151, a. 1 ad 5: Humilitas præcipue respicit subjectionem hominis ad Deum; a. 3, Humilitas proprie respicit reverentiam, qua homo Deo subicitur.

2) Enarr. in Ps. XVIII, n. 18 (Migne, P. I., XXXVI, 270).

«O verdadeiro caminho desta virtude procede de outra parte; vem de Christo, que, estando nas alturas, nos apparece na humildade».

O motivo por que nem Aristoteles nem os outros philosophos pagãos conheceram bem a humildade está sem duvida em que elles nunca chegaram a ter uma noção clara da Creação *ex nihilo* e por isso tambem jamais conseguiram comprehender plenamente a relação do homem para com Deus. Só a revelação sobrenatural tornou esta noção clara, facilitando assim o conhecimento perfeito e a pratica da humildade.

Poder-se-ia, porém, objectar que os pagãos conheciam a soberba e sabiam que ella é a fonte de todos os vicios. Conheciam particularmente a arrogancia que se sublevava não só contra os homens de alta posição, mas até contra os deuses, que por esse motivo a abatiam e humilhavam. Portanto, si conheciam a soberba, é de suppôr que tambem tivessem a idéa do seu contrario. E' verdade que consideravam boa e louvavel a moderação discreta que não se levanta impensadamente contra o proximo nem contra a divindade. Mas isso não é ainda a verdadeira humildade, que se funda no conhecimento do proprio nada. A virtude

christan supõe antes de tudo a noção clara da criação, e essa noção faltou aos antigos e infelizmente vae-se perdendo de novo para muitos novos pagãos.

Precisamos por isso lembrar aqui algumas verdades fundamentaes que embora nos sejam conhecidas do catecismo, nem sempre lhes damos o devido apreço.

«No principio creou Deus o Céu e a terra». 1) «Deus creou o homem á sua imagem e semelhança» 2).

Crear! palavra facil de pronunciar, mas de profunda significação!

O homem só pôde produzir uma obra trabalhando com instrumentos em material já existente, dando-lhe a forma desejada. Si o esculptor não tiver á mão gesso, madeira ou marmore, nunca chegará a levantar uma estatua; necessita além disso de instrumentos, e finalmente tem de aprender pouco a pouco a arte e procurar a idéa para as suas creações por meio do ensino dos mestres e da investigação da propria experiencia.

Por conseguinte, a producção da sua obra depende inteiramente do material e das condições externas.

Em Deus, porém, não succede assim. A omnipotencia divina é absolutamente

1) Genesis, I, 1.

2) Genesis, I, 27.

independente de condições e causas secundarias em suas obras. Não precisa de materiaes, nem de instrumentos, e de si mesmo desde toda a eternidade pðssue as idéas para as suas obras no thesouro da sua infinita sabedoria.

Basta que Elle queira para que as creaturas que antes eram nada em si, e apenas existiam nas idéas de Deus, entrem a existir.

«A' voz do Senhor — exclama o propheta 1), — os Céus se firmaram; Elle disse e foi feito; mandou, e foi creado.» E Judith ora a Deus: «Toda a tua creatura te serve, porque disseste e foram feitas, enviaste o teu espirito e foram creadas e não ha quem resista á tua voz» 2).

O homem é ainda creatura mediata de Deus segundo o corpo e immediata quanto á alma. Todos nós podemos dizer a Deus: «Tuas mãos, Senhor, me fizeram, e me formaram em todo o meu sêr» 3). Por uma palavra da tua Omnipotencia me tiraste do nada e me dêste tudo o que possúo e sou: o meu corpo e alma, meu entendimento e vontade, minha memória e todas as faculdades e órgãos do corpo.

1) Psalmos, LXXXII, 6, 9.

2) Judith, XVI, 17.

3) Job, X, 8.

Todas as mães podem, como a dos Macchabeus, dizer a seus filhos «Não sei como appareceste em meu seio, porque não fui eu quem vos deu o espirito, a alma ou a vida, nem quem juntou os membros de cada um de vós, mas sim o Creador do mundo foi quem formou o homem na sua geração e deu origem a todas as coisas» 1). E em outro lugar : «Peço-te, filho, que olhes o céu e a terra e tudo o que nelles ha, e considera que Deus tirou tudo isso do nada e tambem o genero humano» 2).

Isaias exclama ainda: «E agora, Senhor, és nosso Pae ; barro somos e Tu o nosso oleiro, todos nós somos obra das tuas mãos» 3).

Apesar de ser o homem obra de Deus, e ter recebido do seu Creador muitos e preciosos dons, é todavia formado de tal maneira que sempre terá fundamento bastante para se reputar vil, e miseravel. Consideremos o corpo humano ; é uma obra prima de Deus, e não obstante adverte de continuo ao homem de sua baixeza. Pensemos no modo como foi formado, nas suas muitas necessidades grosseiras e animaes, no trabalho que de-

1) 2 Macchab., VII, 22 e seg.

2) 2 Macchab., VII, 28.

3) Is., LXIV, 8.

manda conserva-lo limpo, sadio e robusto. A quantas doenças não está sujeito, quantas misérias o rodeiam de todos os lados: fome, sede, frio, calor, fadiga, fraqueza! E o que virá a ser elle em breve? Pela morte será pasto dos vermes. Com razão diz Job: «O homem nascido da mulher vive pouco tempo e é cheio de muitas misérias» 1). E o Sabio acrescenta: «Quando o homem morre serão a sua partilha serpentes, sevandijas e bichos» 2).

Admiravelmente diz S. Bernardo: «Pensa donde vieste e córa, onde estás e geme, para onde vaes e treme» 3).

Mas adiante consideraremos que coisa seja o homem quanto á alma, com todas as suas desordenadas inclinações e pecados.

Não foi, porém, bastante o ter-nos Deus tirado do nada; necessita conservar-nos constantemente e dar-nos por assim dizer a vida a cada momento. Todas as creaturas voltariam immediatamente ao nada si Deus as não conservasse de con-

1) XIV, 1.

2) Eccl., X, 13.

3) Sermones de diversis, Sermo 12 (Migne, P, l. CLXXXIII, 571): Cogita, unde veneris, et erubescere; ubi sis, et ingemisce; quo vadis, et contremisce.

tinuo na existencia e não continuasse de algum modo a sua criação. E o motivo é porque as creaturas não têm em si mesmas a razão do seu sêr nem um instante sequer.

Assim como se não podem dar a si próprias a existencia, tambem se não podem conservar nella.

Precisamos ser conservados pela mão de Deus. Por um momento que a Omnipotencia divina as desamparasse, sumir-se-iam no nada, como a pedra em virtude do seu peso cae para a terra si não encontra apoio. Por isso chamamos a Deus o Creador e o Conservador de todas as coisas. Segundo a expressão de S. Paulo, «Deus sustenta tudo com a palavra de sua virtude» 1).

Com tudo o que fica dito, ainda não declarámos toda a dependencia do homem de Deus. O Creador tem tambem de cooperar em todas as potencias do homem, porque este sem o seu concurso nada pôde fazer nem executar. Este princípio tem applicação, como dizem os theologos, até na ordem natural.

Não podemos pensar, querer, falar ou obrar, si Deus não nos assistir, si não concorrer connosco em cada acção. Assim como um menino não pôde ter-se de pé,

1) Hebr., I, 3.

andar, comer nem vestir-se, sem a assistência da mãe, assim o homem nada pôde empregar sem o constante auxilio do Omnipotente. A comparação é ainda muito imperfeita, porque sem o auxilio da mãe o menino pôde pelo menos chorar e queixar-se, ao passo que o homem sem o concurso divino nada pôde absolutamente.

Isto dá-se na ordem natural, mas muito mais ainda na ordem sobrenatural da graça. «Sem mim nada podeis fazer» 1), diz Christo, e, segundo o apóstolo das gentes, nem sequer podemos «pensar alguma coisa por nós mesmos, como por própria virtude; a nossa capacidade vem de Deus» 2).

Mas o homem não depende só directamente de Deus pela criação, conservação e concurso, como todas as demais coisas; depende também indirectamente emquanto necessita das creaturas que o rodeiam para a sua conservação, actividade e perfeição.

Em primeiro lugar precisa do auxilio dos seres irracionais.

Sem a terra que elle pisa, sem os animais e plantas que o servem, vestem e sustentam, sem o ar que respira, sem o sol que o alumia e aquece, não poderia o

1) 1ª João, XV, 5.

2) 2ª Corinth., III, 5.

homem existir, nem muito menos trabalhar e aperfeiçoar-se. Deus creou para elle os innumeraveis sêres do universo, grandes e pequenos, com todas as suas maravilhas, bellezas e harmonias, e para elle os conserva, e sobre elles opera.

Pensamento verdadeiramente sublime e commovente, ter Deus desenvolvido para nós, os homens, uma actividade universal em todos estes milhões e milhões de creaturas differentes ! E' devido ao concurso de Deus que o sol distribue pela terra luz, calor e fertilidade, que as estrellas, de immensa distancia, nos enviam os seus raios, que as plantas e animaes vivem e se conservam com as suas maravilhosas inclinações e instinctos, se reproduzem, nos servem, alimentam e alegam com a sua vista, e que toda a criação pela sua admiravel belleza, ordem e harmonia eleva ao seu Creador o nosso espirito racional.

O homem depende tambem do concurso das creaturas racionais. Só em sociedade é que elle pôde formar-se, conservar-se e desenvolver-se como convém á sua natureza.

Um sem numero de laços o prendem á vida ordenada da sociedade, e bem depressa deixaria de subsistir si tivesse de dirigir-se por si só.

Ainda que toda a natureza irracional exista directamente para o homem, o fim ultimo de todas as creaturas é o mesmo Deus, isto é, a sua gloria. «O Senhor creou tudo por amor de si mesmo» 1). Este fim ultimo do mundo alcança-se, ajudando as creaturas irracionais ao homem a conhecer a Deus, a amal-o, a servir-o, e em consequencia a chegar um dia a possuil-o, isto é, á união mais intima com Elle.

Pelo motivo de haver creado do nada todas as coisas, por conserval-as e dirigil-as, é Deus o seu supremo e absoluto Senhor. Isto vale tambem para o homem. «Do Senhor é a terra e toda a sua plenitude, o orbe e tudo o que nelle habita» 2). «Tudo o que ha no céu e na terra é teu» 3). «Teus são os céus e tua é a terra; o orbe e tudo o que nella há, tu o fundaste» 4).

E' certo que ao homem foi entregue o dominio da natureza irracional, mas com dependencia de Deus e sujeição ao seu supremo dominio; o mesmo homem é servo e creado de Deus e depende inteiramente da sua suzerania. Esta dependencia está radicada na propria natureza humana e é della inseparavel; abrange o

1) Prov., XVI, 4.

2) Psalmo, XXIII, 1.

3) 1º Paral., XXIX, 11.

4) Psalmo, LXXXVIII, 12.

homem todo, em todos os conceitos, sempre e por toda a parte. «Deus é o Rei dos reis e o Senhor dos senhores» 1). Todo o homem deve dizer a Deus com o Profeta : «Sou teu» 2), e ainda : «O' Senhor, sou teu servo e filho da tua escrava» 3). «Tu fizeste o céu e a terra, e tudo o que se contém no ambito do céu; de tudo és o Senhor» 4).

Com estas reflexões attingimos o unico ponto de vista exacto para bem apreciarmos a humildade. A humildade é uma verdade e funda-se na verdade. Grandes e magnificos são os dons de que é dotado o homem, reida criação; mas não é de si que os possui, vieram-lhe de Deus, são uma dadiva da sua infinita bondade e benevolencia. O homem em si nada é e nada pôde; todo o bem provém de Deus, a quem só é devido todo o louvor, honra e gloria. «Delle, por Elle e nelle são todas as coisas. A Elle seja dada honra por todos os seculos» 5). O homem, vil pó da terra, arrebatada a Deus a honra que Lhe é devida quando a si attribue os seus dons e por elles quer ser louvado, sem referir esta honra a Deus. E' semelhante áquel-

1) 1ª Timoth. VI, 15.

2) Salmo CXVIII, 94.

3) Salmo, CXV, 7.

4) Ecl., XIII, 10 e seg.

5) Rom., XI, 36.

le que vaidosamente se inchasse com os vestidos que outrem lhe emprestou. «Por que se ensoberbece a terra e a cinza?» 1), pergunta o Ecclesiastico. E o apostolo S. Paulo escreve aos corynthios: «Que tens tu que não recebesses? Si, porém, recebeste, por que te glorias como si não o tivesses recebido?» 2)

Aquelle que bem se compenetrar destas verdades, confirmadas pela razão e pela fé, será facil ser humilde, isto é, manter aos justos limites a tendencia para a distincção. Sabe que de si nada é, e todo o bem que possui é dom divino. Todo o homem recebeu emprestado de Deus um certo gráu de perfeição e capacidade; deve contentar-se com elle e não assumir a si toda a honra e louvor pelos dons recebidos, mas referil-os unicamente a Deus. Eu sou o Senhor», diz Deus por Isaias, e a ninguem darei a minha honra»? 3) Não a nós, Senhor, não a nós mas ao teu nome dá gloria!» 4)

Pela sua belleza, perfeição e harmonia, proclamam as creaturas irracionais, por necessidade e instincto, as grandezas e glorias de Deus e louvam o seu Autor,

1) Eccles., X, 9: Quid superbit terra et cinis?

2) 1. Cor. IV, 7.

3) XLII, 8.

4) Psalmo, CXIII, 9.

«Os céus publicam a gloria de Deus e o firmamento annuncia as obras das suas mãos» 1). Mas o homem, livre e consciante, deve offerecer a Deus, dispensador de todo o bem e de «quem procede toda a bôa dadiva e todo o dom perfeito» 2), o tributo de gloria e de louvor. O soberbo arrebatada a Deus a gloria e arroga-a a si como um titulo; o humilde, porém, dá a gloria a quem ella pertence de direito.

A soberba é mentira; a humildade, verdade.

§ II. O homem na ordem da graça

Si mesmo na ordem da natureza o homem nada é, si todo o bem lhe procede de Deus e é propriedade sua, que diremos na ordem da graça?

Na ordem da salvação já nos não encontramos no simples estado da natureza. Deus destinou todo o genero humano para uma felicidade sobrenatural que ultrapassa as forças e exigencias da natureza 3).

Todos os homens devem attingir uma felicidade grande sobre toda a pondera-

1) Psalmo, XVIII, 2.

2) Thiag. I, 17.

3) Concil. Vatican., constitutio de fide, c. 2.
Vide Denziger, Enchirid. 1º n. 1786.

ção na visão beatifica. Conforme a este fim sobrenatural dota Deus a todos os homens no momento da sua justificação, de auxílios sobrenaturaes, occupando o primeiro logar a graça santificante, que, no dizer de S. Pedro, é uma mysteriosa participação da natureza divina, que nos torna filhos de Deus e herdeiros do reino dos céus 1). Accrescem ainda as virtudes infusas que nos habilitam para as boas obras na ordem subrenatural.

Todas estas graças são uma pura dádiva que só devemos attribuir á bondade de Deus e aos merecimentos de nosso divino Redemptor. Por meio da sua Paixão e Morte satisfez Jesus Christo pelos nossos peccados, e readquiriu-nos a graça santificante e as virtudes sobrenaturaes.

No santo Baptismo são-nos outorgadas estas graças em virtude dos meritos de Christo, e, si as perdermos pelo peccado, podemos rehavel-as por meio dos outros sacramentos, e assim participar de novo do direito de filhos de Deus.

A graça santificante é-nos absolutamente necessaria para a salvação eterna. Quem não renascer pela agua e pelo Espirito Santo não entrará no reino de Deus 2). Jesus Christo inculca esta mesma doutrina

1) 2ª Pedro, I, 4.

2) João, III, 5.

na na parábola do banquete nupcial 1). Quando o rei (Deus) veio para ver os hospedes e notou que um não tinha as vestes nupciaes, isto é, não possuía a graça santificante, disse aos seus servos : «Atae-o de pés e mãos e lança-o nas trevas exteriores, onde ha choro e ranger de dentes».

Sem este dom gratuito da liberalidade divina, nenhuma obra meritoria poderíamos fazer em ordem á vida eterna. Porquanto só a graça santificante nos eleva á dignidade de filhos de Deus, e dá ás nossas obras um tal valor que as faz dignas da recompensa celeste.

Christo é a cabeça, nós somos os membros Elle é a videira ; nós, os sarmentos, e por isso derrama constantemente nos justos virtudes e graças. «Assim como o sarmento não pôde dar fructo si não permanecer na videira, assim tambem nem vós o podereis dar si não permanecerdes em mim» 2), diz-nos Nosso Senhor Jesus Christo.

A graça santificante é um bem tão grande e extraordinario que nada ha na terra que se lhe possa comparar. E' a perola preciosa que necessariamente temos de possuir, si quizermos obter a posse de

1) Math., XXII, 12-13.

2) João, XV, 4.

Deus no céu. Por isso, vale mais que o mundo inteiro, mais que milhares de mundos. Pois «que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, si vier a perder a sua alma?» 1).

Esta graça é um dom da liberalidade divina; não a poderíamos merecer, nem recuperar depois de perda pelo peccado, si não fôsse a misericórdia de nosso amavel Redemptor, que pelos seus merecimentos nos alcançou a justificação.

Para a consecução do nosso fim ultimo, bem como para a pratica de boas obras, além da graça santificante e das virtudes que com ella se ligam, necessitamos ainda a cada instante da graça effectiva, isto é, da assistencia da graça sobrenatural que illumine o entendimento, estimule a vontade, inspire as boas obras, as acompanhe e complete, segundo ensina o concilio de Trento. 2).

O nosso livre concurso si não é de forma alguma excluido, comtudo dependemos inteiramente da graça divina. Não podemos de um modo agradavel a Deus pronunciar sequer «Senhor Jesus», a não ser no Espirito Santo 3); sem a graça nem ao menos somos capazes de um pensamento sa-

1) Math., XVI, 26.

2) Sess., 6, cap. 16.

3) 1.^a Cor., XII, 3.

lutar, como expressamente ensina S. Paulo: «Não que sejamos capazes de nós mesmos de pensar alguma coisa como por virtude propria, mas a nossa capacidade vem de Deus» 1).

E o mesmo Jesus Christo diz: «Sem mim nada podeis fazer» 2). Por isso diz o concilio de Trento: «Longe de um christão o confiar ou gloriar-se em si, e não no Senhor, cuja bondade é tal para com todos os homens, que nelles reputa como meritos o que não é mais que dádiva sua» 3).

Assim como sem a graça nada podemos fazer de agradavel a Deus, sem ella tambem não podemos vencer as tentações e observar os mandamentos. Menos ainda podemos perseverar no bem até á morte. «Aquelle que perseverar até ao fim será salvo» 4). Poderemos nós affirmar que perseveraremos no bem até ao fim?

O concilio de Trento anathematiza aquelle que sem especial revelação divina asseverar com certeza que ha de conseguir a grande graça da perseverança final 5).

«Aquelle que está de pé veja que não

1) 2.^a Cor., III, 5.

2) João, XV, 5.

3) Sess., 6, cap. 16.

4) Math., X, 22; XXIV, 13.

5) Sess., 6, cap. 16.

caia» 1), diz S. Paulo. E o mesmo apóstolo exorta aos phillipenses: «Trabalhae na vossa salvação com temor e tremor» 2).

O homem é um sêr fraco e debil, é uma canna fragil. Emquanto viver, pôde abusar da sua liberdade, desperdiçar as graças e perder-se. S. Paulo confessa de si mesmo: «Castigo o meu corpo e o reduzo á servidão, para que não succeda o caso que, tendo eu prégado aos outros, a mim proprio me condemne» 3). Quando um S. Paulo, não attendendo ás graças extraordinarias que lhe haviam sido dispensadas, tanto receia da sua salvação, quanto não havemos de temer nós que não passamos de homens vulgares?

Reconheçamos, pois, que tçdo o bem que em nós ha, tanto na ordem da natureza como na ordem da graça, é um dom da bondade de Deus.

Ponhamos de parte todo o bem que nos não pertence e nada nos ficará. Podemos todos dizer a Deus com o Psalmista: «O meu sêr é como nada diante de ti; só vaidade é todo o homem vivente» 4). «O que é o homem para que te lembres d'elle, ou o filho do homem para que o vi-

1) 1.^a Cor., X, 12.

2) Phil., II, 12.

3) 1.^a Cor., IX, 27.

4) Salmo, XXXVIII, 6.

sites? 1). E Isaías acrescenta: «Todas as gentes são diante de Deus como si não fossem e como nada e vaidade são reputadas diante d'elle» 2). «Todos os povos são avaliados como uma gota no balde, como um estater na balança» 3).

Si todos os povos são como si não fossem diante de Deus, que deveria logo dizer de si um só homem que é como nada em comparação de todos os povos? Ousará elle, miseravel bichinho da terra, levantar-se orgulhosamente contra Deus?

Nada resta, pois, ao homem de que possa gloriar-se. «Onde está o teu motivo de gloria? Não existe» 4). Apenas lhe restam motivos de confusão, como é o peccado.

§ III. O peccado, unica e verdadeira propriedade do homem

Todo o homem nasce peccador. Em nossos primeiros paes elevou Deus a humanidade inteira á ordem sobrenatural, adornando-os de sublimes graças e virtudes. Nelles a concupiscencia estava inteiramente sujeita á razão. Si perseverassem no

1) Salmo, VIII, 5.

2) Is., XL, 17.

3) Is., XL, 15.

4) Rom., III, 27.

bem, não soffreriam doenças nem a morte. Todos estes preciosos dons se transmittiriam aos seus descendentes, si sahissem victoriosos da prova a que Deus os sujeitou.

Mas desgraçadamente não succedeu assim. «Por inveja do demonio» 1) vieram ao mundo o peccado e a morte. Em figura de serpente, appareceu a Eva o demonio e lhe disse: «Si comerdes do fructo prohibido, não só não morrereis, mas abrir-se-vos-ão os olhos e sereis como deuses» 2). Eva cahiu na tentação e foi ainda tentar Adão.

«Levado pela soberba», diz S. Agostinho, «o homem seguiu as seductoras palavras da serpente, e despresou os divinos mandatos.» 3)

O peccado de Adão, pae do genero humano, contaminou toda a sua descendencia, como o declarou o Concilio de Trento 4) por estas palavras :

«Si alguém affirmar que Adão, peccando, não prejudicou os seus descendentes... ou que, perdida a graça pela desobediencia, só transmittiu ao genero humano a

1) Sab., II, 24.

2) Gen., III, 5.

3) Dialog., Q. Q. 65, q. 4. (Migne, P. I. XL, 736) Elatus superbia, suasionem serpentis obediens, præcepto Dei contempsit.

4) Sess. 5, Decret. de peccato originali.

morte e os castigos do corpo, e não o peccado, que é a morte da alma, seja anathematizado, pois vae contra o que diz o Apostolo: «Por um homem entrou o peccado no mundo, e pelo peccado a morte, e assim passou a morte a todos os homens por um só, no qual todos peccaram» 1).

Por conseguinte toda a descendencia de Adão — excepto a Immaculada Mãe de Deus — entrou no mundo peccadora. Todos nós somos «por natureza filhos da ira» e escravos de Satanaz.

Pelo que de nós depende, seríamos excluidos do céu; não nos salvaríamos si o divino Redemptor se não compadecesse de nós. Este pensamento é muito util para abater o orgulho e insinuar a humildade. «Mas Deus, que é rico em misericordia, pela extrema caridade com que nos amou estando nós mortos pelo peccado, nos deu vida juntamente em Christo (por cuja graça sois salvos)» 2). O Filho eterno do Altissimo baixou á terra em forma humana, e reconciliou-nos com Deus por meio da sua paixão e morte. O baptismo fez-nos filhos adoptivos e herdeiros do reino dos Céus. A quem devemos tão assignalado beneficio? Não aos nossos meritos mas á compaixão gratuita de Deus,

1) Rom., V. 12.

2) Ephes., II, 4 e seg.

Não foi, porém, o peccado original a nossa unica herança ; com elle herdámos tambem a tendencia para o mal. Desde que a razão se rebellou contra Deus, o homem inferior rebellou-se contra a razão. «O sentido e o pensamento do coração do homem são inclinados para o mal desde a sua mocidade» 1). E quantos não succumbem nesta luta contra as más inclinações !...

Pelos meritos infinitos do divino Redemptor todos os homens, ainda mesmo os não baptizados, recebem as graças sufficientes para evitar o mal e praticar o bem ; mas a vontade é fraca, e deixa-se muitas vezes arrastar pelas más inclinações. E não somos nós mesmos o nosso unico inimigo ; tambem o mundo e o demonio de continuo nos incitam ao peccado. Deste ultimo, diz o Apostolo S. Pedro: «O diabo, vosso adversario, anda em derredor de vós como um leão que ruge, buscando a quem tragar» 2). E infelizmente é grande o numero dos que se deixam devorar, como ensina o mesmo Jesus Christo «Larga é a porta e espaçoso o caminho que leva á perdição, e multos são os que por elle entram 3). Não

1) Genes., VIII, 21.

2) I Ped., V, 8.

3) Math., VII, 13.

teremos tambem nós trilhado esse caminho? Quantos peccados não temos escripto no livro da nossa vida! Si nos examinarmos seriamente sem nos procurarmos illudir a nós mesmos, teremos talvez de dizer a Deus com o Propheta: «Por amor de teu nome, Senhor, sê propicio ao meu peccado que é grande» 1); e ainda: «os meus peccados multiplicaram-se como os cabellos da minha cabeça» 2), «as minhas iniquidades se elevaram sobre a minha cabeça e pesam sobre mim como um fardo importavel» 3).

E o que vem a ser o peccado, sobretudo o peccado mortal? Uma injuria feita a Deus, uma transgressão voluntaria da sua lei, e o desprezo da sua suprema Autoridade. O homem, quando commette o peccado mortal, sabe que o Senhor contra quem se rebella está presente em toda a parte e tudo vê, e não obstante calca aos pés os seus mandamentos e rejeita a sua amizade, preferindo a esta a satisfação dos seus appetites desordenados.

No dizer unanime dos theologos com S. Thomaz 4), semelhante conducta encerra uma injuria de certo modo infinita.

1) Psalmo XXIV, 11.

2) Psalmo XXXIX, 13.

3) Psalmo XXXIII, 5.

4) Compend. theol., c. 187,

Uma injúria é tanto maior quanto mais pequeno é quem injúria, e maior e mais nobre o injuriado. Ora, sendo infinita a diferença entre Creador e creatura, a injúria feita pelo peccado mortal com certeza será também de alguma maneira infinita. E na verdade é tão grande, que creatura alguma por si mesmo poderá dar uma satisfação condigna á Majestade offendida.

Como nos devemos, pois, julgar, nós que talvez vezes sem conta tenhamos offendido desta maneira a Deus? E qual seria a nossa sorte, si Deus nos tivesse vindo pedir contas segundo o rigor da sua justiça? Teríamos colhido os amargos fructos do peccado: a perda do céu e a condemnação ao inferno. Contra nós teria sido proferida a terrivel sentença: «Aparta-te de mim, maldito, e vae para o fogo eterno que está preparado para o demonio e seus anjos» 1).

A quem devemos o ter sido preservados de semelhante castigo? Acaso aos nossos meritos? Não; devemol-o á misericórdia infinita de Deus. Devemos considerar-nos como prisioneiros, pois só pela bondade divina fomos livres da prisão eterna, e continuamente estamos sujeitos a cahir nella por causa de nossos crimes.

1) Math., XXV, 41.

Mas talvez não pertençamos ao numero dos chamados «grandes peccadores»; talvez mesmo nos reputemos como homens de bem e christãos virtuosos. Não nos deixemos, porém, illudir. Quem pôde afirmar com segurança que nunca commetteu algum peccado mortal ?

Lê-se nos proverbios de Salomão que «sete vezes cáe o justo, e de novo se levanta; o impio, porém, abysma-se no mal» 1); e noutro logar: «Quem pôde dizer: o meu coração está limpo, e eu isento de peccado?» 2). O apostolo S. Thiago diz tambem: «Todos faltamos em muitas coisas» 3); e S. João: «Si dissermos que não temos peccado, enganamo-nos a nós mesmos, e não ha verdade em nós» 4).

Quem nos afiança que, dos muitos peccados commettidos durante a nossa vida, — não sejam alguns mortaes ? E ainda que só tivessemos commettido peccados veniaes, que deveriamos pensar de nós ? Não são tambem injurias feitas a Deus ? E si não cahimos em peccados graves, a quem o devemos ? Com certeza que não é aos nossos meritos e virtudes, mas sim á graça diviná. Si Deus nos não am-

1) Prov., XXIV, 16.

2) Prov., XX, 9.

3) Thiago, III, 2.

4) 1ª João, I, 8.

parasse e impedisse em nós taes quédas, quantos peccados não teríamos commettido !

Devemos tambem dar graças a Deus pelos peccados não commettidos, como observa Sto. Agostinho 1). Nas «Confissões» escreve elle: «E' ainda á tua graça que eu attribuo o não ter commettido mais peccados... e confesso que me foi perdoado o mal que voluntariamente fiz e o que por graça tua não fiz» 2).

Santo Agostinho compraz-se em repetir muitas vezes que todos os seus peccados lhe foram perdoados. Poderemos nós dizer o mesmo ? O Ecclesiastico dá o seguinte aviso: «Não estejas sem temor sobre os peccados perdoados» 3). E' certo que peccámos, mas não o é que estejamos perdoados. Si nos temos esforçado por cumprir o necessario para obter o perdão dos peccados, podemos crêr que Deus nos tenha recebido novamente á sua graça; a certeza, porém, não a podemos ter, segundo o ensina expressamente o Concilio de Trento 4).

O apostolo S. Paulo disse: «Quanto a

1) Sermones de Scripturis, serm. 99, c. 6.
(Migne, P. 1. XXXVIII, 598)

2) Conf., 2, 7.

3) Eccles., V. 5.

4) Sess., 6, cap. 9.

mim, de nada me argue a consciencia; mas nem por isso me dou por justificado; pois o Senhor é quem me julga» 1). A proposito, adverte ainda o sobredito Concilio: «Visto faltarmos em muitas coisas, devemos ter diante dos olhos tanto a misericordia e bondade de Deus, como o seu rigor e justiça; ninguém se deve julgar a si mesmo, porque de si nada sabe, e porque toda a vida do homem será examinada e julgada não por juiz humano, mas sim por Deus, que illumina o recôndito das trevas e patenteia os segredos do coração; e então seremos louvados por Deus que, segundo está escripto, recompensar-nos-á pelas proprias obras» 2). Mas, dado que todos os peccados nos estejam perdoados, a quem o devemos? Unicamente á graça de Deus. E si porventura temos sido preservados de culpas graves, a quem o devemos? Ainda á misericordia divina. Todos nós podemos dizer com razão: Si eu vivesse nas mesmas circumstancias que o joven Agostinho, ter-me-ia abysmado talvez ainda mais do que elle. Ter-me-ia eu mostrado tão fiel á graça de Deus, e trilhado tão valorosamente o caminho da penitencia, como este grande santo?

1) 1ª Cor., IV, 4.

2) Sess. 6, cap. 16.

Resta-nos ainda um apoio para a van complacencia: as boas obras que praticamos. Não temos feito muito bem durante toda a nossa vida? Não temos orado muitas vezes, recebido os Sacramentos e feito actos de fé, esperança e caridade? Não temos praticado a caridade, a abnegação, e trabalhado por cumprir os mandamentos divinos? Certamente; não é preciso cerrar os olhos ao bem que fazemos; podemos até alegrar-nos com isso, e dar graças a Deus. Não temos, porém, razão para nos comprazermos nessas boas obras, porque são mais de Deus do que nossas.

Dons gratuitos de Deus são as forças com que executamos o bem; e porque estas não bastam para o praticar na ordem natural, e muito menos na sobrenatural, providenciou Deus com a sua graça. Esta antecipa, acompanha e completa todas as nossas boas obras. Devemos, além disso, ter em conta os defeitos que misturamos a essas boas obras — coisa tão propria para dominar a nossa soberba. Quantos elementos impuros não desfiguram o bem que praticamos! Com razão se lamentava o propheta Isaías de que «todas as nossas justiças eram como panno manchado» 1).

1) LXIV, 6

Quão facilmente envolvemos os nossos bons propositos em vaidade, van complacencia, egoismo, inveja, ambição e sensualidade ! De quantas imperfeições e negligencias nos tornamos culpados ao pol-os em obra.

Pensemos ainda nos peccados de omisão, talvez innumeraveis ; nas graças de que temos abusado ou levemente desperdiçado ! Um dia nos pedirão contas de todas ellas, e com tanto mais rigor quanto maior fôr o seu numero. «A quem muito foi dado, muito será pedido» 1). Como facilmente nos engana o amor proprio acerca das nossas suppostas virtudes ! Talvez se possam tambem applicar a nós as palavras do Apocalypse, dirigidas ao Anjo de Laodicéa : «Dizes : Sou rico, vivo na abundancia, nada me falta e não conheces que és miseravel, digno de lástima, pobre, cego e nú» 2).



1) Luc., XII, 48.

2) Apoc., III, 17,



CAPITULO IV

Continuação da materia precedente

§ 1. Exposição mais circumstancia- da sobre a natureza da humildade

Já expuzemos succintamente a noção da humildade 1). Agora, depois de conhecermos o homem, vamos esforçar-nos por apresentar uma explicação mais completa.

O homem é uma creatura tirada do nada; sem a assistencia da mão de Deus não poderia subsistir, e sem o concurso divino nada poderia fazer. E' um peccador que assignala a sua vida com peccados e defeitos, e que nunca será perfeito si não viver na graça e amizade de Deus e nella perseverar até ao fim.

Será já humilde quem tudo isto conhece ? Nesse caso, todos os verdadeiros christãos seriam humildes, pois as men-

1) Vid. pag. 31 e segs,

cionadas verdades são doutrina certa do christianismo, e por isso verdades que todo o christão tem de crêr firmemente.

Mas não é assim : esse conhecimento não é a humildade, é antes a sua raiz e fundamento. Só quando o coração ou a vontade approvar, acceitar e se submeter a tal conhecimento. e em consequencia mantivér nos justos limites a aspiração á grandeza e distincção, só então é que possuímos a virtude da humildade.

A razão ordena tudo o que o homem appetite por natureza, ainda mesmo o que se refere á sua tendência para a grandeza e distincção, mostrando ao mesmo tempo os limites até onde pode elle chegar em vista da sua inanidade e vileza. A vontade deve conformar-se com esse conhecimento, e, si o faz de um modo constante, adquire a virtude da humildade.

Uma prova de que o conhecimento da propria miseria não basta para se ser humilde, vemol-a claramente nos demonios, que, muito embora conheçam e estejam convictos da sua vileza e subordinação a Deus, perseveram não obstante em soberba.

A' humildade compete, diz S. Thomaz 1), refrear a presumçosa tendencia para os

1) S. theol., 2, 2, q. 161, a. 2 ad 3.

bens grandes e difficeis. «O principio fundamental do refreamento desta tendencia está no temor de Deus, que leva o homem a attribuir a si só o que lhe é devido segundo a medida que de Deus recebeu. Por isso a humildade primeiro que tudo significa sujeição a Deus» 1).

Ainda que a humildade seja na sua essencia uma virtude dependente da vontade e não do entendimento, o seu conhecimento depende tambem em parte da vontade humilde. O primeiro conhecimento da propria vileza precede a vontade. Si esta se sujeita e por elle dirige o seu agir, torna-se humilde, e essa humilde direcção da vontade volta ao entendimento, que assim cada vez com mais nitidez vê o nada da creatura e a sua culpabilidade. Mas, si a vontade pretende ultrapassar os justos limites da distincção, desprezando o que lhe dita o entendimento, começa tambem a actuar

1) R. Eucken diz: «O catholico rejeita a demasiada apreciação do simples homem; pretende considerá-lo como um membro da ordem sobrenatural; para elle o respeito é o sentimento por excellencia, fundamental» (vêde Tägliche Rundschau, 1918, Unterhaltungsbeilage, Nr. 253). E assim é realmente. Pois, que coisa há que melhor fique ao vil vermezinho da terra na presença da Majestade infinita de Deus do que o profundo respeito?

sobre elle, perturbando-o, debilitando-o e sujeitando-o por fim aos seus proprios appetites.

Entendimento e vontade estão por natureza tão relacionados entre si, que não pôde haver desharmonia ou opposição duradouras entre o conhecer e querer. Si a vontade não segue o entendimento, logo actua nelle em seu proveito e leva-o a considerar mais as suas vantagens do que os seus defeitos e fraquezas.

A soberba nasce de ordinario quando o homem considera exclusivamente os seus meritos e esquece os proprios defeitos e a sua dependencia de Deus. Para isto, concorre naturalmente o egoismo desordenado da vontade.

Começa o homem por se estimar em excesso, por se comprazer nas suas boas qualidades e formar de si mesmo uma opinião mais alta do que pede a verdade; e termina por se reputar digno de honraes que excedem a sua posição social e as suas proprias forças, por desejar ardentemente brilhar aos olhos dos homens para ser por elles estimado e honrado, e daqui ao desprezo do proximo, á recusa em se lhe sujeitar, e por fim a parecer-lhe pouco conforme á sua dignidade o submeter-se a Deus é apenas um passo.

O humilde, porém, considera de bom

grado os seus defeitos e fraquezas, e nunca esquece que só a Deus deve todo o bem, por isso despreza-se a si mesmo e conserva a sua vontade nos limites da propria vileza, não ambicionando distincções que não correspondam aos seus meritos.

Orando um dia S Pedro Canisio na cathedral de Ancona, inundou-lhe o coração um raio de luz divina. Era elle um excellente prégador, e além disso dotado por Deus de graças especialissimas ; por conseguinte, facilmente podia deixar-se levar pela soberba. Mas o Senhor abriu-lhe os olhos da alma e mostrou-lhe o verdadeiro fundamento da solida virtude: o conhecimento do proprio nada.

«Conheço», lemos nos seus apontamentos, «que nada sou e nada sei. Só tu, grande Deus, és o principio, centro e fim de todo o bem. Tudo procede de ti, e para ti de novo deve convergir. Em mim tudo é impuro desde que por alguma coisa me reputo. Muito tenho eu peccado por ter tecido e deixado tecer o meu louvor com os dons que me déste. De ora avante têl-os-ei em outra conta. Humildade e simplicidade de coração, eis os caminhos que de futuro hei de trilhar».) 1)

1) Vêde O. Braunsberger, Petrus Canisius. Em Lebensbild (Freiburg i. Br. 1917) 197.

Mas, poderá alguém observar, acaso o empenho em conservar-nos nos limites da propria vileza será coisa para appetecer? Poderá a virtude ter isto como objecto e finalidade?

O ter-se alguém por vil e despresivel, bem como o -conservar-se nos justos limites da sua pequenez e insignificancia não é em si bem ou coisa para desejar; é-o, porém, si considerarmos que tudo isso é devido ao homem pela sua natureza e dependencia de Deus.

O homem sabe que de si nada é sinão miseria e peccado, e que, portanto, lhe compete manter-se nos limites da sua vileza, e moderar a sua tendencia desordenada para a distincção. O esforço em manter-se nos limites da sua vileza assenta sobre o conhecimento do proprio nada e da dependencia absoluta de Deus, fonte de todo o bem; este reconhecimento da verdade é honroso a Deus 1).

A humildade fundamenta-se, portanto, no conhecimento do proprio nada. Daqui podia alguém concluir que a humildade restringe e até de alguma sorte se oppõe á magnanimidade. Mas não é assim; a humildade e magnanimidade podem e até devem existir conjuntamente.

Por uma parte, o bem junto a uma dif-

1) Vêde Lessius, De just. et jure, 4, 4, 54.

ficuldade, visto ser um bem, estimula o appetite sensitivo ; mas, por outra, a dificuldade que acompanha tal bem intimida-o. Por isso a vontade precisa destas duas virtudes para alcançar os bens grandes e difficeis : com uma — a humildade — modera a desordenada aspiração de taes bens, conservando-a nos limites da razão ; com a outra — a magnanimidade — fortifica-se para não retroceder perante qualquer obstaculo, superando-o corajosamente.

A verdadeira humildade não coarcta, pois, a magnanimidade, mas preserva-a de excessos. Podemos aperfeiçoar-nos aspirando á grandeza e distincção, mas dentro dos limites marcados por Deus e pelos caminhos que Elle nos traçou. Temos até o dever de trabalhar pela nossa perfeição. «Sêde perfeitos», diz-nos Jesus Christo, «como vosso Pae celestial é perfeito»; e o Apostolo : «A vontade de Deus é esta : a vossa santificação».

Devemos distinguir-nos sobretudo no amor de Deus, porque nelle está a medulla da perfeição e santidade, como nos ensinou Jesus Christo : «Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, com todo o teu entendimento, e com todas as tuas forças. E' este o primeiro mandamento. E o segun-

do é semelhante a este: Amarás ao teu proximo como a ti mesmo.» 1)

E', por conseguinte, um dever nosso aspirar ao perfeito amor de Deus. Este mandamento não tem balisas, pois exige a mais alta perfeição. Nunca amaremos tão perfeitamente a Deus, que possamos dizer: «Satisfiz ao preceito; o que vae além daqui é apenas de conselho», porque está incluída a mais alta perfeição no preceito do amor de Deus 2).

Com a seguinte comparação melhor se verá a importancia desta verdade. O medico esforça-se por restituir a saude não até um gráu determinado, mas tanto quanto lhe é possível, pois assim o exige o fim do seu officio. As medicinas, porém, apenas se usam na medida em que são uteis á aquisição da saude. São apenas um meio e não por si mesmas appetiveis.

Do mesmo modo procura Deus attrahir a si o amor dos homens no maior gráu de perfeição, pois é este amor o fim de todas as suas disposições salutaes. Por isso o seu grande mandamento exige o mais perfeito amor de Deus: devemos amal-o de todo o nosso coração e com todas as nossas forças. Mas Deus só or-

1) Marc., XII, 30 e segs.

2) S. Thom., S. theol., 2, 2, q. 184, a. 3.

dena os meios para este amor na medida a que a elle são conducentes. Nunca chegaremos a amar tão perfeitamente a Deus que possamos dizer: O mandamento já não exige de mim maior amor. E' certo, todavia, que este preceito pôde observar-se em differentes gráus, com maior ou menor perfeição, e propriamente só é violado quando se commette um peccado grave, pois só este destróe o amor de Deus. Nunca, porém, devemos perder de vista que de nós nada podemos; de Deus nos vêm as forças para praticar o bem, e em Deus, e não em nós, se firma a magnanimidade. Estas considerações não se applicam só á moral, mas a toda a tendencia á perfeição e á grandeza, mesmo noutro qualquer campo.

Devemos aspirar á perfeição nas artes e sciencias, na medida das nossas aptidões, e salvaguardados os deveres impostos pelo officio e posição social. Mas o resultado obtido devemos attribuil-o á assistencia da graça divina, porque só a Deus é devida toda a honra.

A' vista do que até aqui temos dito, facilmente se comprehende o motivo por que a humildade é hoje para tanta gente um enigma insolúvel e até objecto de abominação.

S. Thomaz põe como fundamento da

humildade o respeito para com Deus, que faz com que o homem não attribua a si mais do que lhe pertence, segundo o que recebeu do Creador; por isso humildade significa antes de tudo sujeição a Deus. Entendida assim esta virtude, é manifestamente inutil disputar sobre a sua comprehensão fóra do Christianismo.

Kant, com sua autonomia, rejeita directamente toda a sujeição a Deus e qualifica-a de immoral. Falar a um verdadeiro kantista da graça divina, da própria fraqueza, do peccado e redempção, da oração impetratoria, etc., é falar-lhe uma linguagem que elle não comprehende. Ora, desconhecer isto é ignorar o verdadeiro fundamento da humildade e despenhar-se de algum modo na egolatria.

Actualmente, a maioria daquelles que não encaram a humildade sob o ponto de vista de Kant cáe num vago monismo. Todos são unanimes em negar a existencia de um Deus extra e supratерrestre, a immortalidade da alma, a remuneração depois da morte. A unica positividade em que todos concordam é em substituir o Creador pela theoria do evolucionismo.

Os innumeraveis atomos ou nucleos dynamicos que vagavam em turbilhão pelos espaços, e que deviam ter existido desde todo o sempre, produziram inconsciente-

mente o systema solar, e pela geração espontanea appareceram depois no nosso planeta os organismos inferiores, que, aperfeiçoando-se successivamente, deram por fim origem ao *homo sapiens* — provavelmente descendente dos macacos anthropoides — o qual pouco a pouco chegou á civilização actual. Audaz emprehendedor começou a construir vapores, caminhos de ferro, telegraphos e telephones, submarinos e até balões e aeroplanos, alimentando talvez já dentro de si a arrogada esperança de um dia subjugar a gravitação universal e emprehender uma viagem através do mundo astral.

Na prosperidade o homem é orgulhoso. Como podia abater-se o *homo sapiens* no apogeu do progresso? A quem sujeitar-se? Diante de quem humilhar-se? Elle não é um sêr tirado do nada, mas um resultado do progresso. Não precisa da graça e nada sabe do peccado e de um juizo depois da morte. A arrogancia em defender os seus direitos, o excesso desmedido na mesa, uma insaciavel avidez de gozar antes que a morte o surprehenda e reduza ao nada, eis a sua divisa. Será possivel coadunar taes maximas com sentimentos humildes, com o desprezo de si mesmo?

§ 2. A humildade perante a vangloria e a ambição

A vangloria e a ambição não se confundem com a soberba, assim como também se não confundem a gloria e a honra com a distincção. Para melhor se comprehender tal differença, convém esclarecer primeiro algumas noções. Por fama entende-se o modo como se fala a nosso respeito; em rigor, porém, a fama não está tanto na linguagem como no juizo ou opinião que os outros formam do nosso merito e qualidades. Bôa fama é a bôa opinião que os outros formam acerca dos nossos meritos; má fama, o máu conceito que os outros têm de nós por causa dos nossos defeitos.

A bôa fama de um homem chama-se celebridade quando attinge o ponto culminante e se estende por longinquas regiões. Assim, por exemplo, dizemos de um artista que de repente se tornou celebre, quando, por algum exito imprevisto, a sua fama cresceu e se repercutiu ao longe. Distincção e celebridade não são a mesma coisa. Pôde alguém ser um artista distincto e nunca alcançar celebridade; e, pelo contrario, pôde tornar-se celebre immerecidamente, isto é, mais do que é devido ás suas qualidades e meritos. Ainda que, falando com precisão, a cele-

bridade importe na consideração de muitos, pôde comtudo, em sentido mais amplo, chamar-se celebre aquelle que goza de grande reputação junto de poucos ou até mesmo de um só 1).

A fama tambem differe da honra, pois esta é uma manifestação exterior do apreço que se faz de alguém. Suppõe além do apreço uma manifestação exterior. Si esta se faz por palavras, a honra toma o nome de louvor. Neste sentido vale mais do que a bôa fama. A's vezes, porém, denomina-se honra uma extraordinaria manifestação de estima; neste sentido tem menos valor do que a bôa fama.

Posto isto é facil distinguir a soberba da vangloria e ambição. Por soberba significamos uma tendencia desordenada á distincção e grandeza; por vangloria, a aspiração á honra e reconhecimento dos homens. Esta aspiração nasce da soberba. O que tem em grande conta os seus méritos e nelles se deleita, quer brilhar aos olhos dos homens e ser delles apreciado, louvado e honrado. Por isso a vangloria é filha da soberba, e por sua vez mãe da ambição, que consiste no excessivo desejo das honras, louvores, dignidades, etc.. A ambição está ao serviço da vangloria, pois só se procura

1) S. Thomaz, S. theol. 2, 2, q. 132, a. 1.

honra e louvor enquanto são meios para atingir a glória e celebridade 1).

A humildade, como vimos, oppõe-se á soberba, reprimindo e moderando a tendencia á distincção e grandeza, por isso com ella se estanca tambem a fonte da vangloria e ambição. Mas a humildade ainda se oppõe directamente a estes dois vicios, mantendo nos justos limites a aspiração á gloria e á honra.

Deus possui em si mesmo a gloria em gráu infinito, pois conhece e ama a sua perfeição infinita e nisso encontra a sua felicidade. A gloria que lhe advém da parte das creaturas é a custo uma pallida imagem da gloria que em si mesmo possui. Visto ser elle o Sêr infinito e não poder aspirar a uma grandeza que não possua já, nem estimar-se mais do que é devido, não pôde dar-se nelle qualquer aspiração desordenada á glorificação e á estima das creaturas racionais. Toda a honra e toda a gloria lhe são devidas.

Entre os homens, porém, dá-se coisa muito diversa. A aspiração á bôa fama, á estima, reconhecimento e bom nome, tanto pôde ser bôa e louvavel, como abominavel por exceder os justos limites. Até certo ponto a bôa fama, a estima e

1) S. Thom., S. theol., 2, 2, q. 132, a. 4 ad 2.

consideração é para todos um meio necessario á propria conservação e ao cumprimento dos respectivos deveres. A estima do proximo é, em primeiro lugar, um forte amparo da vida moral. Quem não tiver fama facilmente perderá todo o apoio moral. Pelo facto de todos recearem perder a estima dos outros é que se evitam muitos males.

A estima e consideração do proximo é ainda uma condição necessaria para adquirir e conservar uma posição social e para o exercicio da propria autoridade. Os homens de bem detestam a companhia dos que têm má reputação. E assim é que, quando alguém perde este valioso condão, logo se vê abandonado pelos amigos e conhecidos, e torna-se-lhe por isso impossivel exercer qualquer cargo elevado. Um superior, um juiz, um sacerdote, um commerciante, etc., não poderão manter-se á altura de sua posição, desde o momento em que não gozem da estima do proximo. Um simples artifice e até um criado de servir, si não é moralmente estimado segundo as suas aptidões, não pôde exercer o seu officio.

O aspirar, pois, com moderação á bôa fama, estima e consideração dos homens, visto ser necessario e util a todos, não pôde ser censurado, mas até é muitas ve-

zes um dever. Por isso diz o sabio: «Cuida em adquirir bom nome: porque elle será para ti um bem mais duradouro do que mil thesouros preciosos e grandes» 1).

Sendo a estima e a reputação tão necessarias a todos, é um crime abominavel prejudical-as pela calumnia e detracção.

Aspirar a boa fama, a estima e honra apenas é censuravel quando se faz desordenadamente. De tres modos pôde isto succeder 2): Primeiro, procurando honras e louvores ou vangloriando-se de perfeições que não tem, ou que pelo menos lhe não pertencem, por serem dons de Deus. Neste sentido escreve São Paulo: «Que tens tu que não recebesses? E si tudo recebeste por que te glorias como si o não tivesses recebido?» 3).

Segundo, quando se diligencia captar a estima do proximo por certos dotes que nenhum apreço merecem, como prendas do corpo, nobre ascendencia, riquezas, etc.

Terceiro, finalmente, quando a honra e gloria se buscam por si mesmas, sem se subordinarem a um fim razoavel.

Trabalhemos por nos conhecermos bem, e por aperfeiçoarmos o nosso entendimento; sem nos importar que os outros

1) Eccl., XLI, 15.

2) Vêde S. Thom., De malo, p. 99, a. 1.

3) 1ª Cor., IV, 7.

conheçam nossas boas qualidades, porque isso em nada aumenta a nossa perfeição. O juízo que os homens formam de nós é, por assim dizer, a sombra que lançamos nos seus pensamentos. Por elles não é que nos fazemos maiores ou melhores do que na realidade somos. Tal juízo só é verdadeiro quando nos julga com exactidão; ora, isso raramente se dá.

O juízo dos outros sobre nós é vacilante e incerto; agora exalta e logo abate os nossos meritos. Sendo assim, o desejo de ser conhecido e estimado é vão si não fôr subordinado a um fim nobre. São tres esses fins nobres para os quaes devemos ordenar a aspiração ao reconhecimento e honra 1): O primeiro é a honra e a gloria de Deus. Patenteando-se o bem que ha em nós, Deus é glorificado por ser Elle o Autor e Senhor desse bem. O segundo é o bem que dahi resulta para a salvação do proximo, que se edifica e estimula a imitar o bem que ha em nós, segundo squillo de S. Paulo: «Cada um seja solícito em imitar o bem do proximo».

O terceiro é o bem de nós mesmos, porque, vendo que somos honrados e estimados pelos outros, somos gratos a Deus e mais nos consolidamos no bem.

1) S. Thom., S. Theol., 2. 2, q. 132, a. 1.

Portanto, si alguém pretender manifestar as suas boas qualidades ou comprar-se nellas fóra dos fins supramencionados, saiba que com semelhante acto se vangloria e falta á humildade.

O que se tem dito acerca da vangloria applica-se á ambição das honras. O aspirar ás honras apenas é censuravel nos seguintes casos: primeiro, quando se deseja ser honrado por meritos que se não possuem; segundo, quando se busca a honra propria sem a referir a Deus, que é o autor de todo o bem; finalmente, quando se busca a honra por si mesma, isto é, como fim, sem procurar com ella o bem dos homens.

Como dissemos da gloria, podemos tambem dizer que a honra que se nos tributa não nos torna melhores nem mais perfeitos: a honra é incerta e voluvel como um catavento. Muitos que hoje são honrados amanha serão vilipendiados; hoje acclamam-n'os com «Hosannas» e amanha talvez lhes gritem: «Crucifigae-os». A honra não é, pois, um bem que por si mesmo e sem attenção ao proveito proprio ou alheio mereça ser appetecido.

Antes de continuarmos as nossas reflexões sobre a humildade, ponhamos os olhos em Jesus Christo, mestre e modelo desta sublime virtude.



CAPITULO V

Jesus Christo mestre e modelo da humildade

Nenhuma virtude nos ensinou Jesus Christo com tanta insistencia, quer pela palavra, quer pelo exemplo, como a humildade. «Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração» 1). «Não diz», como nota S. Agostinho, «aprendei de mim a crear o mundo ou a resuscitar os mortos ; mas aprendei de mim que sou manso e humilde de coração. O' salutar ensino ! O' Mestre e Senhor dos mortaes, por cuja soberba foste entregue á morte !» 2).

O mesmo doutor da Igreja diz noutro lugar : «E' tão salutar para o homem a humildade, que o proprio Jesus Christo se dignou recommendal-a com o seu exemplo ! O homem soberbo perder-se-ia eternamente, si um Deus humilhado o não viesse guiar.

1) Math., XI, 29.

2) De sancta virginitate, c. 35 (Migne, P. I., XL, 416).

O Salvador veio procurar o que estava perdido. Ora, o homem perdera-se pela soberba, por isso, depois de encontrado, devia seguir a humildade de Christo» 1).

O Homem-Deus humilhado é para nós o caminho da patria celestial. «Caminha pela humildade, si queres alcançar a gloria eterna. Jesus Christo como Deus é a patria; como homem, o caminho que a ella nos conduz» 2).

O Papa S. Leão Magno affirma sem hesitar que «a victoria alcançada pelo Salvador sobre o demonio e o mundo começou pela humildade e pela humildade terminou... Por isso o ensino das verdades christans não consiste na redundancia de termos, nem no habil manejo da dialectica, nem muito menos na aspiração ao louvor e honra, mas na verdadeira e voluntaria humildade, preferida por Christo a toda a grandeza, e ensinada durante toda a sua vida, desde o ventre de sua Mãe até á morte na Cruz» 3).

Mas como pôde Christo ser humilde? Não é Elle e Filho eterno de Deus e Deus Elle mesmo? E pôde um Deus ser humilde?

1) In Evang. Ioannis tract., 55 - (Migne, P. I., XXXV, 1787).

2) S. Aug., Sermo 124, c. 3 (ibid. XXXVIII, 685).

3) Sermo 7 in Epiphania (Migne. P. I. LIV, 258).

Nosso Senhor Jesus Christo é ao mesmo tempo Deus e Homem. A segunda Pessoa da Santissima Trindade possui desde todo o sempre a natureza divina, e assumiu no tempo a natureza humana. Emquanto Deus, não pôde ser humilde, porque a humildade só a pôde praticar quem é imperfeito e limitado, pois só esse poderá aspirar a uma grandeza que lhe não é devida. Ora, sendo Deus por natureza a mesma perfeição e a infinita grandeza, não pôde aspirar a grandeza alguma que lhe não seja devida. Mas Jesus Christo é também verdadeiro homem em tudo semelhante a nós, menos no peccado 1); e por isso pôde e deve ser humilde 2). A lei da humildade estende-se tanto quanto a creatura racional.

A Incarnação não é um acto de Jesus Christo como homem, mas sim como Deus; não é, portanto, um acto de humildade, que em Deus seria um absurdo, mas uma obra da sua infinita generosidade e benevolencia. «Porquanto, tendo a natureza de Deus, escreve o Apostolo, não julgou que fosse nelle uma usurpação o ser igual a Deus ; mas Elle se aniquilou a si mesmo, tomando a fôrma de

1) Hebr., IV, 15.

2) S. Thom., S. Theol., 2, 2, q. 161, a. 1 ad 4.

escravo, e foi tido na apparencia como homem» 1). Jesus Christo devia existir antes de poder agir como homem.

Mas, apenas incarnado, conheceu, como homem, a infinita grandeza e perfeição da Divindade, de que participava tambem, e o aviltamento da natureza humana, que só á graça devia os sublimes dons com que se achava enriquecida. Ninguem, como o Homem-Deus, attinge a infinita distancia entre o Creador e creatura, por isso ninguem como Elle se compenetra de um sentimento tão profundo de humildade.

Desde o principio do mundo não se fizesa acto tão perfeito de humildade como o que Elle fez no primeiro instante da sua vida, acatando com o mais profundo respeito e submissão os mandatos de seu divino Pae. Esta humildade nunca resfriou no seu Coração Santissimo: a todo o momento podia dizer com verdade: «Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração». Logo no primeiro instante de sua existencia, Jesus Christo offereceu-se em holocausto pelos peccados do mundo.

É isto o que nos ensina S. Paulo ao affirmar que o Filho de Deus, entrando no mundo, disse a seu Eterno Pae: «Não quizeste hostia nem oblação, mas formas-

1) Phil., II, 6 e seg.

te-me um corpo; então eu disse: Eis aqui venho para fazer a tua vontade... 1) Nesta vontade somos santificados, pela offrenda do corpo de Jesus Christo feita uma vez» 2).

Desde o primeiro instante da sua conceição soube Christo que estava encarregado de salvar o mundo, viu todo o caminho de soffrimento e humilhação que tinha a percorrer, e o seu remate final—a morte sangrenta no Calvario; mas por nosso amor abraçou corajosamente todas as humilhações que o esperavam. Quaes os sentimentos que então animavam o seu coração Santissimo nol-as diz S. Paulo: «Lancemos os olhos para o autor e consummador da fé, Jesus, o qual, havendo-lhe sido proposto gozo (ou, como diz o texto grego: em vez do gozo que se lhe apresentou), soffreu a Cruz, sem atender ao desprezo e ignominia» 3).

Muitos exegetas explicam assim estas palavras: Ao entrar no mundo o Salvador, abriu-se-lhe o caminho da honra e do gozo, pelo qual nos podia remir; mas por nosso amor rejeitou-o, preferindo o do soffrimento e da humilhação. O homem-Deus acceitou voluntariamente a morte

1) Hebr., X., 5 e segs.

2) Hebr., X., 10.

3) Hebr., XII, 2.

da Cruz, a confusão e o abatimento, dando assim a toda a sua vida o character de sacrificio. O primeiro passo que deu para a salvação dos homens foi logo um acto de heroica humildade.

Em muitas imagens representa-se o divino Salvador nos braços de sua Mae, fitando a cruz que apparece a distancia, ou abraçando-a encimando um globo que a Virgem sustenta nas mãos. Como são significativas estas allegoricas imagens!

Desde o primeiro instante de sua vida appareceu a cruz ao Salvador, e cada passo que Elle dava no caminho da vida aproximava-lh'a mais e mais. O nascimento é o inicio do caminho da Cruz e uma admiravel manifestação da humildade de Christo. Elle tudo predispõe para vir ao mundo no meio da mais absoluta pobreza e abatimento. O filho de Herodes nasce num palacio real; o filho de Deus, num pobre estabulo. A' semelhança dos reis, que ao subirem ao throno publicam um manifesto onde expõem os principios da sua politica, o divino Salvador no seu nascimento manifesta pelo exemplo as normas do seu governo: a pobreza e a humilhação. Deoressa começam as perseguições. Para se livrar do furor de Herodes, Jesus é levado para o Egypto. Quando a Sagrada Familia volta á Pales-

tia, retira-se com o Salvador para Nazareth, onde Elle vive até á idade de trinta annos, na mais profunda obscuridade, como um pobre artifice.

Mysterio admiravel! O mundo suspira durante milhares de annos pelo Messias, os Patriarchas imploram a sua vinda, os Prophetas vaticinam o tempo, os signaes e as acções da sua vida de humildade e amor, e Elle, apparecendo na terra, vive durante trinta annos, a maior parte de sua vida, occulto e ignorado! Não revela a sua presença com milagres, nem manifesta a gloria da sua Divindade! Apenas delle sabemos que, durante todo esse tempo, estava sujeito a seus paes, e era conhecido, como filho do artifice. Por isso os seus conterraneos, quando pela primeira vez se lhes mostrou como Mestre e Thaumaturgo, espantados exclamaram: «Não é porventura este o filho do carpinteiro, e não se chama sua mãe Maria? Donde lhe vêm, pois, todas essas coisas?» 1). Tão solícito fôra o Salvador em occultar seus attributos divinos!

A necessidade urgente que o povo tinha da sua doutrina e dos seus milagres parece que deveria ter sido razão decisiva para o forçar a patentear-se mais cedo ao mundo. Mas não; Elle tinha coisa mais im-

1) Matth., XII, 55 e seg., Marc. VI, 2 e seg.

portante a fazer confundir e curar a nossa soberba, o nosso excessivo desejo de brilhar. Com quanta eloquencia nos ensina Elle o *ama nesciri* que tanto escandaliza o espirito moderno !

Pasmado perante a humildade de Jesus na sua vida occulta, exclama S. Bernardo : «Até quando, ó Força e Sabedoria divina, Te occultas ao mundo qual homem debil e ignorante ? Até quando soffres, ó nobre Soberano e Rei celestial, que te tenham como o filho do carpinteiro ? O' humildade, ó excelsa virtude de Christo, quanto confundes a nossa soberba e vaidade ! Eu pouco sei, ou, melhor, pouco julgo saber ; e apesar disso não posso guardar silencio e indiscretamente me exalto. Ocultar-se-ia Jesus por tanto tempo por temer a vangloria ? Mas como poderia temer vangloriar-se Aquelle que é o verdadeiro esplendor do Pae ? Temia, sim, não por si, mas por nós, para quem elle muito bem sabia ser a gloria para lemer. Temia para nos prevenir e ensinar. Calava-se a sua bocca, mas pré-gavam as suas obras. O que mais tarde havia de ensinar com palavras, annunciava-o já com seu exemplo : «Aprende de mim, que sou manso e humilde de coração» 1).

1) Sermo 1 in Epiph, Domini,

A humildade é ainda a companheira inseparavel do divino Salvador na sua vida publica. Sujeita-se ao baptismo como peccador; abraça-se com a altissima pobreza, sempre unida aos despresos dos homens, e por isso tão contraria á soberba. No sermão do monte préga a seus discipulos a pobreza, a mansidão, a paciencia, e exhorta-os a soffrer com alegria as humilhações. «Bemaventurados sereis quando vos injuriarem e perseguirem, e disserem todo o mal contra vós, mentindo, por meu respeito. Alegrae-vos e exultae, porque grande é no céu a vossa recompensa» 1). Inculca-lhes ainda que não pretendam manifestar aos homens a sua justiça para alcançar louvor, como faziam os phariseus.

Um dia perguntaram os apostolos a Jesus: «Quem julgas tu ser maior no reino dos Céus (no reino messianico, na Igreja)?» E Jesus, chamando um menino, collocou-o no meio delles e disse: «Em verdade vos digo que, si vos não converterdes e fizerdes como meninos, não entrareis no reino dos Céus. Aquelle que fôr humilde como este menino, esse é o maior nos reinos dos Céus» 2). Segundo S. Marcos, disse tambem nesta occasião:

1) Math., V, 11 e seg.

2) Math., XVIII, 1.

«Aquelle que quizer ser o primeiro, seja o ultimo e o servo de todos» 1).

Por conseguinte, a humildade é o caminho que leva à grandeza no reino mesianico. A pratica voluntaria deve fazer de seus discipulos o que a natureza faz do menino: a imagem viva da simplicidade e da modestia; devem abraçar os humildes sentimentos de menino, a *sancta infantia* 2), como diz Sto. Agostinho. Por isso disse Christo noutra occasião: «Quem não receber o reino de Deus como uma creança, não entrará nelle» 3).

Para acautelar seus discipulos do procedimento altivo e soberbo dos phariseus, propôz-lhes Jesus a parábola do phariseu e do publicano que subiram ao templo a fazer oração: «De pé o phariseu orava desta maneira: «graças vos dou, meu Deus, por não ser como os outros homens, ladrão, injusto, adultero, nem como este publicano. Jejuo duas vezes por semana, e pago dizimos de tudo quanto possuo». O publicano, porém, lá de longe, não ousando sequer levantar os olhos ao céu, dizia, batendo no peito: «Meu Deus, sê propicio a mim peccador». Em verdade vos digo que este foi justificado, mas não

1) Marc., IX, 34.

2) Sermo 353, c. 2 (Migne, P. I. XXXIX, 1561).

3) Marc., X, 15.

aquelle, porque quem se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado» 1).

Esta parábola mostra claramente que o soberbo, alardeando a sua justiça em louca ostentação, e desprezando os seus semelhantes, será repudiado e humilhado por Deus, enquanto que o humilde será por Elle exaltado.

Vendo um dia Jesus como num banquete os convivas se apressavam a occupar os primeiros assentos, propôz-lhes esta parábola: «Quando fôres convidado para algum banquete, não te assentes no primeiro lugar, para que não succeda que, tendo sido convidada outra pessoa mais digna do que tu, venha o que convidou a ti e a ella, e te diga: Dá o teu lugar a este, e tu envergonhado tens de ir occupar o ultimo assento; mas, quando fôres convidado, vae tomar o ultimo lugar, para que, vindo quem te convidou, te diga: Amigo, senta-te mais para cima. E servir-te-á isto então de gloria na presença dos que contigo estiverem sentados á mesa. Porque todo o que se exalta será humilhado e todo o que se humilha será exaltado» 2).

Jesus não se cansa de acautelar seus discipulos da soberba dos escribas e pha-

1) Luc., XVIII, 10 e segs.

2) Luc., XIV, 8 e segs.

riseus: «Guardae-vos dos escribas que gostam de vestir luxuosamente, de ser saudados nas praças e de ocupar as primeiras cadeiras na Synagoga e os primeiros assentos nos banquetes» 1).

O divino Mestre era o primeiro a praticar esta doutrina, que tantas vezes repetia a seus discipulos. «Elle não queria», diz Sto. Agostinho, «que os demais fossem o que Elle não era, e não mandou coisa alguma que Elle primeiro não praticasse» 2). Não procurava a sua gloria, mas a de seu Paê celestial. «Eu não busco a minha honra» 3). E para só a Deus honrar, diz que a doutrina que ensina, e os milagres que faz, não são doutrina sua nem milagres seus, mas do Pae: «A minha doutrina não é minha, mas daquelle que me enviou» 4). «De mim meemo nada posso» 5). «O Pae que está em mim, esse é que faz as obras. As palavras que eu vos digo não as digo de mim mesmo» 6).

O Salvador fala aqui como homem, mas Elle pôde muito bem dizer: O que digo

1) Luc., XX, 46.

2) De sancta virginitate, c. 35 (Migne, P. 1. XI, 410).

3) João, VIII, 50.

4) João, VII, 16.

5) João, V, 30.

6) João, XIV, 10.

e o que faço não procede de minha humanidade como causa ultima; o Pae, que commigo é um só Deus, dá-me poder para assim falar e agir, pois enquanto homem sou apenas um instrumento da Divindade. Jesus, toda humildade, só a Deus attribue toda a honra.

Um dia veio um joven rico ter com o Salvador e fez-lhe esta pergunta: «Bom mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna? Jesus respondeu: Por que me chamas bom? Ninguém é bom sinão Deus» 1). Coisa maravilhosa! Não era porventura Christo bom? Com certeza que o era; mas o joven chamou-lhe bom, não vendo nelle mais que um puro homem. Ora, só Deus é bom por sua natureza e essencia; o homem apenas o será pela graça de Deus. Jesus refere humildemente a Deus, seu Pae, de quem deriva todo o bem e a quem pertence toda a honra, a gloria que lhe é devida. Quiz ensinar-nos com o exemplo o que devíamos fazer.

O divino Salvador mostrou ainda uma admiravel humildade, submettendo-se a todas as disposições de seu divino Pae. «Não procuro fazer a minha vontade, mas a daquelle que me enviou» 2). «Faço sem-

1) Marc., X, 17 e seg.

2) João, V, 30.

pre o que é do seu agrado» 1). Por ter sido enviado unicamente a procurar as ovelhas desencaminhadas da casa de Israel, limitou a sua actividade á Palestina. E Elle, que era pobre, gostava de andar com os pobres e desamparados, com os publicanos e peccadores, fazendo assim perfeito contraste com os soberbos phariseus, que menospresavam estas classes humildes e faziam graves exprobrações a Jesus Christo por conviver com peccadores e publicanos, a ponto de se sentar á sua mesa.

Jesus deu-nos ainda um sublime exemplo de humildade, lavando na ultima Ceia os pés a seus discipulos. Sendo, como era, o Filho Eterno de Deus, o Creador do céu e da terra, lava os pés ás suas criaturas, aos seus servos e até ao proprio Judas, que o havia de trahir! 2). Podia humilhar-se mais? Com semelhante acção teve em vista exhortar os Apostolos a imital-o: «Si eu, sendo Senhor e Mestre, vos lavei os pés, tambem vós deveis lavar os uns aos outros. Dei-vos o exemplo, para que, assim como eu fiz, fazeis vós tambem. Em verdade, em verdade vos digo: não é o servo maior que o Senhor, nem o enviado maior do que Aquelle que o enviou. Si sabeis estas coi-

1) João, VIII, 29.

2) João, XIII, 4 e segs.

sas, bemaventurados sereis si as praticardes».

Os discipulos devem seguir o exemplo do amor humilde e dedicado de seu Mestre. Esta maxima applica-se a todos os christãos, mas de uma maneira especial aos pastores de almas. Na Igreja, governar deve ser servir.

Para commemorar o Lava-Pés da Ultima Ceia e dar cumprimento ás palavras do Salvador, ainda hoje a Igreja prescreve que, na Quinta-feira Santa, os bispos nas respectivas cathedraes lavem os pés a doze sacerdotes ou clérigos; e ainda nos ultimos tempos estava em uso esta cerimonia, até na maior parte das côrtes catholicas.

Não obstante tudo isto, em parte alguma da vida de Jesus resplandece tanto a humildade como na sua sacratissima Paixão: No Jardim das Oliveiras, Christo, prostrado humildemente de joelhos, supplicou: «Pae, si é possivel, afasta de mim este calix; não se faça, porém, a minha vontade, mas a tua».

Via Elle todos os insultos e blasphemias de que ia ser alvo, e os soffrimentos atrocissimos que o esperavam, e aceita humildemente da mão do Pae esse amargoso calix. E' este acto de humilde abnegação o inicio da scena cruenta do

Calvario, onde os máus tratos, as injurias e insultos excedem a toda a ponderação. O Filho de Deus é preso como criminoso e infame, cospem e esbofeteam o seu rosto adorável, e arrastam-n'o de tribunal em tribunal. Herodes trata-o como a um louco, Pilatos manda açoital-o como a vil escravo, coroam-n'o de espinhos como a um rei de comedia, e por fim condemnam-n'o á morte. E agonizando já na Cruz, é ainda blasphemado e despresado pelos phariseus, pelo povo e pelos soldados, até exhalar o ultimo suspiro, depois de ter encommendado o espirito nas mãos de seu divino Pae.

E' com toda a verdade que o apostolo S. Paulo 1) escreve: «Christo humilhou-se a si mesmo, feito obediente até á morte e morte de Cruz. Pelo que Deus tambem o exaltou (emquanto homem) e o coroou de honra e gloria». «Ruborize-se alfim o homem da sua soberba», exclama Santo Agostinho, «visto que Deus por seu amor se fez humilde!» 2).

Numa vista de conjunto, vê-se, pois, que a humildade foi sempre o caminho preferido por Jesus para ser exaltado por seu divino Pae.

1) Phil., II, 8.

2) Enarr. 2 in Ps. 18, n. 15 (Migne, P. I., XXXVI, 163): Jam tandem erubescat homo esse superbus, propter quem factus est humilis Deus.

Humilha-se profundamente nascendo num pobre estábulo, mas os Anjos anunciam aos pastores o seu nascimento e uma estrella guia os Magos do Oriente até ao presepio 1).

Sujeitou-se humildemente á lei dos primogenitos e pôz-se no lugar do sacrificio da Antiga Alliança quando foi apresentado no Templo; mas logo o velho Simeão proclama que Elle é a salvação do mundo, a luz dos povos, posto para perdição de uns e salvação de outros 2). No Baptismo, confunde-se com os peccadores, mas uma voz celestial declara ser Elle o Filho de Deus, em quem o Pae põe as suas complacencias 3).

Ao morrer no patíbulo ignominioso da Cruz, rasga-se o véu do Templo, escurece-se o sol, as rochas fendem-se e resuscitam muitos mortos que apparecem em Jerusalém, e o centurião glorifica a Deus, dizendo: «Na verdade este era o Filho de Deus 4). Finalmente resurgiu glorioso do sepulcro, para nunca mais soffrer. Porque se humilhou e fez obediente até á morte e morte de cruz, «Deus o exultou, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome :

1) Luc., II, 7 e seg. Math., II, 1.

2) Luc., II, 22 e segs.

3) Luc., III, 21 e seg.

4) Luc., XXIII, 45-47. Math., XXVII, 51-54.

para que ao nome de Jesus se dobrem todos os joelhos, nos céus, na terra e nos infernos» 1).

Mas não acabaram com a sua morte as provas da humildade de Jesus. Em todo o orbe da terra, e até ao fim dos tempos, pratica continuamente esta excelsa virtude no Santissimo Sacramento do Altar. Na cruz apenas occultava a sua divindade; na Eucharistia, porém, occulta, sob as especies do pão e do vinho, a sua divindade e humanidade, para continuar através dos seculos e de um modo incruento o Sacrificio do Calvario, e, como verdadeiro manná, dar-se em alimento ás almas.

A que extremo abatimento chega a majestade do divino Salvador! Como se parece com o presépio de Belém a morada de Jesus Hostia! Nella continúa a vida occulta que passou em Nazareth e a humilde obediencia para com todos, até para com os sacerdotes indignos. De quantas irreverencias é elle objecto! Quantas vezes não consente Elle em hospedar-se em corações manchados pelo peccado! Quantos o desconhecem e blasphemam! Mãos sacrilegas chegam até a arrombar os Sacrarios, a pisar aos pés as sagradas particulas, ou a lançal-as a animaes imundos!

1) Phil., II, 8-10.

Quem pôde calcular a humildade do Filho de Deus?! Todavia mesmo aqui tem applicação a sua divina palavra: «Quem se humilha será exaltado». Em parte alguma é Jesus mais venerado e amado do que na Eucharistia. O Sacrario é o centro de todo o culto catholico. A Igreja emprega a arte mais exquisita em adornar a casa de Deus e procura tornar, quanto possivel, bello e digno o culto da Eucharistia. Em parte alguma tambem a graça de Jesus Christo alcança tantas victorias e triumphos, como no Sacramento do Amor.

Per crucem ad lucem. Foi este o caminho que Jesus trilhou; este mesmo hão de trilhar os que o quizerem seguir. A humilhação é o caminho da gloria.





CAPITULO VI

Necessidade da humildade

§ I. A humildade como fundamento das demais virtudes

Jesus Christo praticou a humildade num grau heroico durante toda a sua vida, sobretudo na sua dolorosa Paixão e Morte. Isto só devia bastar para nos convencer da importancia capital desta virtude na vida christan, que deve consistir na imitação da vida do Salvador. O divino Mestre deu-nos o exemplo porque viu ser a humildade necessaria á salvação. Pelo caminho da soberba despenhamo-nos no peccado; pelo da humildade elevamo-nos para Deus. Christo dignou-se ensinar-nos com o seu exemplo este caminho tão penoso, mas necessario para nós; e todos, segundo as suas divinas palavras, temos de seguir tal exemplo. «Eu sou o caminho, a verdade e a vida» 1), isto é, eu sou

1) João, XIV, 6.

o verdadeiro caminho da vida. «Ninguém vae ao pae sinão por mim.»

Os Santos Padres e os theologos são unanimes em nos prevenir da necessidade da humildade. S. Basilio diz que é ella «o thesouro mais seguro de todas as virtudes», 1) e S. João Chrysostomo chama-lhe «a cabeça das virtudes», e a «mãe da verdade»; «quem a possui», accrescenta ainda, «com certeza que possui tambem as demais virtudes» 2). S. Gregorio Magno affirma que a humildade é «a mestra e mãe de todas as virtudes» 3), «e a sua salvaguarda» 4), e S. Hilario que, «segundo a doutrina do Salvador, na humildade se encerram todos os nomes e recompensas da fé» 5). Mas quem sobre todos se esforce por accentuar a importancia desta verdade é Sto. Agostinho. A humildade é para elle «um breve compendio de todos os mandamentos da religião christian».

Escrevendo a Dióscoro, exhorta-o a submeter-se em tudo a Jesus Christo, a

1) Monast. Const., c. 16 (Migne, P. gr., XXXI, 1358).

2) Hom. 47, aliás 48 in Math., n. 3 (Migne, P. gr., LVIII, 485).

3) Moral., 23, 13 (Migne, P. l., LXXVI, 265.).

4) Hom. in Evang., 1. Hom. 7, n. 4 (Migne, P. l., LXXVI, 1102).

5) Tract. in Ps. 118; Littera 20 (Migne, P. l., IX, 631).

não escolher outro caminho para a verdade sinão o que Elle nos traçou com o seu exemplo. «O primeiro caminho é a humildade; o segundo, a humildade, e o terceiro, ainda a humildade, e sempre que me interrogares dir-te-ei a mesma coisa. Não quer isto dizer que não haja outros preceitos a enumerar, mas tão sómente que quando a humildade não se antecipa, acompanha e segue todas as boas obras que praticamos; quando não a temos sempre diante dos olhos e a nosso lado, e nos não reputamos por vis, logo a soberba nos arrebatata todo o merito, pois que naturalmente nos comprazemos nessas boas obras» 1).

Max Scheler 2) tem a humildade como a mais bella das virtudes christans; mas não é exacta tal affirmação. Ha virtudes mais nobres do que a humildade em dignidade e esplendor, como são as virtudes theologaes : fé, esperança e caridade. Uma virtude é tanto mais nobre quanto mais elevado é o seu objecto. Ora, as virtudes theologaes têm por objecto o mesmo Deus, sêr infinito, verdade eterna e fim do homem. A caridade, sobretudo, que nos une a Deus pelo amor, é a corôa

1) Ep. 118 ad Dioscorum (Migne, P. I., XXXIII, 442).

2) Abhandlungen und Aufsätze, I, 9.

e a perfeição de todas as virtudes, é o fim e o cumprimento dos preceitos divinos.

Nenhuma virtude, todavia, nos é tão necessaria como a humildade; e por isso os santos lhe chamam, e com razão, o fundamento das demais virtudes. Assim como o alicerce é a primeira coisa que se faz num edificio, e é elle que demanda maior segurança e firmeza, assim a humildade é a virtude basilar, é a que mais cuidado merece no edificio espiritual.

«Os soberbos», diz S. Gregorio Magno, «porque despresam a humildade, trabalham sem fructo, mesmo praticando boas obras, pois o seu elevado edificio não tem solidez, assenta sobre areia. O edificio que constróem si se levanta é para cair, porque ao começarem a edificar descuraram o seu fundamento — a humildade» 1).

Sto. Agostinho, S. Jeronymo e Cassiano indicam-nos tambem a humildade como a virtude fundamental; e S. Bernardo diz: «A humildadé é o fundamento estabeivel das virtudes; si ella vacilla, logo cahirá em ruina o edificio da virtude» 2).

Muito bem explica S. Thomaz 3) por

1) Moral. 34, 18 (Migne, ibid., XXVI).

2) L. 5 de Consid. c. 14 (Migne, ibid., CLXXXII, 806).

3) S. Theol., 2, 2 q. 161, a. 5 ad 2.

que é a humildade considerada a base das demais virtudes. Sem duvida, diz elle, também a fé é o fundamento da perfeição christan, mas de um modo differente da humildade. O conjunto ordenado das virtudes pôde comparar-se a um edificio. Numa construcção fazem-se primeiro os alicerces, para o que são precisas duas coisas: remover os obstaculos e cavar o terreno até se encontrar chão duro, e depois collocar a pedra fundamental que sustentará as paredes. Pois de modo semelhante se deve proceder no edificio das virtudes christans. Primeiro é preciso remover o grande obstaculo da virtude—a soberba, «o que se consegue por meio da humildade, que torna o homem submisso a Deus e accessivel á sua graça. Feito isto, começa-se então o edificio, collocando a pedra fundamental — a fé, que, segundo as palavras do Apostolo, das gentes, é o inicio da nossa aproximação de Deus: «Aquelle que quizer chegar a Deus, creia antes que Elle existe e recompensa os que o buscam» 1).

«A fé», ensina o Concilio de Trento, «é o principio da salvação dos homens, o fundamento e raiz de toda a justificação; sem ella é impossivel agradar a Deus e pertencer ao numero de seus filhós» 2)

1) Hebr., XI, 6.

2) Sess., 6, cap. 8.

Mas, não obstante ser a fé o principio da salvação, quem chegou ao uso da razão, para ser justificado, deve antes de crer ser humilde.

A soberba é a fonte de todos os peccados. Emquanto ella reinar livremente num coração, nenhuma virtude solida poderá ahi lançar raizes. Em todo o peccado grave ha, como vimos, orgulho e desprezo dos divinos mandatos. Quem, por consequente, quizer alcançar a virtude, deve antes de tudo extirpar por meio da humildade a raiz de todo o mal — o orgulho.

A humildade deve preparar o caminho para a fé, pois esta só acha agasalho em corações humildes. Aos soberbos phariseus dizia Jesus: «Como podereis crer, si recebeis honra um dos outros e não buscaes a gloria que só vem de Deus?» 1). A verdadeira causa da sua incredulidade era, portanto, a ambição e soberba.

Não obstante todos os milagres de Jesus, as cidades de Capharnaum, Bethsaida e Corozaim repelliram orgulhosamente a sua divina palavra. Por isso Jesus lhes annunciou o proximo e terrivel castigo: «Ai de ti, Corozaim; ai de ti, Bethsaida!... E tu, Capharnaum, elevar-te-ás por ventura até aos céus? Serás abatida

1) João, V, 44.

até ao inferno». E depois, dirigindo-se ao seu eterno Pae, diz: «Eu te glorifico, Pae, porque escondeste estas coisas aos sabios e entendidos e as revelaste aos pequeninos. Assim é, Pae, porque assim foi do teu agrado» 1). São palavras estas de acção de graças a seu Eterno Pae por haver incitado e fortalecido os pequeninos, isto é, os ignorantes, mas indigentes de salvação, a acolher as verdades salutaes, que orgulhosamente repelliam os que se tinham por sabios e prudentes. São uma confirmação das supra-ditas palavras: «Aos pobres é annunciado o Evangelho».

A fé exige a sujeição humilde do entendimento á revelação divina, como diz S. Paulo: «Aprisionamos todo o entendimento para que obedeça a Christo» 2).

Devemos ter por verdades muitas coisas que não comprehendemos, ou apenas imperfeitamente comprehendemos, e por isso nos é exigida uma humilde sujeição. Somos além disso obrigados a crer muitas coisas que humilham a nossa soberba: devemos crer que somos creaturas miseraveis a quem Deus tirou do nada e conserva a existencia; que de nós apenas temos o peccado e que só por graça de

1) Math., XI, 20 e segs.

2) 2ª Corinth., X, 5.

Deus e humilde confissão de nossas faltas no sacramento da Penitencia poderemos ser justificados.

E' sobretudo ao soberbo que o divino Crucificado lá está na cruz prégando a humildade, pobreza, paciencia e obediencia. Como poderá praticar a humildade quem faz alarde de sua autonomia, resiste ao Supremo Legislador e Juiz, e tem como heteronomia immoral a sujeição á lei divina? Como poderá humilhar-se quem se vangloria pelos seus méritos, boas qualidades ou talento?

Frederico Leopoldo, conde de Stolberg, protestante ainda, escrevia numa de suas cartas, datada de 1776, depois de uma visita a Weimar: «Goethe é não só um genio, mas também um coração verdadeiramente bom; horrorizou-me, porém, quando, em um dos ultimos dias que estive em Weimar, me falou de espiritos fortes que se não curvam ás verdades eternas da revelação. Si esta obstinação o dominar por muito tempo, acabará por gelar o seu coração. Miseravel verme da terra! Não se curvar perante as verdades, e querer por assim dizer disputar com Deus!» 1). O humilde, ao contrario, vê que resistir á revelação, que sufficiente-

1) Vêde Joh. Jansen, Friedrich Leopold Graf zu Stolberg (Freiburg i. B., 1910), 20 sg.

mente lhê é garantida, é ceder á mais extravagante presumpção; é querer rebelar-se contra o seu Senhor e pretender a creatura miseravel comprehender tudo melhor que a mesma Verdade Eterna. «Pede por mim em tuas orações», escrevia em 3 de Setembro de 1793 o já citado conde de Stolberg á princeza de Galitzin, «para que eu penetre no espirito da humildade. Só ao simples de coração se revela o Senhor, só ao humilde na fé abre o reino da sua luz» 1).

Sem humildade não se alcança a fé nem nella se persevera. Na soberba germinam, como nota Sto. Agostinho 2), todas as heresias e apostasias da fé. Só o homem altivo e presumpçoso prefere a sua opinião ao juizo da Igreja Catholica fundada pelo mesmo Christo. Não é o povo simples quem levanta as heresias; este, quando muito, deixa-se levar por aquelles que, presumindo de sabios, antepõem o seu juizo ao da Igreja Catholica e á Tradição Christã.

Assim como a fé, também a obediencia tem por fundamento a humildade. Sem obediencia, isto é, sem a voluntaria su-

1) Ibid. 104

2) Serm. 46, n. 18 (Migne, P. 1., XXXVIII, 280); De Gen. contra Manich., 2, 8 (Migne, ibid, XXXIV, 202).

jeição dos subditos á vontade legitimados superiores, é absolutamente impossivel a bôa convivencia, a sociabilidade, tanto em familia como em'communidade, na Igreja como no Estado.

E' ainda impossivel sem obediencia o cada um prestar a devida cooperação na vida economica, no commercio, na industria ou na agricultura. Mas a obediencia suppõe a humildade. Nada é mais repugnante ao soberbo do que sujeitar-se á vontade de outrem e submetter-se ás suas ordens. O soberbo não quer servir, mas dominar, e si exteriormente se sujeita é por pusilanimidade ou por calculada politica. A humildade, porém, mantendo a aspiração á grandeza nos limites correspondentes á pequenez humana, leva o homem a sujeitar-se não só a Deus, mas ainda á autoridade por Elle constituida.

Si hoje, nas altas espheras sociaes, é tão difficil a obediencia, é porque ahi encontram melhor agasalho a altivez e a soberba, que de maneira nenhuma podem soffrer qualquer subordinação.

A paciencia suppõe tambem a humildade. Faz esta virtude que nas penas e misérias da vida não nos deixemos vencer pela tristeza desordenada, nem por sua causa nos desviemos do caminho dos mandamentos divinos.

Quanto é indispensavel ao homem a paciencia! E', por assim dizer, o pão de cada dia de quem peregrina sobre a terra. Com certeza que não é preciso ser pessimista para se reconhecer que a terra é um valle de lagrimas, e a vida de quasi todos os homens é como que um rosario de soffrimentos e de dôres. Pobreza, necessidades de toda a ordem, privação de bens, prejuizos na fama e na honra, perda de pessoas queridas, perseguições e despresos, doenças e finalmente a morte, são companhias que de continuo cercam o homem. Por isso, surge que nos armemos de paciencia. «Na vossa paciencia», diz o Salvador,» possuireis as vossas almas» 1). E o apostolo S. Paulo, escrevendo aos hebreus, diz: «Tendes necessidade da paciencia para que, cumprindo a vontade divina, alcanceis a promessa» 2). Mas a paciencia requer a humildade. Nada é mais contrario á soberba que o soffrimento, a perseguição, a doença e os demais revezes que tão eloquentemente advertem o homem da sua miseria e fraqueza.

O soberbo ou revolta-se contra este mal titanico, ou desanima e desespera porque se não firmou em Deus, mas nas suas

1) Luc, XXI, 19.

2) Hebr, 10. 36.

próprias forças. O humilde, ao contrario, submete-se de bom grado ao seu Creador e Senhor, acceitando todos os soffrimentos que Elle lhe envia ou permite, com uma resignação de Job. Com os olhos postos no crucifixo, orando humildemente ao Senhor, elle encontra na vontade divina consolação e força para levar com paciencia após o Salvador a sua cruz daria.

O que dizemos da fé, obediencia e paciencia podemos tambem dizer da abnegação propria, da benignidade, da castidade e sobretudo do amor do proximo. Taes virtudes só poderão lançar raizes no coração do homem e produzir odoríferas flores e deliciosos fructos, quando elle estiver bem amanhado pela humildade.

§ 2. A humildade — caminho da graça

Para vivermos christanmente é-nos indispensavel a graça divina; ora, a humildade é condição necessaria para alcançal-a. Sem ella nada absolutamente podemos fazer em ordem á salvação: não podemos fugir do peccado, nem muito menos praticar o bem.

Deus distribue espontaneamente a todos os homens um certo numero de graças, sem attender a meritos nem a dispo-

sições; mas outras não as concede sem a nossa cooperação, sem encontrar o coração disposto pela humildade para as receber. Si queremos attrahir a nós a misericórdia e complacência divina, devemos extirpar de nosso coração o orgulho que lhe resiste, e humilhar-nos diante delles, reconhecendo a nossa fraqueza e necessidade do seu auxilio. «O Senhor está perto daquelles que têm o coração attribulado», diz o Psalmista, «e salvará os humildes de espirito» 1), e o Sabio adverte: «Quanto maior és, mais te debes humilhar em todas as coisas, para alcançar graça diante de Deus, porque só o poder de Deus é grande, e Elle é honrado pelos humildes» 2). «Deus resiste aos soberbos e dá a sua graça aos humildes» 3), escrevem ainda os apóstolos S. Pedro e S. Thiago.

Com razão diz S. Gregorio Magno: «Só quem se despojar do seu proprio espirito poderá receber o espirito de Deus, porque o divino Espirito repousa sobre o que é manso e pacifico e teme a palavra de Deus» 4). E noutro lugar: «Deus der-

1) Psalm. XXXIII, 19. Humiles spiritu salvabis.

2) Eccl., III, 20 e seg.

3) 1ª. Pedro, V, 5; Thiag., IV, 6.

4) In septem Psalmos pœn.; Ps. 7, n. 8 (Migne, P. I., LXXIX, 648).

rama as suas graças sobre as almas que estão dispostas pela humildade» 1).

«Quanto mais preciosa é uma alma aos olhos de Deus, tanto mais desprezível é aos seus próprios olhos» 2), diz ainda o mesmo santo doutor; e exemplifica: «Pela humildade foi Saul elevado á dignidade de rei, e pela soberba foi della despojado, como o attesta o Senhor ao dizer: «Porventura não foste feito chefe de todas as tribus de Israel quando eras pequeno aos teus olhos?» (1º Reis, XV, 17) 3), e comenta ainda: «Coisa admiravel! Quando Saul se julgava pequeno, era grande junto do Senhor, mas quando se teve por grande aos seus próprios olhos, foi tido por pequeno aos olhos do Senhor».

Qual a razão por que Deus só aos humildes favorece de ordinario com graças copiosas? Porque só elles na verdade são gratos; só elles se comprazem em ver a Deus como tutor de todas as graças, e de o honrar devidamente, coisa a que Elle não póde renunciar, como muito bem declara quando diz: «Glorificarei a quem me glorificar, e áquelle que me desprezar

1) In Primum Regnus, l. 3, c. 4 (Migne, ibid., 194).

2) In septem Psalmos pæn.. Expos. In Ps. 3, n. 5 (Migne, ibid., 571).

3) Regul. Pasto., pars III, c. 6 (Migne, LXXVII, 35).

despresarei tambem» 1). O soberbo priva-se de muitas graças attribuindo a si a honra que só a Deus é devida; o humilde, ao contrario, porque dá a Deus toda a honra, é por Elle honrado e cumulado de graças.

A' humildade devemos juntar a oração, si queremos alcançar os beneficios divinos. Mas a oração suppõe necessariamente a humildade; é, por assim dizer, o alento das almas humildes. Que vem a ser a oração? Em sentido lato entende-se por oração a elevação do pensamento a Deus, ou o piedoso commercio do homem com Deus. Note-se, porém, que o simples meditar não é propriamente oração. Só quando a mente se eleva a Deus, e o coração se expande em actos de amor, dedicação, etc., para com Elle, é que ha verdadeira oração.

Como exemplos da oração no sentido lato, temos a adoração, o reconhecimento de Deus como fonte primaria de todo o bem, e como supremo Senhor de quem dependemos inteiramente; o louvor de Deus e o alegre reconhecimento de suas infinitas perfeições, quer seja expresso só com o pensamento, quer acompanhado de palavras; a acção de graças, a lembrança dos beneficios que o Senhor nos tem pro-

1) Vº Reis, II, 30.

digalizado; e o desejo de lhe ser grato tanto quanto o permitem as nossas mingradas forças; e finalmente a oração expiatoria, na qual, humildes e contritos, supplicamos o perdão das offensas commettidas e das que de futuro commetteremos. Todos estes modos de oração são preceituados ao homem, e devem fazer-se nos tempos opportunos.

«Está escripto: adorarás ao Senhor teu Deus e a Elle só servirás» 1), disse Christo ao demonio. E S. Paulo exhorta nos seguintes termos os fieis de Épheso: «Cantae e louvae o Senhor em vossos corações; dae sempre graças a Deus, e Pae por tudo, em nome de nosso Senhor Jesus Christo» 2). E aos thessalonicenses escreve o mesmo apostolo: «Dae graças por tudo, pois é esta a vontade de Deus em Jesus Christo para com todos vós» 3). «Louvae todas as gentes ao Senhor, louvae-O todos os povos» 4), exclamou o Psalmista. «Vós todos os que temeis o Senhor, louvae-O, e glorificae-O vós que sois a descendencia de Israel» 5).

Todos nós somos peccadores, e por isso estamos obrigados a fazer penitencia. Ora,

1) Matth., IV, 10. Vêde Deut., VI, 13.

2) Ephes., V, 19 e seg.

3) 1ª Thessal., V, 18.

4) Salmo CXVI, 1.

5) Salmo XXI, 24.

a penitencia consiste na dôr dos peccados commettidos e no regresso a Deus com a plena confiança de alcançar perdão e graça. «Fazei penitencia», foi esta a primeira exhortação de Christo ao iniciar a sua vida pública 1). «Si não fizerdes penitencia, todos vós perecereis» 2).

E' claro que todos estes modos de oração, feitas como devem ser, unicamente poderão sáhir de um coração humilde. Só quem se compenetrar bem da Majestade do Creador e Senhor de todas as coisas, e da dependencia que tudo tem d'elle, pôde adorar a Deus em espirito e verdade, e glorificar-O e louvar-O de um modo conveniente. Só quem firmemente crer que todo o bem que possui lhe foi dado pela infinita bondade divina é capaz de ser sempre grato a Deus. Só quem estiver profundamente compenetrado da infinita grandeza de Deus e da extrema miseria do homem comprehenderá a malicia do peccado e experimentará, em consequencia, uma sincera dôr delles, esperando ao mesmo tempo o perdão da infinita misericordia do Senhor.

A oração, no sentido estricto da palavra, isto é, a oração impetratoria, mostra-se, ainda mais claramente do que as su-

1) Marc., I, 15.

2) Luc., XIII, 3.

praditas especies de oração, a necessidade da humildade. Na oração impetratoria pedimos a Deus o que lhe pertence. Nada lhe devemos pedir que se oponha á nossa honra e á nossa salvação; mas fóra daqui tudo lhe devemos pedir com summa confiança. «Si alguma coisa pedires ao Pae em meu nome, ser-vos-á dada» 1.) «Tudo o que pedirdes, fazendo oração com fé, conseguil-o-eis» 2).

A oração impetratoria é para nós de preceito divino: «Importa orar sempre, e nunca desistir» 3), disse Jesus Christo aos apóstolos. «Vigiae e orae para não cahirdes em tentação» 4). «Pedi e recebereis» 5). Deste continuo admoestar se deduz que só pela oração podemos obter muitas graças. Tambem os apóstolos nos advertem muitas vezes da obrigação de orar. S. Paulo escreve aos colossenses: «Sêde constantes na oração» 6), e aos thessalonicenses: «Orae sem cessar» 7).

Note-se, além disso, que a oração impetratoria não é para nós de simples preceito, mas um meio absolutamente neces-

1) João, XVI, 23.

2) Matth., XXI, 22.

3) Luc., XVIII, 1.

4) Matth., XXVI, 41.

5) Matth., VII, 7.

6) Col., IV, 2.

7) 1ª Thessal., V, 17.

sario para a nossa salvação. E a razão é simples : porque sem oração não podemos obter as graças necessárias para vencer as tentações e praticar obras meritorias em ordem á salvação. Por isso o apostolo S. Paulo exhorta os fiéis a vestir a armadura da fé, e a orar com perseverança e fervor, para que possam resistir no mau dia e estar perfeitos em tudo 1).

Por que exigirá Deus de nós a oração? E' Elle infinitamente bom e póde dar-nos todos os bens sem que lh'o peçamos ; todavia accndiciona muitas vezes os seus dons e graças á oração, por ser ella muito util para nós e honrosa para Elle. A oração é, com effeito, o reconhecimento pratico e constante da nossa miseria e indigencia, do auxilio e total dependencia que temos de Deus, nosso Creador e Senhor. Nella nos apresentamos como pobres mendigos diante do throno da Misericordia infinita, para obtermos graças e auxilios. E' por isso a oração a escola pratica da humildade e, feita como deve ser, tem grande força junto de Deus.

Diz o Ecclesiastico : «A oração do humilde penetra as nuvens, não pára emquanto não chegar ao seu termo : e não se retira até que o Altíssimo ponha nelle

1) 1ª Ephesios, VI, 13, 18.

os olhos» 1). E o Psalmista canta: «O Senhor attendeu á oração dos humildes, e não desprezou os seus rogos» 2).

Qual a força prodigiosa que exerce a oração humilde no coração do Salvador resalta da seguinte passagem do Evangelho: Caminhando Jesus pelas regiões do Tyro e Sidonia, sahio-lhe ao encontro uma mulher cananéa, e pôz-se a clamar: «Senhor, filho de David, tem compaixão de mim! Minha filha é cruelmente atormentada pelo demonio». O divino Salvador fêz que não ouviu palavra. Então se chegaram a Elle seus discipulos e lhe disseram: «Despede-a porque vem gritando atraz de nós». Jesus replicou: «Eu não fui enviado sinão ás ovelhas tresmalhadas da casa de Israel». Mas ella, aproximando-se, adorou-O, dizendo: «Senhor, valei-me». E Elle, respondendo, disse-lhe: «Não é justo tomar o pão dos filhos e lançal-o aos cães». Esta resposta era dura e humilhante para a nobre pagan; mas ella não se perturbou e, reconhecendo humildemente a sua indignidade, respondeu ao Salvador de um modo verdadeiramente commovente: «Assim é, Senhor; mas tambem os cachorrinhos comem das migalhas que cahem da mesa de seus donos.»

1) XXXV, 21.

2) Salmo CI, 18.

O Salvador, não podendo resistir a supplica tão humilde e commovente, respondeu: «Pela tua supplica vae, o espirito máu já sahio de tua filha» 1).

Por isso mesmo que só o humilde pôde orar com a sinceridade devida, é que os modernos partidarios da autonomia moral falam tão desdenhosamente da oração. Kant não receia affirmar que attribuir á oração mais que effeitos naturaes (subjectivo-psychologicos) é insensatez que nem sequer merece a pena refutar (!). Apenas haverá logar para se perguntar: Faz-se porventura oração por causa dos seus effeitos naturaes ? 2). E Nietzsche, o «Super-homem», chega a dizer estas blasphemias palavras: «Orar é uma fraqueza» para aquelle que está de posse da sua consciencia 3).

O' louca soberba ! O miseravel pó que Deus tirou.. do. nada . e incessantemente conserva, levanta-se orgulhosamente contra Elle e diz com insolencia : Não preciso de Vós ; é insensatez e fraqueza o dobrar-Vos o joelho e expôr-Vos minhas necessidades para obter auxilio ! Com razão

1) Math., XV, 21 e seg. Marc., VII, 24 e seg.

2) So auf einem Blatte seines Nachlasses. Vêde Braig-Duilhé, *Apologie des Christentums*, 639.

3) Also sprach Zarathustra,

se podia aqui exclamar: «Por que te ensoberbeces, tu que és pó e cinza?» 1)

Que responderão um dia estes soberbos philosophos, quando apparecerem tremendo no tribunal divino? Ousarão ainda alardear a sua grandeza? Ficarão mudos, como o homem do Evangelho que appareceu no banquete sem as vestes nupciaes, e por ordem do rei foi lançado nas trevas exteriores. «Depôz do throno os poderosos» 2) (os soberbos).

§ 3 A humildade, o caminho da paz

Quem ha que não deseje a paz? «A paz», diz Sto. Agostinho, «é um bem tão grande, que entre as coisas terrenas e caducas nada ha tão amavel, nada se deseja com tanto arder, e nada de melhor se pôde encontrar» 3). E Goethe exprime admiravelmente o sentimento de todo o coração humano, quando canta:

Paz, doce paz

Vem, oh! vem ao meu coração.

O que é a paz? Responde-nos Sto. Agostinho: «a paz de todas as coisas é a tranquillidade da ordem» 4) ou «a união ordenada». Só falamos da paz de coisas

1) Eccles., X 9.

2) Luc., I, 52.

3) De civ. Dei, 11.

4) Ibid., c. 13: Tranquillitas ordinis; concordia ordinata.

entre si relacionadas para a formação de um todo. Quando cada objecto occupa o lugar que lhe compete em razão da sua natureza, posição e exigencia do fim do conjunto, de sorte que não se embarace nos outros, então ha tranquillidade e ordem, e por conseguinte paz. Assim, dizemos que ha paz no homem, quando os appetites, sujeitando-se á vontade e esta por sua vez ao entendimento, cooperam ordenada e tranquillamente para o bem do todo o humano; na familia, quando cada membro occupa o seu devido lugar, obedecendo os que devem obedecer e mandando os que devem mandar; no Estado, quando ha a devida harmonia entre imperantes e vassallos; e finalmente entre Deus e o homem, quando este se sujeita humildemente á lei eterna, de maneira que harmonize a sua vontade com a divina.

Na celestial cidade de Deus, onde os bemaventurados estão unidos pelo mais acendrado amor divino, e vivem em santa harmonia, ha paz eterna e perfeita; neste mundo, porém, a paz é sempre incompleta, pois é de continuo perturbada pelas faltas e peccados dos homens. Mas os corações humildes possuem-n'a tanto quanto na terra é possível. — A humildade é o caminho unico para a verdadeira paz. «De contínua paz goza o humilde; o so-

berbo, porém; tem no seu coração o ciúme e a raiva», diz o livro altamente apreciado, e com razão, por todos os catholicos — a *Imitação de Christo* 1).

A humildade é neste mundo a paz e união entre Deus e o homem, pois sujeita a vontade deste á d'Aquelle. O humilde, reconhecendo o seu proprio nada e a sua inteira dependencia de Deus, sujeita-se por completo á sua divina vontade, e põe toda a sua confiança naquelle que toma á sua conta os humildes, e por isso goza de paz. Diz o apóstolo S. Paulo: «Por havermos sido justificados pela fé, teremos paz com Deus por meio de Nosso Senhor Jesus Christo» 2). «Deus protege e consola os humildes», diz ainda a *Imitação de Christo*; «inclina-se até Elle e dá-lhe muitas graças» 3).

O humilde busca unicamente a vontade de Deus sempre e em toda a parte: na felicidade e no infortunio, no gozo e no soffrimento, na saúde e na doença, e por isso conserva a paz e tranquillidade do coração. Tendo elle ancorado firmemente a náu da vida na santissima vontade de Deus, goza de bonança no meio de todas as tempestades que lhe advêm durante a sua peregrinação na terra.

1) 1, 7, 3.

2) Rom., V, 1.

3) 2, 2, 2.

A humildade gera ainda a paz no mesmo homem. A causa da intranquillidade do coração é o egoismo desordenado e sobretudo a soberba. Si bem examinarmos, veremos que as perturbações e as tempestades que se desencadeiam em nosso coração têm origem no dominio da vontade pelo egoismo e na falta de humildade e sujeição a Deus. A paz do coração depende necessariamente da paz com Deus. Andas afflicto por um desgosto, por um revez que te sobreveiu; estás descontente por qualquer adversidade, a paz desapareceu do teu coração. E por que? Porque ainda não aprendeste a submeter te a Deus em tudo, a inclinar-te sob sua mão poderosa; vive ainda em ti o velho e soberbo Adão.

A's vezes o teu coração está intranquillo porque foste alvo de uma palavra desattenciosa, victima de um desprezo, de uma affronta, ou porque se frustraram os teus planos de mais subir na estima dos homens, de alcançar certo gráu de honra, ou finalmente porque os teus talentos não correspondem ás tuas aspirações e nos teus trabalhos não obtens o pretendido resultado. Sê humilde, e a paz virá habitar em teu coração.

A humildade é ainda a condição necessaria, o fundamento da paz na familia, no

estado, na Igreja, numa palavra : em todas as sociedades humanas.

«Entre os soberbos», diz Salomão, «ha sempre contendias» 1). O soberbo foge de servir e obedecer, e quer dominar, elevar-se sobre os outros, ser mais honrado e estimado que elles, occupar os primeiros logares, e por isso anda em continua luta com os de iguaes sentimentos. O soberbo vê no proximo um rival importuno que o pretende supplantar; daqui nascem odios e dissensões, e quanto mais alto elle subir tanto mais accesa se tornará a disputa e a discordia.

Da soberba nasce ainda a inveja, que tantos males fomenta na sociedade. O invejoso vê com pesar o bem nos outros, porque se julga eclipsado por elles, ou pensa que resplende menos que outro que haja ao seu lado de igual fulgor. Por isso a inveja leva-nos a odiar o proximo que nos faz sombra, e induz-nos muitas vezes a diffamar-o. Por inveja do demónio entrou no mundo a morte 2); a inveja levou Cain ao fratricidio 3), e os filhos de Jacob a perseguirem seu irmão José 4); dominado pela inveja, tentou Saul matar David, e foi ainda por inveja que os ju-

1) Prov., XIII, 10.

2) Sab., II, 24,

3) Gen., IV, 5.

4) Gen., XXXVII, 5-8.

deus entregaram a Pilatos o Salvador 1). Também S. Paulo se queixa de ser victima da inveja 2), e exhorta encarecidamente os fiéis a fugirem de semelhante peccado, de que procede o odio e a contenda 3).

A soberba é, portanto, a origem de todos os males que tendem a destruir a paz; a humildade, ao contrario, dominando a soberba, é a mais segura garantia da paz. O humilde, longe de pretender elevar-se sobre os outros, é inclinado ao abatimento proprio, á sujeição, tanto quanto possivel, a todos por amor de Deus. Não se prefere nem antepõe a sua opinião á dos outros, mas cede de bom grado. Não tem inveja, mas, ao contrario, alegra-se com os bens que os outros receberam de Deus. Não se apressa a tomar os primeiros logares, mas, quanto d'elle depende, deixa os para os outros. Nada ha mais contrario aos seus sentimentos que a ambição, a intriga, a vileza e a hypocrisia, filhas ordinarias da soberba.

Eis aqui a razão por que o verdadeiramente humilde e modesto é por todos amado; não se irrita, não procura sup-

1) Math., XXVII, 18.

2) Phil., I, 15.

3) Rom., I, 29; Tit., III, 3; Gal., V, 20.

plantar ninguém, a todos trata com respeito e consideração, e por isso com todos vive em paz. E' obediente aos superiores e affavel e carinhoso no trato com seus iguaes. Áquelle que reconhece as suas faltas e dellas pede desculpa todos perdoam de bom grado.

E assim no mundo resplandece sempre a paz, emquanto que o soberbo vive na inquietação e na discordia contínua com seus semelhantes. «Os impios não têm paz, diz o Senhor» 1), mas «de grande paz gozam os que amam a sua lei» 2). Amam a lei de Deus os humildes, os que com docilidade dominam a vontade propria. Não é, pois, sem razão que Jesus Christo nos diz: «Aprendei de mim, que sou manso e humilde do coração, e achareis descanso para vossas almas» 3). «Dou-vos a paz», diz Elle aos seus apóstolos, «a paz que o mundo não pôde dar» 4).

§ 4. A humildade, a medida da perfeição christan

Sem humildade é impossivel a salvação e a verdadeira paz ; mais impossivel é, porém, ainda o attingir sem humildade a

1) Is., LVII, 21.

2) Psalmo CXVIII, 165.

3) Matth., XI, 29.

4) João, XIV, 27.

perfeição christan. Já referimos como Jesus Christo, apresentando um dia a seus discipulos um menino como modelo de humildade, lhes disse: «Quem fôr humilde como este menino, será o maior no reino dos céus» 1). «Aquelle que dentre vós fôr o mais pequeno, esse tal será o maior» 2); isto é: no meu reino, diante de Deus, o caminho para a grandeza é a humildade e o abatimento proprio, ou, como diz S. Marcos: «Aquelle que quizer ser o primeiro, seja o ultimo e o servo de todos» 3).

Segundo a doutrina de Christo, a humildade é, pois, a medida mais segura da perfeição christan ou da grandeza diante de Deus. Cada um será tanto maior no reino de Deus, quanto mais humilde fôr. No mesmo sentido em que fala o divino Salvador, escreve Sto. Agostinho: «Queres ser grande? Começa por ser pequeno. Queres levantar um grande edificio? Pensa antes de mais nada no seu fundamento — a humildade. Os alicerces devem ser tanto mais fundos quanto maior e mais elevado fôr o edificio que se pretende levantar. Não se sobe ao

1) Matth., XVIII, 1-4. Marc., IX, 32-36. Luc., IX, 46 e segs

2) Matth., XVIII, 4.

3) Marc., IX, 34.

alto sem um firme apoio. Quanto mais aprofundares e melhor assentares o alicerce — a humildade, tanto mais alta poderás levar a torre começada da perfeição evangelica» 1).

Diz Sta. Margarida Maria Alacoque: «O supremo Senhor de nossas almas não se compraz sinão nas almas que se abatem» 2).

Por que será a humildade de uma importancia decisiva para a consecução da verdadeira santidade? Porque é ella a guarda indispensavel da honra divina. O Senhor é um Deus zeloso 3); é Elle o autor de todo o bem, portanto a Elle pertence toda a honra, e esta honra não a cede a ninguem. «Eu sou o Senhor», diz Elle por Isaias, «este é o meu nome; eu não darei a outrem a minha gloria» 4).

Deus nega ao soberbo muitas graças, por ser um servo infiel que attribue a si, como de direito, a honra dos dons recebidos; ao humilde, porém, que por tudo dá graças a Deus e a Elle só tributa a glória, a esse concede graças preciosas, tanto mais preciosas, quanto mais cresce na humildade.

1) Sermo 69 de Scripturis n. 2 (Migne. P. I., XXXVIII, 441).

2) Vie et Oeuvres (1876) II, 184.

3) Exod., XX, 5.

4) Isa., XLII, 8.

Agora já poderemos compreender aquillo de S. Paulo : Deus escolheu o que era estulticia para o mundo, afim de confundir os sabios ; o que para o mundo era fraqueza, afim de confundir a força ; o que para o mundo era abjecção e desprezo, emfim, o que nada era, escolheu Deus afim de destruir o que era alguma coisa, para que nenhum homem se glorie em sua presença 1).

Na escolha dos doze apostolos vemos nós a confirmação de toda esta doutrina. Si Christo tivesse escolhido para apostolos homens eruditos e perspicazes, philosophos, grandes oradores e audazes generaes, ou outras potencias e grandezas da terra, ter-se-ia attribuido o exito extraordinario da prégação evangelica ao talento e credito de semelhantes homens, e não ao vivificante sopro do Espirito Santo ; a honra que só a Deus pertencia ser-lhe-ia assim esbulhada.

Mas Jesus escolheu para apostolos humildes pescadores, homens vulgares, sem talento nem erudição, sem poder nem riqueza e desprovidos de todo o recurso humano, e mandou-os pelo mundo a prégar o Evangelho a todos os povos. Deste modo pôde como que apalpar-se o poder da graça na diffusão do christianismo, e

1) 1ª Cor., I, 27 e segs.

por isso todos nós devemos louvar o Senhor por ter obrado tão grandes maravilhas com semelhantes instrumentos. A Deus só toda a honra e gloria.

O que observamos neste facto da historia da Igreja é exactamente o que se dá em todas as almas que Deus chama á mais alta perfeição. Deus compraz-se em edificar sobre o nada. Só á luz desta verdade podemos bem comprehender certos factos que se nos deparam na vida dos santos.

Todos teremos notado que Deus, antes de elevar os seus escolhidos á intima união comsigo, os prova quasi sempre com humilhações e soffrimentos. Como explicar tal coincidencia? E' que Deus compraz-se em edificar sobre o nada. Antes de tudo quer desarraigar das suas almas predilectas todo o desordenado egoismo, quer aprofundal-as na humildade, para que deem a honra dos bens recebidos a quem ella só é devida.

Para a consecução de tal fim não ha caminho nem mais seguro nem mais breve que o caminho da cruz, o caminho do soffrimento e das humilhações. Quando uma alma caminha através dos medonhos precipicios das tentações, dos soffrimentos, da desconsolação e abandono, convencida da sua miseria e do seu nada, e

repassada de sentimentos humildes, lança-se cheia de confiança e sem reserva nos braços amigos e onnipotentes do Pae celestial, de quem só espera auxilio. Nesse crisol se purifica a alma de todo o egoismo desordenado, de toda a presumpção, dispondo-se assim para receber a ultima prova do amor do celestial Esposo. Como um limpido espelho, a alma reflecte agora todo o brilho do seu Autor.

Isto mesmo se dá pouco mais ou menos em todas as almas que buscam Deus sinceramente. Desarraigar a soberba do coração e implantar nelle a humildade — eis o que é imprescindivel para que a semente da divina graça possa fructificar.





CAPITULO VII

Humildade e amor á cruz

Falta-nos considerar a humildade sob o ponto de vista do amor á cruz, amor ás humilhações. Neste sentido é ella como que o sello da originalidade divina do christianismo.

Até certo ponto a humildade gera sempre o amor aos despresos. E não admira; pois quem sinceramente se reputa uma creatura miseravel que Deus tirou do nada; quem reconhece ter offendido a Deus e merecido talvez o inferno; quem sabe os perigos que corre a salvação da sua alma e conhece que o seu corpo em breve será podridão e vermes, e que sua alma ha de comparecer diante do tremendo Juiz divino a receber o premio ou castigo, sim, a esse facil coisa será desprezar-se, desejar ser despresado, ou pelo menos supportar os desprêsos com paciencia.

Nos heróes da virtude christan o desejo da affronta e do opprobrio torna-se

uma verdadeira mas santa paixão; têm elles até por grande honra o serem desprezados. Com o mesmo empenho com que os mundanos buscam a gloria, a honra e o louvor dos homens, desejam os santos a affronta, o desprezo e o soffrimento de toda a especie, numa palavra, anhelam tudo aquillo que é contrario á natureza egoista do homem. E' a isto que se chama o amor á cruz.

Apparecendo um dia Jesus Christo a S. João da Cruz, e perguntando-lhe que recompensa desejava de tantos trabalhos e soffrimentos, respondeu o santo: «Senhor, soffrer e ser desprezado por Vós» 1) Esta resposta tem causado em muitos, não digo já pasmo, mas até indignação. E não admira que assim tenha succedido. Era lá possível que o homem «moderno», depois de abandonar a crença em um Deus Creador e numa vida futura, chegasse a desprezar-se e desejar ser desprezado pelos outros?

Ed. Hartmann ridiculariza a exigencia de nos deixarmos «pisar aos pés por qualquer insolente, e mortificar o nosso pundonor pela affronta e injuria». Christo exige uma «indulgencia criminosa para

1) Brev. Rom. In festo S. Joannis a Cruce, d. 24. Nov. lect. 7.

oom o criminoso ; e uma condescendencia humilde e contrafeita» 1).

Cardos Thieme tambem se insurge contra o aviltamento proprio, «aviltamento affrontoso e monacal, que consiste na abjecção e no máu trato». Esta falsa humildade «exige a alegria no desprezo proprio, exige que nos alegremos mais em ser desprezados do que estimados e honrados pelos outros» 2).

Contra semelhantes doutrinas note-se em primeiro lugar que o christianismo não preceitúa a aspiração á injuria e affronta. Póde-se ser bom christão sem a tal aspirar. O que elle nos exige é que supportemos pacientemente, sem murmuração, as humilhações e dissabores que nos sobrevenham si as não podemos repellir de nós sem peccado.

O affirmar Ed. Hartmann que a humildade christan impõe a sujeição ao capricho de todos vem de uma falsa interpretação das palavras de Jesus. O divino Mestre diz com effeito : «Não resistas ao que te fizer mal, mas, si alguem te ferir na face direita, offerece-lhe tambem a esquerda, e si alguem te demandar em juizo e te quizer tirar a tunica, larga-lhe tam-

1) Das Christentum des Neuen Testaments (1905), 142.

2) Die christliche Demut, 10.

bem o manto; e si alguém te obrigar a andar mil passos, vae com elle ainda outros mil. Dá a quem te pede e empresta a quem te pede emprestado» 1).

Neste preceito, como muito bem notam Sto. Agostinho 2) e S. Thomaz 3), trata-se apenas da disposição interior. Não nos devemos vingar, mas soffrer as injurias e estar dispostos a não nos defendermos de qualquer aggressão, caso da nossa parte ou da parte do aggressor e do bem publico as circumstancias não exijam outra coisa. Christo tambem não offereceu a outra face ao criado que lhe deu a bofetada 4), e todavia não retribue do mesmo modo, mas defendeu-se modestamente, para que se não julgasse que tinha faltado ao respeito devido ao summo Sacerdote.

Muitas vezes a posição do aggredido reclama que elle se defenda da aggressão, ou que se valha da autoridade para obter uma condigna satisfação dos direitos lesados; outras vezes a segurança publica exige tambem a punição das injustiças; e finalmente ainda o bem do mesmo aggressor pede ás vezes o seu castigo, como nos

1) Matth., V, 39-42.

2) Ep. 138 ad Marcell. (Migne, P. I., XXXIII, 530).

3) S. theol., 2, 2, q 40, a. 1 ad 2.

4) João, XVIII, 22 e seg.

ensina Sto. Agostinho quando diz: «Deve proceder-se com benefico rigor contra os recalcitrantes, porque salutarmente será vencido aquelle a quem se tirou a liberdade de praticar o mal. Nada ha mais infeliz que a felicidade dos peccadores, que lhes permite a impunidade e os confirma na sua má vontade» 1).

E' certo que a affronta, o desprêso e o mesmo se poderá dizer de todos os soffrimentos e contrariedades — sendo males physicos, não podem ser appeteciveis. Como então amal-os e desejal-os, considerando que o homem é apenas miseria e peccados? A nitida visão desta verdade traz a confissão implicita de que apenas merecemos o desprêso e a affronta, e só a Deus, fonte primaria do todo o bem, é devida toda a honra e gloria.

A Revelação christian põe o desprêso e a affronta, bem como todo o soffrimento, em uma nobre perspectiva. O Apostolo das gentes, em varias de suas Epistolas, mostra-nos a corôa resplendente com que Deus galardoará aquelles que por seu amor se submettem a elles: «Os soffrimentos desta vida», diz elle, «não são para comparar com a gloria futura que

1) Ep., 138, ad Marcell. (Migne, P. I., XXXIII, 531).

se manifestará em nós» 1), e nossa afflicção presente, momentanea e passageira, prepara-nos uma gloria immensa, eterna e sobre toda a ponderação» 2).

Mas ainda mais; o Evangelho asserue-lha a Jesus crucificado os despresados, os perseguidos e os que vivem acabrunhados pelos soffrimentos.

O Filho de Deus fez-se homem, não só para nos livrar da morte e do peccado, mas ainda para ser nosso guia e modelo. Segundo o decreto do Omnipotente, devemos entrar no céu, que o peccado nos fechára, pelo caminho da penitencia e da humildade. Para nos ensinar esse caminho o Filho de Deus incarnado, enveredando por elle, disse-nos: «Si alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me» 3).

O homem aspira á grandeza e quer assemelhar-se ao Altissimo tanto quanto possivel. E o Filho de Deus incarnado foi de encontro a tal aspiração. Muito a proposito nota Sto. Agostinho: «Tu, que és homem, quizeste ser deus para tua perdição; e Aquelle que é Deus quiz fazer-se homem, para te achar a ti que andavas extraviado. De tal modo se infil-

1) Rom., VIII, 18.

2) 2 Cor., IV, 17.

3) Matth., XVI, 24.

trou em ti a soberba, que só a humildade divina te poderia salvar!» 1).

Com uma admirável sagacidade desenvolve S. Bernardo 2) este mesmo pensamento. «O Filho de Deus», diz elle, «baixou á terra precisamente para nos ensinar o caminho da grandeza e divinização. Viu que os anjos cahiram pela orgulhosa pretensão de serem iguaes ao Altissimo; viu que nossos primeiros paes peccaram seduzidos pelo demonio, que lhes dizia: «Sereis como deuses»; e então disse: Eu irei ao mundo e revelar-me-ei de tal modo que si alguém pretender assemelhar-se a mim, lhe seja isso motivo de predestinação. Louvemos, pois, a bondade e misericordia de Deus, que se dignou santificar a vehemente aspiração de sermos iguaes a Elle, mostrando-se sob uma forma accessivel á nossa fraqueza».

Mas qual foi o caminho trilhado pelo Filho de Deus? Foi, como já vimos, o caminho das humilhações e do soffrimento. Já no velho Testamento 3) era o Messias annunciado como o mais despresivel

1) Sermo 188, c. 3 (Migne, P. I., XXXVIII, 1004).

2) Sermo 1, de adventu, n. 4 (ibid., CLXXXIII, 37).

3) Vêde Isaias, LIII, 3.

de todos os homens, como o varão das dores. «Eu sou um verme e não homem; sou o escárneo da plebe e a abjecção do povo», diz Elle pelo propheta; «todos os que me vêem escarnecem de mim falam com os labios e meneiam a cabeça» 1). Verdadeiramente por nosso amor deixou-se «saturar de opprobrios» 2).

Que deduzir deste exemplo de Christo? Que todos aquelles que quizerem ser seus discipulos têm de se negar a si mesmos e levar após Elle a cruz — o symbolo de todos os soffrimentos e dores 3). Têm pelo menos de supportar, com paciencia e resignação, as humilhações e soffrimentos que por permissão de Deus lhes sobrevierem. «Os que elle na sua paciencia conheceu, a esses tambem destinou, fazendo os semelhantes «á imagem de seu Filho, para que este seja o primogenito entre muitos irmãos» 4). A semelhança com o Filho de Deus é, portanto, um signal de predestinação. «Christo deu-vos o exemplo para que sigaes suas pégadas» 5).

Que ha de, pois, fazer quem se quizer assignalar na imitação de Jesus Christo? Em todos os partidos ha gráus na aspi-

1) Salmo XXI, 7 e seg.

2) Lam. de Jer., III, 30.

3) Matth., XVI, 24. Marc., VIII, 34.

4) Rom., VIII, 29.

5) 1ª. Pedro, II, 21.

ração ao fim que se tem em vista: uns contentam-se em fazer pelo partido só o que lhes é exigido pelo facto de lhe pertencerem; outros, ao contrario, dedicam-lhe a alma e o coração. O mesmo se dá, pois, na imitação de Jesus Christo. Quem quizer pertencer inteiramente a Christo, e assinalar-se na sua imitação, ha-de desejar padecer como Elle dôres e perseguições, affrontas e opprobrios, e depois gloriar-se de ser a copia de seu Senhor e Mestre. O amante procura identificar-se de tal sorte com o amado, que ambos não tenham sinão uma só vontade. Por isso o discipulo de Christo nada deve desejar com mais vehemencia do que ser abatido, ultrajado e perseguido por amor de seu Mestre.

S. Ignacio de Loyola, no seu livro de «Exercicios Espirituaes», distingue tres grâus de humildade. O primeiro consiste na firme resolução, por desprezo de nós mesmos e respeito da infinita majestade de Deus, de antes perder todos os bens temporaes e padecer todos os males que transgredir um só preceito divino que obrigue sob peccado grave. Este gráu exige-se a todos os homens, porque é condição essencial para a salvação.

O segundo consiste na indifferença em abraçar por amor de Deus a riqueza ou

a pobreza, a honra ou a affronta, o prazer ou a dôr, a vida longa ou breve, comtanto que sirvam na mesma medida para o serviço de Deus e a propria salvação, e na decisão de antes perder todo o mundo que commetter voluntariamente um só peccado venial. Este gráu, mais perfeito que o primeiro, une-nos tambem mais intimamente a Deus; não é ainda, todavia, o cumulo da perfeição: um terceiro gráu ha ainda e mais perfeito. Quem o attinge não se limita a olhar com indifferença a riqueza ou pobreza, a honra ou o desprezo; vae mais além. Ainda que o rico e o honrado possam agradar tanto a Deus como o pobre e desprezado, elle prefere ser pobre com Christo pobre, soffrer ultrajes por Christo ultrajado, passar por louco a ser tido por sabio e prudente aos olhos do mundo, e tudo isto elle faz para imitar o divino Mestre e assemelhar-se a Elle.

Neste gráu sublime de humildade Jesus Christo, que por nosso amor escolheu o caminho da humildade, da pobreza e do abatimento, é tomado por nosso guia e pbarol; o seu verdadeiro discipulo escolhe esse mesmo caminho, caso o serviço de Deus não peça outra coisa.

Não obstante ser a cruz escandalo para os judeus e loucura para os pagãos, para

o verdadeiro discipulo de Christo é um estandarte real para onde levanta os olhos com vivo enthusiasmo. A' vista de um divino Mestre, humilhado e padecendo na cruz, já elle não pôde soffrer nem a honra, nem o gozo, nem coisa alguma mais quer possuir que seu Senhor e Mestre.

De S. Isabel de Hungria contam os seus biographos 1) que, estando em Eisenach, foi em certo dia de festa aos officios divinos ricamente adornada e cingida por uma corôa de ouro. Quando entrou na egreja deu com os olhos num Crucifixo que pendia da parede. Pois foi tal a sua emoção e o pejo que sentiu por estar cingida de uma corôa de ouro em presença de seu divino Salvador coroado de espinhos, que immediatamente se despojou della e inclinando o rosto, chorou por longo tempo. Censurada por sua sogra, a condessa Sophia, respondeu humildemente: «Como poderia eu ostentar uma corôa de ouro em presença do meu Salvador pendente da cruz, humilhado, abatido e coroado de espinhos?»

Scenas como esta scandalizam o mundo soberbo, terreno e que se jacta de sabio. Mas como é elle digno de compaixão! Um dia a cruz o confundirá, mos-

1) Vêde Alban Stolz, Leben der hl. Elisabeth, Ges. Werke, VII, 35-36.

trando lhe que a sua sabedoria apenas é loucura e cegueira. No dia do Juízo, exclamarão os ímpios á vista dos justos: «Estes são aquelles que outr'ora desprestavamos e de quem escarneíamos. Nós, insensatos, reputavamos a sua vida por uma loucura e o seu fim sem honra, e eis como são contados entre os filhos de Deus, e entre os santos está a sua sorte. Logo, nós nos extraviámos do caminho da verdade... cansámos-nos pelo caminho da iniquidade e da perdição, andámos por caminhos asperos e ignorámos o caminho do Senhor» 1).

Mas — poderá alguém perguntar a que proposito vem falar aqui da humildade neste terceiro gráu? Não seria mais razoavel chamar a esta disposição do animo o mais acendrado amor a Deus? E' indifferente, respondemos; tanto se lhe póde chamar humildade como amor de Deus. Ambas estas virtudes concorrem para causar tão perfeito sentimento.

E' esse intensissimo amor de Deus que nos move a tornarmo-nos semelhantes, tanto quanto possivel, ao nosso divino modelo, que por nós foi crucificado e morreu coberto de sangue e de affrontas. Mas nunca este amor seria sufficiente para levar os homens a assemelhar-se a

1) Sabed., V, 3 e seg.

Christo humilhado e abatido, si a humildade não convivesse com elle.

A soberba humana recua perante as afrontas e os despresos, e por isso tem de ser vencida para que possa livremente aspirar a uma estreita semelhança com Christo coberto de oppróbrios. Amor e humildade são, portanto, essenciaes a este terceiro gráu de humildade. E por aqui se vê a união intima que existe entre estas duas virtudes. S. Ignacio, nas suas Constituições, indica a seus filhos o espirito que os deve animar. E o que para elles está prescripto como regra, vale tambem para todos aquelles que aspiram seguir perfeitamente a Christo.

«Os mundanos», diz elle, «seguindo as maximas do mundo, estimam e desejam ardentemente os cargos honorificos, a gloria e a reputação cá na terra; aquelles, porém, que seguem verdadeiramente a Christo Senhor Nosso, e nelle vivem, devem amar e desejar inteiramente o contrario: soffrer injurias, calumnias, injustiças e immerecidamente ser tidos por loucos, para honra e por amor de seu Senhor, de quem trazem a libré e as insignias, comtanto que por ahí não venha quer a Deus quer ao proximo qualquer offensa; devem ter de tudo isto um vehemente desejo, por isso mesmo que as-

piram a assemelhar-se de algum modo a seu Creador e Senhor Jesus Christo, e vestir a sua libré e insignias, e uma vez que Elle para nosso adiantamento espirital se dignou dar-nos o exemplo «afim de que nós, ajudados pela graça divina, trabalhemos em imital-o e seguil-o, visto ser Elle o verdadeiro caminho que conduz o homem á vida.

Iguaes sentimentos procurou tambem S. Francisco de Assis gravar no coração de seus discipulos. Indo uma vez o santo para Sta. Maria dos Anjos com Frei Leão, em tempo de inverno, querendo precisar bem a seu companheiro qual a verdadeira alegria, disse 1): Ainda que o frade menor dêsse vista aos cegos, curasse os paralyticos, expulsasse os demonios, dêsse ouvido aos surdos, pés aos coxos, fala aos mudos, e, o que mais é, resussitasse mortos de quatro dias, não está nisto a verdadeira alegria; ainda que soubesse o curso dos astros e todas as coisas do universo, ainda que possuise toda a sciencia e falasse a lingua dos Anjos, ainda que soubesse prégear tão bem que convertesse todos os infieis á fé de Christo, em nada disto está a perfeita alegria.

1) Vêde Chalippe. Das Leben des hl. Franz von Assisi (Regensburg, 1855), 415 e segs. E as Florinhas de S. Francisco (traducção portugueza de Thomaz Gonçalves (Braga, 1917.), 71 e segs.

Então Frei Leão perguntou-lhe em que fazia elle consistir a verdadeira alegria; e o santo respondeu assim: «Si, quando nós chegarmos a Santa Maria dos Anjos, repassados da chuva, tiritando de frio, cobertos de lama, e afflictos com fome, batermos á porta e vier de lá o porteiro todo irado, e nos disser: «Quem sois vós?», e nós lhe respondermos: — «Somos dois dos vossos irmãos»; e elle replicar: — «Não dizeis verdade; vós sois dois vagabundos que andaes enganando o mundo, e roubando as esmolas dos pobres; ponde-vos daqui para fóra!» — e nos não abrir, mas nos fizer passar a noite á neve, á chuva, com frio e com fome; si nós então supportarmos tanta injuria, tanta crueldade, tantos vitupérios, com paciencia, sem perturbação nem murmurar, humilde e caritativamente pensando que, em verdade, aquelle porteiro nos tinha conhecido, e que Deus o movera a falar contra nós; oh! Frei Leão, escreve que nisto está a perfeita alegria. E si, continuando nós a bater, elle sahisse, indignado, e como a importunos vadios nos deitasse fora ignominiosamente, ás bofetadas, dizendo: — «Saiam daqui, vilissimos gatunos; vão para o asylo, que aqui não comereis nem vos acolhereis!»; si isto soffrermos pacientemente de animo leve

e benevolente, oh ! Frei Leão, escreve que está nisso a perfeita alegria.

«Mas si nós, apertados pela fome e pelo frio, e pelo rigor da noite, batêssemos e chamássemos e pedissemos, pelo amor de Deus, com muitas lagrimas, que nos abrissem e deixassem entrar ; mas elle, mais scandalizado, dissesse—«Estes vadios não deixam de me importunar ! Esperae lá que já vos dou o pago !», e viesse com um páu nodoso, nos agarrasse pelo capuz, nos atirasse á terra, nos arrastasse pela neve, e nos dêsse desapiedadamente com o páu ; si tudo isto levássemos com paciencia e satisfação, pensando nos soffrimentos de Christo bem dito, e que por seu amor deviamos supportar estas penas ; oh ! frei Leão, escreve que está nisto a perfeita alegria. Agora ouve a conclusão : —Sobre todas as graças e dons do Espirito Santo, os quaes aos seus amigos Christo concede, está a de se vencer a si mesmo, e a de, voluntariamente e por seu amor, soffrer penas, injurias, despresos e opprobrios ; porque de todos os outros dons de Deus não nos podemos gloriar, porquanto não são nossos mas seus, por onde diz o Apostolo : «Que tens tu que não hajas recebido de Deus ? e, si o recebeste, por que te glorias como si de ti o tivesses ?» Na cruz, porém, e na tribu-

lação, nos podemos gloriar, que isto é nosso, e assim diz o Apostolo: «Não me quero gloriar, sinão na cruz de Nosso Senhor Jesus Christo, a quem toda a honra e gloria seja dada».

Mas não haverá o perigo de o homem se aviltar fazendo tão baixo conceito de si mesmo? De modo nenhum; é precisamente esse o caminho para a verdadeira grandeza. «Todos gostam de ser tidos por grandes; ora, a humildade é a escada para subir até ahí. Começa a subir por essa escada e depressa chegarás ao alto» 1), escreve Sto. Agostinho. «Bom é», diz noutro lugar o mesmo santo 2), «ter o coração elevado não para si mesmo, porque isso seria soberba, mas para Deus, que é isso obediencia só propria dos humildes. Portanto a humildade eleva extraordinariamente o coração, emquanto que a soberba o rebaixa. Parece um absurdo que a soberba tenda para baixo e a humildade para cima, e todavia é uma pura verdade. Os humildes engrandecem-se, por isso mesmo que se sujeitam a Deus, Sêr sobre todos nobilissimo; os soberbos, ao contrario, rebaixam-se, porque recusam obedecer A'quelle acima de quem nada ha;

1) Sermo 90 (Migne, P. I., XXXVIII, 586).

2) De trin. Dei, 14, 13.

cumpre-se nelles o que diz o Psalmista : «Derribaste-os quando se elevavam» 1).

Immolando-se uma alma a ponto de renunciar a todas as grandezas deste mundo por amor de Christo, estreita-se com Elle numa intima união. «Eu amo aquelles que me amam» 2). Quanto mais perfeitamente os discipulos do Salvador renunciarem a seus proprios interesses, para de todo se consagrarem a seu divino Mestre, com tantos maiores dons e graças serão enriquecidos por Aquelle que se não deixa vencer em generosidade pelos seus servos.

Jesus Christo chama bemaventurados a todos aquelles que por seu amor renunciaram ás vaidades terrenas e por sua causa são perseguidos e calumniados. «Bemaventurados sereis vós quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disseram todo o mal contra vós por causa de mim. Alegrae-vos e exultae, porque grande será a vossa recompensa no céu» 3). A seus apostolos predisse Elle que seriam levados aos tribunaes, açoitados nas synagogas e odiados por todos os homens, e tudo isso por causa de seu nome; mas que então se lembrassem de que o disci-

1) Salmo LXXII, 18.

2) Prov., VIII, 17.

3) Matth., V, 11 e seg.

pulo não é maior que o seu mestre, e se chamaram Belzebuth ao pae de familia não é de admirar que muito mais façam aos seus domesticos 1). Disse-lhes ainda que, apesar de tudo isso, não se deviam atemorizar, porque a divina Providencia velava sobre elles, e, si O confessassem diante dos homens, tambem Elle os confessaria diante de seu Pae celestial.

Os apóstolos prometteram seguir estes ensinamentos e cumpriram-n'os fielmente. Foram açoitados no supremo conselho, mas «sahiram gozosos por serem achados dignos de soffrer affrontas pelo nome de Jesus» 2). Era para elles summa honra merecerem participar das humilhações de seu Senhor e Mestre. Evidentemente haviam já sido contaminados por aquillo a que Thieme chama «monacal dedicação á affronta».

S. Pedro exhorta os christãos com estas palavras: «Alegrae-vos por soffrer com Christo... Sereis bemaventurados quando vos injuriarem por causa do seu nome, porque então repousará sobre vós a honra e a magnificencia, o poder de Deus e o seu Espirito» 3).

1) Matth., X, 17 e segs. João, XV.

2) Actos dos Apost., V, 41.

3) 1ª Pedro, IV, 13 e seg.

Sulpicio Servero 1) conta de S. Martinho, bispo de Tours, que tinha em sua companhia um clérigo de nome Bricio, que muitas vezes o offendia e injuriava insolentemente. Chamava-lhe insensato, impostor, e diffamava-o, espalhando a noticia de que Martinho enganava a gente simples com artes magicas, e dizia-se favorecido por sobrenaturaes appareções que na verdade não tinha. O santo bispo, longe de o despedir ou castigar, tinha-o comsigo e dizia, cheio de humildade: «Si Jesus Christo supportou a Judas, por que não supportarei eu a Bricio?» Tinha elle com certeza bem gravadas no coração aquellas palavras do Salvador: que o servo e discipulo não pôde, sem faltar á justiça, desejar ser mais bem tratado que seu Senhor e Mestre.



1) *Dialogus tertius*, c. 15 (Migne, P. 1, XX, 221),



CAPITULO VIII

A humildade dos principes dos Apostolos — S. Pedro e S. Paulo

A palavra commove e o exemplo arrasta, diz o proverbio. Já apresentámos o Homem-Deus como mestre e modelo perfeito da humildade. Mas, dirá alguém: é certo que Jesus Christo era homem verdadeiro, mas era tambem Deus, e por isso a sua virtude era tão grande que a não podemos imitar.

Com certeza que é erronea tal affirmacão. O mesmo Christo nos convida a imital-o, logo é porque isso é possivel, ajudados pela sua graça. Sempre será bom, comtudo, estudar a humildade em puros homens, pois o seu exemplo nos dá uma prova sobremaneira irrefutavel de que, apesar de nossa fraqueza e miseria, podemos seguir os exemplos do humilde Salvador. Escolhamos, por exemplo, os principes dos Apostolos.

§ I. A humildade de S. Pedro

S. Pedro apparece-nos no Evangelho com um caracter fogoso, energico e decidido. Era extremamente dedicado para com o Senhor, que o chamára de pescador para o Apostolado e para a mais alta dignidade na Igreja.

Como succede geralmente em caracteres como o seu, Pedro confiava demasiado em si mesmo, nas suas proprias forças. Não estava ainda praticamente convencido de que nós nada somos sinão miseria e fraqueza, de que todas as nossas forças nos vêm de Deus, sem o auxilio do qual nada podemos fazer. Foi para lhe evidenciar bem esta verdade, que tão necessaria lhe havia de ser principalmente durante o seu pontificado, que o Salvador permittiu que elle cahisse tão miseravelmente.

Já durante a ceia lhe disse o divino Mestre 1): «Para onde eu vou, não podes tu agora seguir-me». E Pedro logo exclamou: «Por que não?», accrescentando immediatamente que estava prompto a dar a vida por seu Mestre. Mas Jesus respondeu, predizendo a sua quêda: «Em verdade, em verdade te digo que antes que o gallo cante me negarás tres vezes».

Depois da ceia, no caminho para o Jar-

1) João, XIII, 36.

dim das Oliveiras, disse Jesus que todos os apóstolos se haviam de scandalizar por sua causa 1). Mas logo Pedro, cheio de presumpção, affirmou: «Ainda que todos se scandalizem a teu respeito, eu nunca me scandalizarei». Julgava-se elle mais forte que todos os outros; mas Jesus logo lhe respondeu: «Em verdade te digo: antes que o gallo cante duas vezes, tres me has de negar».

Parece que, perante uma linguagem tão clara, Pedro se deveria submeter e desconfiar de si mesmo. Longe, porém, disso, logo replicou em termos que, si accusavam grande dedicação a Jesus, denunciavam tambem grande presumpção: «Ainda que me seja necessario morrer comtigo, não te negarei» 2). Quanto presumia nas suas forças! Mas porque estava destinado para manejar o poder das chaves, como supremo Pastor da Igreja, ia em breve curar-se de sua presumpção e arraigar-se profundamente na virtude da humildade. A' voz de uma criada, Pedro nega tres vezes a seu Mestre: affirma primeiro que o não conhece, jura depois, e por fim junta ao juramento a imprecção contra si mesmo. e tudo isto para energicamente asseverar que desconhece por completo a Jesus.

1) Vêde Marc., XIV, 27.

2) Marc. XIV, 30 e seg.

Aquelle mesmo Pedro que em Cesarea de Felippe confessava, cheio de fé, a divindade de Christo, e ainda ha pouco affirmava: «Ainda que todos se escandalizem por tua causa, eu nunca me escandalizarei», abyama-se agora tão profundamente! Jesus assim o permittia para o curar totalmente da sua presumpção e radical-o na santa virtude da humildade. Os olhos da Pedro abriram-se diante da propria fraqueza.

O Senhor, porém, não permittiu que o discipulo perecesse. Olhou para elle cheio de bondade e misericordia 1); e Pedro, lembrando-se do que seu divino Mestre havia predito, sahio fóra e chorou amargamente. Estava para sempre curado; de presumpçoso, tornára-se humilde.

Pelo seu modo de proceder quando Jesus, depois de sua gloriosa resurreição, o investiu no Primado 2), vemos claramente a reforma que se operou em seu espirito. Perguntando lhe o Salvador: «Simão, amas-me mais do que estes?», respondeu: «Sim, Senhor! tu sabes que te amo». Já não disse: «amo-te mais do que estes»; não ousou preferir se a ninguem. E como Jesus insistisse por tres vezes nesta mesma pergunta, Pedro, lembrando-

1) Luc., XXII, 61.

2) João, XXI, 1-14.

do-se certamente das tres vezes que o negára, cheio de tristeza respondeu: «Senhor, tu, que tudo conheces, sabes que te amo». Esta humilde resposta prova que o seu amor era verdadeiramente humilde, e que por isso o Senhor já o podia investir na altissima dignidade a que o queria elevar. A Igreja ia ter um chefe sólidamente fundado no amor e na humildade.

Que profunda transformação se operou no principe dos apostolos, sob a direcção de seu divino Mestre ! Um dia, Salomé, chegando-se a Jesus, disse-lhe, a pedido de seus filhos Thiago e João : «Faz que estes meus filhos se sentem no teu reino um á tua direita, outro á tua esquerda». Ao ouvir isto, os demais apostolos indignaram-se contra os dois irmãos. Mas Jesus lhes disse : «Vós sabeis que os principes da terra dominam os seus vassallos, e que os maiores têm autoridade sobre seus inferiores. Entre vós, porém, não ha de ser assim : mas aquelle que quizer ser o maior, ha de ser o menor, e aquelle que quizer ser o primeiro, ha de ser o servo todos ; porque tambem o filho do homem não veiu a ser servido, mas a servir e a dar a sua vida para redempção de muitos» 1).

Deste facto se depreheende que os disci-

1) Matth , XX, 24-28. Marc., X, 41-45.

pulos viviam ainda numa falsa concepção do reino messianico e que, cheios de egoismo, olhavam com inveja para aquelles que aspiravam aos primeiros logares. Precisavam por isso de correcção e ensino, pelo que o Senhor lhes falou assim : Os príncipes e grandes da terra usam do seu poder, não de um modo paternal para bem dos subditos, mas como despotas, abusando muitas vezes da sua autoridade em proveito proprio. Na Igreja, ao contrario, a autoridade tem por fim o bem e a salvação das almas, pelo que o seu exercicio é antes um serviço, uma entrega total de si mesmo, do que propriamente um dominio. Portanto, o que fôr o primeiro, o mais elevado em dignidade na Igreja de Deus, esse ha de ser o servo de todos. E Jesus confirmava a sua doutrina com o exemplo, pois, como Elle mesmo dizia, não tinha vindo a ser servido mas a servir e a dar a vida pelos outros.

Pedro fôra tambem dos apóstolos que se indignaram contra os filhos de Zebedeu, provavelmente por temer ser privado da Primazia que lhe fôra promettida. Foi só depois de ter negado a seu Mestre, e sobretudo depois da descida do Espírito Santo, que elle se tornou perfeitamente humilde, e pastoreou o rebanho de

Christo como verdadeiro *servus servorum Dei*, segundo a phrase consagrada desde antiga data para designar os seus successores no pontificado.

Com os demais apóstolos Pedro, depois de condemnado aos açoites pelo synhedrio, sahiu dali «cheio de alegria e gozo por ter sido digno de soffrer affrontas pelo nome de Jesus» 1)

Pedro deu-nos um admiravel exemplo de humildade quando um dia Paulo o reprehendeu pela exaggerada attitude em observar os ritos mosaicos 2). S. Gregorio Magno 3) admira extremamente tão grande humildade. Observa elle que Pedro louva as epistolas de S. Paulo pela sabedoria com que estão escriptas; logo é porque as leu, e com certeza viu que era nellas publicamente reprehendido. Pois, apesar disso, tece-lhe um rasgado elogio; como amante da verdade, louva implicitamente o ter sido reprehendido. «O superior deixa-se instruir pelo subdito, e acata a sua opinião para que, visto ser elle o primeiro em dignidade, o fosse tambem na humildade. Considerae, irmãos, os sublimes senti-

1) Actos dos Apost., V, 41.

2) Gal., II, 11.

3) Homil. in Ezech., l. 2, hom. 6, n. 9 (Migne, P. I., LXXVI, 1002).

mentos de que estaria repassado aquelle que louvava os escriptos em que era publicamente reprehendido ! Que admiravel generosidade, que paz da alma, que firmeza de character e de coração ! Não se desdenha de ser reprehendido pelo subdito ! Não se lembra já que foi escolhido para cabeça dos apóstolos, nem que recebeu as chaves do reino dos céus... ou, melhor, esquece tudo isto, para se conservar perfeitamente humilde !»

Segundo uma antiga tradição, Pedro, durante toda a sua vida depois de convertido, ao ouvir cantar o gallo ajoelhava-se e, chorando, pedia a Deus perdão da sua culpa. Acabou a sua lide apostolica morrendo numa cruz, depois de ter pedido por humildade que o crucificassem de cabeça para baixo.

Tambem nas suas duas epistolas apparece nitidamente caracterizada a profunda humildade que o animava. Nada recommendava aos fiéis que elle primeiro não praticasse. Exhortava-os a reconhecer humildemente que tudo deviam á graça de Deus, e que de si nada tinham a não ser o peccado.

«Bemdito seja o Deus e Pae de Nosso Senhor Jesus Christo, que, segundo a sua grande misericordia, nos regenerou para a esperanza da vida pela resurreição de

Christo de entre os mortos» 1) «Ereis outr'ora como ovelhas desgarradas, mas agora vos haveis convertido ao pastor e bispo de vossas almas», «que levou os nossos peccados no seu corpo sobre o madeiro e por cujas chagas fostes vós sarados» 2).

Os christãos devem por conseguinte glorificar a Deus com uma vida pura. Elle os exhorta sobretudo á paciencia-nos soffrimentos e na affronta. «Si fazeis o bem e soffreis com paciencia: isto é o que é agradável junto de Deus. Para isto fostes vós chamados: pois que Christo tambem padeceu por nós e vos deixou o exemplo para que sigaes as suas pisa-das» 3). Sêde «modestos e humildes». «Se-reis bemaventurados si alguma coisa soffrerdes por amor da justiça.»

«Obra com affabilidade e reverencia, e tem bôa consciencia, para que sejam confundidos os que caluniam o vosso proceder em Christo.» «Servi uns aos outros.» «Si algum ministra, seja conforme á virtude que Deus dá: Para que em todas as coisas seja Deus honrado por Jesus Christo, o qual tem a gloria e o imperio nos seculos dos seculos... Bemaven-

1) 1ª Pedro, I, 3.

2) 1ª Pedro, II, 24 e seg.

3) 1ª Pedro, II, 20 e seg.

turado sereis si sois vituperados pelo nome de Christo: porque a honra, a gloria e a virtude de Deus repousa sobre vós» 1). «Vós todos insinuae a humildade uns aos outros, porque Deus resiste aos soberbos e dá a sua graça aos humildes. Humilhae-vos, pois, debaixo da poderosa mão de Deus, para que Elle vos exalte no tempo da sua visita» 2).

Exhorta ainda os presbyteros a exercer o seu officio com espirito de amor e humildade, e não por um vil lucro, «não como que dominando sobre a grei do Senhor, mas fazendo-vos de bôa vontade o modelo do rebanho. E quando apparecer o supremo Pastor, recebereis uma corôa immarcescivel de gloria» 3). Pedro desempenhou certamente com este espirito de desinteresse, de amor e de humildade, o cargo de supremo pastor.

§ 2. A humildade de S. Paulo

No decurso da nossa exposição temos já citado varias vezes a doutrina e exemplo do apostolo S. Paulo acerca da virtude da humildade; apesar disso, julgamos conveniente estudal-os melhor numa vista de

1) 1ª. Pedro, IV, 11, 14.

2) 1ª. Pedro, V, 5 e seg.

3) 1ª. Pedro, V, 3 e seg.

conjunto. Os Actos dos Apostolos e as Epistolas de S. Paulo são documentos que evidenciam bem a sua alma grande e humilde e a sua ardente e generosa dedicação para com Jesus e sua Igreja.

«Sede meus imitadores, como eu sou imitador de Christo» 1), assim fala o Apostolo das gentes aos de Corinto e na pessoa delles a todos os christãos.

São duas as idéas principaes que resumam de toda a sua doutrina: O homem é nada, a graça é tudo. Com effeito, diz elle que a vontade sem a graça nada pôde fazer em ordem á salvação. Com isto certamente não quer negar a necessidade do livre concurso do homem na pratica do bem, mas tão sómente mostrar que é preciso que a graça antecipe, acompanhe e termine todo e qualquer bem que proponhamos fazer. Daqui conclue que só a Deus, de quem recebemos todo o bem, é devida toda a honra e gloria.

S. Paulo estava profundamente convencido do proprio nada. «Ninguém pôde dizer: Senhor Jesus, sinão no Espirito Santo» 2). A respeito de certos christãos que se julgavam mais sensatos e instruidos que os outros, e que por isso pretendiam levantar-se orgulhosamente sobre elles, es-

1) 1ª. Cor., IV, 16.

2) 1ª. Cor., XII, 3.

creve aos corinthios: «Quem te distingue? Que tens tu que não hajas recebido? E si o recebeste, por que te glorias como si o não tivesses recebido?» 1) «Aquelle que se tem por alguma coisa engana-se a si mesmo, porque é nada» 2). «Pela graça de Deus sou o que sou» 3).

Manifestando-se a discordia e a contenda entre os fieis de Corinto e sendo imminente a sua divisão em differentes doutrinas, pergunta elle: «Quem é então Apollos? e quem é Paulo?... São ministros daquelle a quem crêdes, e segundo o que o Senhor deu a cada um. Eu plantei, Apollos regou; mas Deus é o que deu o incremento. E assim nada é o que planta nem o que rega, mas sim Deus que dá o incremento» 4).

Aos philipenses escreve: «Deus é quem opera em vós o querer e o perfazer, segundo o seu beneplacito» 5).

Como creatura de Deus, o homem não pôde exigir, nem a graça nem a eleição. Deus tem o direito absoluto de fazer do homem o que lhe approuver e de dar a sua graça a quem muito bem quizer.

1) 1ª. Cor., IV, 7.

2) 1ª. Cor., III, 18.

3) 1ª. Cor., XV, 10.

4) 1ª. Cor., III, 4 e segs.

5) Phil., II, 13.

S. Paulo esclarece esta verdade com o facto da eleição de Jacob em lugar de Esaú 1). E depois accrescenta: «Que diremòs nós á vista disto? Ha porventura em Deus injustiça? Não por certo. Porque Elle disse a Moysés: Eu terei misericordia de quem quizer... Logo, não depende isso do que quer, nem do que corre, mas do usar Deus da sua misericordia... Logo tem misericordia ou endurece a quem muito bem quer».

Note-se, porém, que, muito embora assim succeda, de nenhum modo se restringe a liberdade humana. Deus proporciona a todos as graças sufficientes, mas permite que uns lhe resistam e fiquem obstinados, como vemos ter acontecido a muitos judeus, enquanto que a outros chama-os de uma maneira mais efficaz para a salvação eterna. Não podemos, por isto, censurar a Deus. «O' homem, quem és tu para disputar com Deus? Porventura diz o vaso de barro a quem o fez: «Por que me fizeste assim? Acaso não tem o obreiro poder para fazer da mesma massa um vaso para honra e outro para ignominia?» 2).

Por isso mesmo que somos creaturas e propriedade de Deus, que é o poder e a

1) Rom., IX, 10 e segs.

2) Rom., IX, 20 e segs.

sabedoria infinita, não devemos com a nossa fraca razão querer perscrutar nem julgar os planos divinos da salvação. «O' profundidade infinita das riquezas e da sabedoria de Deus: Quão incompreensíveis são os seus juizos e impenetráveis os seus caminhos! Porque quem conheceu a mente do Senhor, ou quem foi o seu conselheiro? E quem lhe deu alguma coisa para que depois fosse recompensado? 1) Porque d'Elle, por Elle, e n'Elle existem todas as coisas: A Elle seja dada a gloria por todos os seculos» 2).

Aos Corinthios escreve elle 3) ainda: que, si crê que elles sãc a sua melhor carta de recommendação, tal confiança vem de Christo e não das suas proprias forças, porque de si mesmo nada pôde. «Temos uma tal confiança em Deus por Christo: não porque de nós mesmos sejamos sufficientes para pensar alguma coisa, como por virtude propria: mas a nossa capacidade vem de Deus».

A humildade de S. Paulo fundamenta-se, pois, sobre estas duas columnas: o conhecimento do proprio nada e do poder e bondade infinita de Deus. De si mesmo

1) Isto é, quem trabalhou pela sua justificação a ponto de a merecer?

2) Rom , XI, 33 e segs.

3) 2ª Cor., III, 4 e seg.

é elle nada e incapaz de tudo, mas Deus é o poder e bondade infinita que dá as suas graças a quem muito bem quer, e a quem só pertence toda a honra e gloria pelo bem que possuímos. Todo o homem deve convencer-se destas duas verdades : que não merece distincção alguma e que todo o bem deve ser referido a Deus.

De si mesmo o Apostolo das gentes não se encontra digno de ser chamado apostolo. «Ultimamente appareceu tambem a mim como a um aborto 1). Porque eu sou o minimo dos apostolos, e não sou digno de ser chamado apostolo, porque persequei a Igreja de Deus. Mas pela graça de Deus sou o que sou, e a sua graça não tem sido van em mim, antes mais que todos os outros tenho eu trabalhado : não eu comtudo, mas a graça de Deus comigo» 2).

Aqui vemos claramente que a humildade não cegava a S. Paulo para que não visse os dons e graças recebidos de Deus, mas fazia-o sómente conhecer que não merecera taes graças por si ou pelos seus proprios meritos, mas que eram ellas uma dadiva gratuita da misericordia di-

1) Isto é, como a alguém que pretende tanto o nome de apostolo, como um aborto merece ser chamado homem.

2) 1ª Cor., XV, 8 e segs.

vina. De si vê elle ter apenas o peccado, por isso se julga indigno de ser chamado apostolo; mas Deus deu-lhe a sua graça e chamou-o para o apostolado.

«Pela revelação conheci eu o sacramento (de Christo)..., que noutros tempos não foi conhecido pelos filhos dos homens, como agora foi revelado pelo Espirito aos seus santos apostolos e prophetas» 1). Eu fui feito o ministro do Evangelho de Jesus Christo «pela graça de Deus que me foi dada pela operação do seu poder; a mim, que sou o menor de todos os santos, me foi dada a graça de annunciar aos gentios as riquezas incompreensíveis de Christo» 2).

Por estas palavras mostra que se julgava o menor dos apostolos e dos santos; e noutro lugar diz se tambem o maior dos peccadores: «Jesus Christo veio a este mundo para salvar os peccadores, dos quaes sou eu o primeiro» 3). Não quer o Apostolo dizer com isto que seja em absoluto o maior dos peccadores, mas tão sómente que é o maior dos peccadores chamados ao christianismo. Algumas linhas antes escrevera elle que agradecia a Christo o tel-o investido na dignidade (de

1) Eph., III, 3 e 5.

2) Eph., III, 7 e seg.

3) 1ª Tim., I, 15.

apostolo), a elle que antes era blasphemo, perseguidor e calumniador; «mas», accrescenta logo, «alcancei de Deus misericordia porque não tendo fé, obrava por ignorancia» 1).

Antes de sua conversão perseguira elle a Egreja, injuriára Christo, e a muitos christãos, sem distincção de sexos nem idades, havia mettido nas prisões, arrastado aos tribunaes, e até mandado açoitar 2); sem duvida fizera tudo isso por ignorancia, mas apesar disso julga-se o maior dos peccadores convertidos ao Evangelho. As palavras: *Peccatores quorum primus sum ego*, não significam mais que est'outras: *Mihi sanctorum minimo*. Pois, accrescenta elle logo: «Mas eu alcancei misericordia para que fosse o primeiro em quem Jesus Christo quiz mostrar a sua extrema paciencia» 3).

Tambem Sto. Agostinho entende neste sentido as palavras do Apostolo. Qual a razão, pergunta elle, por que S. Paulo se chama o primeiro dos peccadores não no tempo, mas na malicia? E responde: «Pensae em Saulo e achal-o-eis. Vós pensaes só em Paulo e immediatamente vos

1) 1ª Tim., I, 12 e seg.

2) Actos dos Apóst., VIII, 3; XXII, 4 e 19; XXVI, 10 e seg.

3) 1ª Tim., I, 16.

esqueceis de Saulo; pensaes no pastor e logo se vos esquece o lobo. Não foi elle aquelle que se não contentou com apedrejar a S. Estevão, mas guardou os vestidos dos que o apedrejavam? Não foi elle por toda a parte o grande perseguidor da Igreja? Não foi elle quem recebeu cartas dos principes dos sacerdotes, porque se não achava contente com perseguir só os christãos de Jerusalém, mas queria ainda ir procural-os a outros lugares para os prender e fazer conduzir ao supplicio? Não foi elle quem, respirando ainda ameaça e morte, foi lançado a terra por uma força celestial? E não ouviu elle a voz do Senhor quando para sua salvação o feriu a luz que o cercára? Quando caminhava foi elle lançado por terra, e, para que visse, ficou cego. Foi portanto elle o maior perseguidor da Igreja; não houve cutro que o iguallasse. 1)

Segundo o parecer de Sto. Agostinho, S. Paulo não diz que é o maior peccador da terra, mas apenas que fôra o maior dos peccadores convertidos ao christianismo, porque mais que todos perseguira a Igreja. S. Paulo podia, pois, crer e afirmar isso com toda a verdade.

1) Sermo 175, C. 6 (Migne, P. 1., XXXVIII 948).

O Apostolo das gentes é tambem um exemplo de quanto Deus procura purificar de todo o orgulho aos seus escolhidos e arraigal-os na virtude da humildade. S. Paulo fôra eleito e assignalado por Christo não só pela sua admiravel vocação ao apostolado e pelos fructos prodigiosos do seu trabalho, mas tambem pelas luzes e revelações com que o esclareceu, por o ter arrebatado ao terceiro céu, onde ouviu palavras que o homem não pôde exprimir 1). Não haveria o perigo de que se vangloriasse e exaltasse por tudo isto? O que fez Deus então? O mesmo Paulo nol-o conta: *«Para que me não ensoberbecesse com a grandeza de minhas revelações, permittiu Deus que eu sentisse na minha carne um agulhão que é o anjo de Satanaz, para me esbofetear. Por cuja causa roguei por tres vezes ao Senhor para que o apartasse de mim, e Elle me respondeu: Basta-te a minha graça, porque o meu poder manifesta-se mais claramente na enfermidade»* 2), isto é, quanto maior fôr a tua fraqueza e mais a sentires, tanto mais se patenteará a minha graça, e tanto melhor reconhecerás que o bem que ha em ti não é coisa tua mas obra da graça divina.

1) 2ª Cor , XII, 4.

2) 2ª Cor., XII, 7 e segs.

Paulo sabe muito bem que foi elle o favorecido pelos maravilhosos arrebatamentos e visões, mas conta-os como si fossem de uma outra pessoa 1). «Deste tal me gloriarei; mas de mim em nada me gloriarei, a não ser em minhas fraquezas; pois, ainda quando me quizesse gloriar, podel-o-ia fazer sem insipiencia, porque dizia a verdade; mas não o faço para que ninguém me estime mais do que pelo que em mim vê, (ou de mim ouve)». «Com prazer me glorio em minhas fraquezas, para que habite em mim a virtude de Christo; por isso sinto complacencia nas minhas fraquezas, nas affrontas, nas necessidades, nas perseguições e nas angustias por amor de Christo; porque quando estou enfermo, então estou forte» 2) pela graça de Christo.

Assim Paulo junta sempre ao conhecimento do proprio nada, que o leva ao despreso de si mesmo, o conhecimento da grandeza e bondade de Deus e da omnipotencia da sua graça; pelo que se sujeita a Deus e se enche de confiança no seu auxilio.

Inteiramente desconfiado de si mesmo, todo elle está cheio de confiança em Deus. «De nada me argúe a consciencia;

1) 2ª Cor., XII, 5 e segs.

2) 2ª Cor., XII, 9 e seg.

mas nem por isso me dou por justificado, pois o Senhor é quem me julga» 1) «Nós, dentro de nós mesmos, como que ouvimos pronunciar a sentença de nossa morte (imaginava eu que a morte viria dentro em pouco) para que não confiemos em nós mesmos, mas em Deus que resuscita os mortos; o qual nos livrou de tantos perigos, e livra ainda, e nos livrará para o futuro, como o esperamos de sua bondade. As orações que vós fazeis por nós contribuem também para isso, afim de que a graça que nos foi concedida em atenção a muitas pessoas, por intervenção de muitos sejam também dadas graças por nós» 2). Com o conhecimento da sua fraqueza, vae sempre crescendo em Paulo o reconhecimento das graças que lhe são concedidas por intercessão de muitos e pelas quaes devem todos dar graças a Deus com elle.

Esse reconhecimento da propria fraqueza e miseria, donde nasce a desconfiança em si mesmo, é também a causa que move o Apostolo a recommendar-se com insistencia ás orações dos fiéis. Além dos logares supracitados, muitos outros podemos ainda apontar: «Peço-vos, ó irmãos», escreve elle aos romanos, «que,

1) 1ª Cor., IV, 4.

2) 2ª Cor., I, 9 e seg.

por Nosso Senhor Jesus Christo e pelo amor do Espirito Santo, me ajudeis junto de Deus com as vossas orações» 1). «Orae em espirito em todo o tempo, usando de todas as especies de supplicas e de orações; vigiae com fervor e rogae por todos os santos, e por mim, para que ao abrir a minha bocca Deus me dê palavras para annunciar livremente o mysterio do Evangelho» 2). «Irmãos, orae por nós» 3).

E' por desconfiar de si mesmo que Paulo está sempre receioso da sua eterna salvação. Si elle exhorta os christãos a «trabalhar na propria salvação com temor e tremor» 4), quão solícito elle não havia de ser em trabalhar por isso mesmo? «Castigo o meu corpo», escreve elle aos corinthios, «e o reduzo á servidão, para que não succeda que, tendo eu prégado aos outros, venha eu mesmo a ser reprovado» 5). Mas quanto mais desconfia de si mesmo, mais confia na graça de Deus: «Tudo posso naquelle que me conforta» 6).

Si reconhece ter trabalhado mais que os outros apostolos, logo accrescenta hu-

1) Rom., XV, 30.

2) Eph., VI, 18 e seg.

3) 1ª Tess., V, 25. Hebr., XIII, 18.

4) Phil., II, 12.

5) 1ª. Cor., IX, 27.

6) Phil., IV, 13.

mildemente : « não eu comtudo, mas a graça de Deus commigo » 1). « O Senhor me tem assistido e fortificado » 2). « De bôa vontade me glorio nas minhas fraquezas, para que habite em mim a virtude de Christo » 3). « Quando estou enfermo então sou forte » 4).

S. Paulo, porque se despresa a si mesmo, era indifferente para com a honra e louvor dos homens. « Pouco me importa ser julgado por vós ou por qualquer outro homem » 5). « Trabalho por agradar aos homens ou por agradar a Deus ? Pretendo agradar aos homens ? Si ainda quizesse agradar aos homens, não seria servo de Christo » 6).

O Apostolo dá toda a honra e louvor ao autor do bem. Por isso convida muitas vezes os fieis a serem gratos a Deus, e a só procurarem a sua gloria. « Agradecei tudo a Deus Pae em nome de Nosso Senhor Jesus Christo » 7). « Graças sejam dadas a Deus pelo seu dom ineffavel » 8). « Glorificaes a Deus e trazei-O em

1) 1ª. Cor., XV, 10.

2) 2ª. Tim., IV, 17.

3) 2ª. Cor., XII, 9.

4) 2ª. Cor., XII, 10.

5) 1ª. Cor., IV, 3.

6) Gal., I, 10.

7) Eph., V, 20.

8) 2ª. Cor., IX, 15.

vosso corpo» 1). Quer comaes, quer bebaes, quer faças qualquer outra coisa, fazei tudo para a gloriã :de Deus» 2). «Tudo o que fizerdes por palavras ou por obras, fazei-o em nome de Nosso Senhor Jesus Christo, e dae por Elle graças a Deus Pae» 3).

Já acima notámos que, quem anhela por amar a Christo e imital-o perfeitamente, deseja a cruz, a affronta e o abatimento, para se tornar semelhante a seu Mestre. Paulo sabia que Deus «áquelles que previu na sua presciencia, a esses tambem predestinou para serem conformes á imagem de seu Filho, para que Elle fosse o primogenito entre muitos irmãos» 4). O amor de Christo constrangia-o 5), e dahi o querer tornar-se semelhante a seu Amado. Elle não se gloria no que é grande aos olhos do mundo, como riqueza, sabedoria, nobreza, poder, etc., mas apenas no que Christo para si escolheu, e que portanto o assemelha ao Mestre; tudo isto se resume numa só palavra : a cruz.

Si alguém pôz em pratica aquella palavra de Christo : «Si alguém quizer ser meu discipulo, tome a sua cruz e siga-

1) 1ª. Cor., VI, 20.

2) 1ª. Cor., X, 31.

3) Col., III, 17.

4) Rom., VIII, 29

5) 2ª. Cor., V, 14.

me», esse foi com certeza Paulo. Segundo elle, os christãos devem ser e viver como Christo, para que, imitando-O, sejam santos e bemaventurados. «A palavra da cruz é na verdade estulticia para os que se perdem ; mas para os que se salvam, isto é, para nós, é a virtude de Deus... Os judeus pedem milagres e os gentios buscam a sabedoria, mas nós prégamos a Christo crucificado, que de facto é um escandalo para os judeus e uma loucura para os gentios, mas que é a força e a sabedoria de todos os que são chamados, quer sejam judeus, quer gentios... Deus escolheu a fraqueza para confundir os fortes, e o que é vil e desprezível aos olhos do mundo e o que nada é, para destruir o que é, afim de que nenhum homem se glorie na sua presença» 1). «Eu julgo nada saber entre vós, sinão a Jesus, e este crucificado» 2).

Si Paulo exhortava muitas vezes os fiéis a vestirem-se de Christo, isto é, a competrarem-se do seu espirito e a realizarem-n'o em suas obras, não visava elle tambem outro ideal : todo elle anhelava por assemelhar-se de tal sorte a Christo, que com Elle não fosse sinão um só.

«Longe de mim o gloriar-me, a não ser

1) 1ª. Cor., I, 18 e segs.

2) 1ª. Cor., II, 2.

na cruz de Nosso Senhor Jesus Christo, por quem o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo» 1). Com isto quer S. Paulo dizer: O mundo despreza-me e trata-me como merecedor da morte de cruz; eu desprezo-o e aborreço-o do mesmo modo. «Estou crucificado com Christo; mas vivo ainda ou, por melhor dizer, não sou eu já o que vivo, mas Christo é quem vive em mim» 2), isto é, já não vive em mim o homem velho e peccador, mas sim o homem novo, creado segundo Christo, e vive tambem em mim o mesmo Christo 3), dirigindo pela sua graça todo o meu pensar, sentir, querer e operar.

No mesmo sentido escreve aos philippenses: «Christo é o meu viver e o morrer um proveito» 4).

Estava tão intimamente unido a Christo, fonte de sua vida, que tinha a morte como um lucro, pois que mais estreitamente o unia a Elle. «Em extremo me alegre em toda a nossa tribulação» 5).

Para avaliarmos o que Paulo quer significar ao dizer que se enche de alegria em toda a tribulação, devemos recordar

1) Gal, VI, 14.

2) Gal., II, 19.

3) Cornely, Comment. in Epist. ad Gal.

4) Phil., I, 21.

5) 2ª Cor., VII, 4.

os soffrimentos e humilhação que elle soffreu com os demais apóstolos: Acerca disto escreve elle aos corinthios: «Julgo que Deus nos trata, a nós apóstolos, como os ultimos dos homens, como sentenciados á morte, pois temos servido de espectáculo ao mundo, aos anjos e aos homens. Nós somos néscios por Christo e vós sábios em Christo; nós, fracos (parecemos fracos devido a tanto soffrer), e vós (segundo vos parece) fortes, vós honrados e nós desprezados. Até á hora presente temos soffrido fome e sede, nudez e máus tratos, e não temos morada fixa; trabalhamos com nossas proprias mãos, somos amaldiçoados e nós abençoamos, perseguem-nos e soffremos, injuriam-nos e pagamos as injurias com orações; temos sido como a immundicie deste mundo, como a escoria por todos rejeitada» 1).

Mas o Pae da misericordia e o Deus de toda a consolação sustentou a Paulo na angustia. «A' medida que crescem em nós os soffrimentos de Christo, crescem tambem por Christo as nossas consolações» 2). «Gloriamo-nos na tribulação porque sabemos que ella gera a paciencia» 3).

1) 1ª Cor., IV, 9 e segs.

2) 2ª Cor., I, 5.

3) Rom., V, 3.

Querendo o Apostolo ir de Cesaréa para Jerusalém, Agabo prophetizou-lhe que ahi seria preso pelos judeus, e entregue aos gentios, pelo que os christãos lhe rogaram que desistisse da viagem. A sua unica resposta foi esta: «Estou prompto não só a deixar-me prender, mas até a morrer em Jerusalém pelo nome de Jesus, Senhor nosso» 1).

Porque amava ardentemente a Christo, reputava por «damno» e por «lôdo» tudo o que fosse terreno, como honra, riqueza e prazer para O ganhar 2). Era indifferente a todas as vicissitudes humanas. «Em tudo nos devemos portar como ministros de Deus: na muita paciencia, nas tribulações, nas necessidades, nas angustias, nos açoites, nos carcereos, nas sedições, nos trabalhos, nas vigalias, nos jejuns, na castidade, na sciencia... nas armas da justiça de que nos servimos para combater á direita e á esquerda; na honra, na deshonra, na má ou bôa fama; quando julgados enganadores ainda que sejamos sinceros e verdadeiros; quando reputados desconhecidos sendo de facto muito conhecidos, ou como morrendo e eis aqui está que vivemos; como castigados mas não desfallecidos; como tristes mas sem-

1) Actos dos Apost., XXI, 13.

2) Phil., III, 8.

pre alegres ; como pobres mas enriquecendo a muitos, como nada tendo mas possuindo tudo» 1).

Si «é nobre de espirito não aquelle a quem não falta dinheiro, honra ou outra qualquer coisa, mas sim quem em si mesmo conserva a grandeza de alma» 2), como diz S. João Chrysostomo, quem então maior e mais nobre que o humilde S. Paulo ?



1) 2ª Cor., VI, 4 e segs.

2) Hom.. 1 super I .Cor., (Migne, P. gr., 16).





CAPITULO IX

Praticas de humildade

§ I. — A humildade em relação a Deus.

A virtude é uma disposição constante da qual dimanam diversos actos e operações, como os fructos da arvore. Como todos os habitos, tambem a virtude em geral se adquire pelo exercicio. Por isso, quem quizer adquirir a humildade deve pratical-a resoluta e perseverantemente.

Depois das considerações feitas até aqui, ser-nos-á facil expôr pormenorizadamente as differentes maneiras de praticar a humildade. Tal exposição será o objecto do presente capitulo. Devemos, porém, desde já advertir que não nos limitaremos a explicar unicamente os varios modos de exercitar a humildade, mas tambem nos occuparemos das virtudes a que ella dá origem.

Assim como a soberba é a mãe de to-

dos os vícios, assim da humildade pro-
manam muitas outras virtudes.

A humildade pôde exercitar-se interior-
mente ou exteriormente, isto é, cu sómen-
te no intimo da alma, ou de um modo
patente aos homens.

O primeiro dos exercicios interiores da
humildade para com Deus é o reconheci-
mento de que todo o bem que possuímos,
quer na ordem natural, quer na sobrena-
tural, não nos pertence a nós, mas a
Deus, que nol-o concedeu por sua infinita
liberalidade. De nós mesmos não somos
mais que miseria e peccado. O humilde
compenetra-se cada vez mais desta ver-
dade e agasalha-a em seu coração de ma-
neira a dominar todo o seu pensar e que-
rer. Em todas as circumstancias reconhe-
cerá com alegria e dirá a Deus: «Lem-
bro-me que me fizeste como a um vaso
de barro» 1).

A convicção intima desta verdade leva-
nos naturalmente a reconhecer o supre-
mo e absoluto dominio de Deus sobre
nós. Só a Deus pertence todo o bem que
possuímos; por conseguinte, pôde dispôr
de nós livre e incondicionalmente segun-
do a sua infinita sabedoria, e nós somos
obrigados a acatar com alegria a sua san-
ta vontade em tudo e sempre. Em todas

1) Job, X, 9.

as circumstancias devemos dizer com Sto. Agostinho: *Da quod jubes et jube quod vis*. Dae-me a graça de fazer o que Vós ordenaes e ordenaes o que quizerdes.

Si nos reputamos em relação a Deus como a vis escravos, logo nos submeteremos promptamente a tudo o que Elle quizer fazer de nós. Seremos nas suas mãos como o barro nas mãos do oleiro; nunca ousaremos rebelar-nos contra Elle ou de qualquer maneira contradizel-o. «O' homem», escreve S. Paulo, «quem és tu para disputar com Deus? Porventura diz o vaso de barro a quem o fez: por que me fizeste assim? Acaso não póde o oleiro fazer de uma mesma massa um vaso para honra e outro para ignominia?» 1).

Poderá Deus enviar ou permittir doenças, pobreza, humilhações e soffrimentos de toda a especie, que o verdadeiro humilde nunca ousará murmurar de suas diversas disposições. Dirá com Job: «Como foi do agrado do Senhor, assim succedeu; bemdito seja o nome do Senhor» 2).

«Humilhae-vos», exclama S. Pedro, «debaixo da poderosa mão de Deus, para que Elle vos exalte no tempo da sua visita» 3). S. Francisco de Sales julga re-

1) Rom., IX, 20 e seg.

2) Job I, 21.

3) 1ª Ped., V, 5.

prehensível até o queixar-se alguém, por exemplo, do mau tempo, por vêr ali uma falta de sujeição á vontade de Deus. Nunca o humilde perguntará: — Como podia Deus permittir este acontecimento? Por que permittir que viessem sobre este innocente tão grandes males, emquanto tal impio vive em paz e na abundancia? — mas antes exclamará: «O' profundidade dos thesouros, da sabedoria e da sciencia de Deus! Quão incompreensíveis são os seus juizos e inextrutáveis os seus caminhos! Pois quem conheceu a mente de Deus, ou quem foi o seu conselheiro?». 1).

O nosso entendimento é como que uma pequena lampada; que loucura não é o querer com ella illuminar melhor o universo do que o radiante sol da infinita sabedoria!

O humilde, compenetrado da sua pequenez e da infinita majestade divina, conserva-se sempre summamente respeitoso para com Deus, que é a mesma santidade e tudo vê e conhece.

De S. Francisco de Sales se conta que sempre em toda a parte, mesmo quando se julgava livre das vistas dos homens, guardava uma respeitosa compostura, como si estivesse na presença de uma illustre personagem. Com certeza que estava

1) Rom., XI, 33 e seg.

bem compenetrado da omnipresença da Majestade divina e da propria fraqueza e miseria. A sua religiosa modestia era a expressão da sua humildade.

O humilde não se contenta só de pronunciar com respeito e temor o santo nome de Deus. E' sobretudo na oração que elle mostra a grande virtude que o anima. O Homem-Deus prostrou-se de joelhos no Jardim das Oliveiras, e orou a seu divino Pae com summo respeito interior e exterior; pois de modo semelhante procede o humilde, segundo as exigencias das circumstancias: na egreja, no manejo e trato das pessoas e coisas a Deus consagradas, e sobretudo nas relações directas para com Deus. O mendigo só se aproxima do rico a pedir esmola numa attitude respeitosa; no mesmo porte se apresenta o humilde ao tratar com Deus.

E' do humilde reconhecimento de que todo o bem que possuímos nos vem da liberal mão de Deus que naturalmente nasce a sincera gratidão para com Elle. Só o mendigo soberbo pôde ser ingrato. Si um rei tirasse da miseria a um pobre, recebendo o em seu palacio como a um filho, e cumulando-o de toda a sorte de bens, não seria de esperar a maior e mais sincera gratidão da sua parte? Ora,

muito mais que isso fez e faz ainda Deus ao homem: tirou-o do nada, adoptou-o por filho, e o convida a tomar parte na sua eterna felicidade.

Assim como a humildade leva naturalmente á gratidão, assim tambem a gratidão leva ao amor de Deus e ao completo abandono em suas mãos paternaes. Pois o conhecimento do proprio nada, o fundamento da humildade, não póde subsistir sem o reconhecimento da Omnipotencia divina, que por sua bondade nos creou, e que, ainda depois de peccarmos, nos amou a ponto de nos dar a seu Unigenito Filho, para que todos os que nelle cressem alcançassem a vida eterna 1). Quanta verdade não encerram aquellas palavras attribuidas a Sto. Agostinho: «Conheça-me a mim para me desprezar, e conheçavos a Vós para vos amar»!

Nós temos de proprio não o bem, porque o recebemos de Deus, mas unicamente as faltas, os defeitos e peccados. Quem estiver bem possuido desta verdade de de fé, ter-se-á em pouco e desprezar-se-á, pois de si mesmo é nada, ou, melhor, ainda menos que nada, porque o peccado é menos do que o nada. Com o desprezo proprio cresce em nós o reconhecimento de que pelos nossos peccados merecemos

1) João, III, 16.

o inferno. Só á graça e misericórdia divina devemos o estar ainda livres delle para emendar nossas faltas e alcançar a vida eterna. Somos como encarcerados a quem foi concedido indulto.

Quem reconhecer suas culpas e fraqueza terá de si mesmo umá grande desconfiança, e confessará com Job 1) «que não é mais que uma folha arrebatada pela ventania», uma «folha secca», a impotencia personificada. Por isso se applicará mais cuidadosamente ao exercicio das obras santas, para assegurar cada dia mais a propria salvação e evitará quanto possivel a occasião do peccado, porque conhece a sua fraqueza e sabe que quem ama o perigo nelle perecerá 2).

Quanto mais desconfia de si, tanto mais confia na infinita bondade de Deus e no seu braço omnipotente, em tudo o que se refere «á propria salvação e ao serviço do mesmo Deus. Esse tal será um homem humilde e de oração cheia de confiança e dirá com o Propheta: «Em ti, Senhor, espero e não serei confundido eternamente... tu és a minha fortaleza e o meu amparo» 3).

É, portanto, erronea a affirmação de

1) Job, XIII, 25.

2) Eccles., III, 27.

3) Psalmo XXX, 2 e 4.

Thieme de que a humildade nos torna pusillanimes e medrosos e que paralyza toda a energia. Muito ao contrario do que elle sustenta, a humildade, si mostra ao homem o seu nada e o faz desconfiar de si mesmo, logo dirige o seu olhar para a Omnipotencia divina, para a infinita bondade de Deus, de quem tudo espera alcançar e que lhe inspira grande confiança para com Elle.

«Humilha-te diante de Deus e espera na sua mão auxiliadora» 1). Em toda a sua impotencia e fraqueza sabe o humilde que tudo pôde com o auxilio de Deus. «Tudo posso naquelle que me conforta» 2), diz o Apostolo. E ainda: «Quando estou enfermo, então é que sou forte» 3). Sto. Ambrosio explica assim estas palavras: «Quanto mais reconheço a minha fraqueza e dirijo para Deus os meus olhares, tanto mais forte me sinto, porque o Senhor é a minha confiança» 4).

O conhecimento do proprio nada leva o humilde a pôr toda a sua confiança em Deus. Com o Psalmista, diz elle: «O nosso auxilio está no nome do Senhor,

1) Eccl., XIII, 9.

2) Phil., IV, 13.

3) 2ª Cor., XII, 10.

4) In 2 Cor., 12, n. 10 et 11 (Migne, P. I. XVII, 351).

que fez o céu e a terra» 1). «O Senhor é o meu amparo, e eu desprezei aos meus inimigos» 2). Diz S. Paulo: «Si Deus é por nós, quem está contra nós?» 3), isto é, que temos a temer si Deus está da nossa parte? A proposito nota Frederico Leopoldo de Stolberg «Os verdadeiros filhos de Deus têm sentimentos de filhos, e o filho a quem seu pae leva através de um caudaloso rio não se afflige por causa de sua fraqueza si confiadamente se agarra ao pescoço do pae» 4).

Quantas vezes nos apparece confirmada esta verdade na vida dos santos! Precisamente os mais humildes, os que, reconhecendo a propria fraqueza, menos confiavam em suas debeis forças, esses mesmos são os que mais nos espantam por seus feitos admiraveis e extraordinarios. Temos um magnifico exemplo deste genero nos apostolos. Eram pobres e incultos pescadores, sem poder nem reputação perante o mundo, inteiramente compenetrados da sua incapacidade, e apesar de tudo isto saem animosamente e confiados na graça auxiliadora de seu divino

1) Salmo CXXIII, 8.

2) Salmo CXVII, 7.

3) Rom., VIII, 31.

4) Ein Büchlein von der Liebe (Solothurne, 1821), 85-86.

Mestre a sujeitar ao dominio da cruz o mundo soberbo.

«No mundo encontrareis as vossas afflicções», lhes havia dito Jesus Christo; «mas tende confiança porque eu venci o mundo» 1). «E eis que eu estou com-vosco todos os dias até á consummação dos seculos 2).

Reconhecendo o seu nada e as suas culpas, o que é verdadeiramente humilde tem-se por indigno de todas as graças e dons recebidos de Deus, e dos que ainda espera receber. Como poderia elle julgar-se digno destes dons e graças, si se reputa como pó vil que tantas vezes tem offendido a Deus e não cessa de O offender e de abusar de suas dadivas? Não é isto fantasia, mas a mais pura das realidades.

O reconhecimento da nossa indignidade não pôde naturalmente obstar a que nos mostremos gratos e estimemos os dons da natureza e da graça que recebemos de Deus. A humildade é verdadeira, e por isso não nos pôde impedir que vejamos os dons possuidos. Como poderia um distincto artista ou poeta, um grande orador ou general, ignorar as suas excellentes aptidões, o seu admiravel engenho para o ramo a que se dedica? O verda-

1) João, XVI, 33.

2) Matth., XXVIII, 20.

deiro conhecimento de si mesmo é também uma perfeição do nosso espirito, e o fundamento da maneira de nos comportarmos. A humildade, porém, exige que nos reputemos por indignos destas graças, e as attribuamos exclusivamente á infinita bondade de Deus, e a Elle só tributemos toda a honra.

Temos um magnifico exemplo desta humildade na Santissima Virgem. Por commissão de Deus, appareceu-lhe o archanjo S. Gabriel e disse: «Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo, bendita és tu entre as mulheres» 1). Semelhante encômio fôra até ahí inaudito: Maria, tu és cheia de graça, o Senhor é contigo de um modo tão singular que és por excellencia bendita e feliz entre todas as mulheres. E como recebe Maria taes louvores? Acaso se compraz vanmente nessas palavras tão elogiativas? Não; ao contrario, perturba-se e pensa que especie de saudação seria aquella. Mas o anjo, para a socegar, lhe disse: «Não temas, Maria, porque achaste graça diante de Deus: eis que conceberás e darás á luz um filho e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. Este será grande e será chamado o Filho do Altissimo, e o Senhor Deus lhe dará o throno de seu pae David, e reinará eterna-

1) Luc., I, 28.

mente na casa de Jacob, e o seu reino não terá fim 1).

Maria, portanto, será a Mãe do Messias, do Filho eterno de Deus ! Mas como será isto possível, tendo ella consagrado a Deus a sua virgindade ? O anjo esclarece-a então acerca do mysterio admiravel da Incarnação. «O Espirito Santo descera sobre ti e a virtude do Altissimo te cobrirá com a sua sombra. E por isso mesmo o Santo que de ti nascer será chamado o Filho do Altissimo» 2).

Para confirmação de suas palavras, o anjo annuncia-lhe a concepção miraculosa do Baptista, «porque a Deus nada é impossivel» 3).

Não havia, pois, já duvida alguma. Maria sabia que tinha sido escolhida para Mãe de Deus, e que de um modo singular, por virtude do Espirito Santo, conceberia o Filho do Altissimo. Muito longe, porém, de se vangloriar com isso, humilha-se chamando-se escrava do Senhor e sujeitando-se incondicionalmente á vontade de Deus. «Eis aqui a escrava do Senhor ; faça-se em mim segundo a tua palavra» 4). E nesse instante, eternamente

1) Luc., I, 30-33.

2) Luc., I, 35.

3) Ibid.

4) Luc., I, 38.

memoravel, realizou-se no seu purissimo seio o admiravel mysterio da incarnação. «O verbo se fez carne e habitou entre nós» 1).

Por impulso diviuo, Maria, depois da Incarnação, apressou-se a ir visitar sua prima S. Isabel, mãe de João Baptista. Conheceu esta, «cheia do Espirito Santo», o grande mysterio que se operára no seio de Maria e cheia de jubilo e respeito exclamou: «Bem dita és tu entre as mulheres e bem dito é o fructo de teu ventre. E donde a mim esta dita, que venha a visitar-me a Mãe do meu Senhor? Porque apenas a voz da tua saudação chegou aos meus ouvidos, logo o menino exultou de prazer em minhas entrânhas. E bemaventurada és tu porque creste, pois tudo o que te foi dito, da parte do Senhor, se cumprirá» 2).

Que faz agora Maria? Nega por ventura que seja bem dita entre as mulheres, ou que seja a Mãe do Senhor, e que seja bem dito o fructo de seu ventre? Nega ella que tenha concebido e que por isso aconteça tudo o que o Senhor lhe disse pelo archanjo? Não; mas antes confirma tudo isso no sublime cantico do *Magnificat*.

Confessa ella mesma «Grandes coisas fêz em mim Aquelle que é poderoso e

1) João, I, 14. 2) Luc., I, 42-45.

cujo nome é santo» 1). «Eis que desde agora me chamarão bemaventurada todas as gerações» 2).

Muito embora tudo isto, ella permanece humilde, porque sabe que não deve aos seus méritos o ter sido elevada á dignidade de Mãe de Deus, mas unicamente á graça e misericórdia do Altissimo. Pelo que eleva a seu coração a Deus, que é a sua salvação e cuja virtude e generosa piedade operou nella tão grandes coisas. «Porque olhou para a humildade de sua serva» 3). Aquelle que destróe os planos dos que são soberbos nos pensamentos de seu coração, que depõe do throno os poderosos e eleva os humildes. Não attribue, pois, a si mesma a honra de todas as maravilhas que nella se haviam operado, mas sim a Deus, o Autor de todo o bem, o qual por sua infinita generosidade a exaltou, tirando-a da sua baixeza, para a elevar á dignidade de Mãe de Deus e cumular-a de graças extraordinarias.

§ 2. A humildade em relação ao proximo

I. Pratica interior

Pelo facto de o humilde se ter em pouco e se desprezar, está muito longe

1) Luc., I, 49.

2) Luc., I, 48.

3) Ibid.

de desejar a estima, a honra ou o louvor dos homens. Elle só procura a verdadeira gloria, a gloria diante de Deus, que se adquire pela virtude e pratica de boas obras. Só é grande quem vale muito aos olhos da mesma Sabedoria. Esta grandeza, porém, não se alcança sinão pela humildade. Por isso diz Christo : «Quem se fizer pequeno como este menino, esse será o maior no reino dos céus 1). «A verdadeira humildade», diz Sto. Agostinho, «não procura sobresahir em coisas transitorias, mas põe os olhos no que é eterno, do qual se aproxima não por força propria, mas com auxilio estranho» 2).

O humilde, reconhecendo que deve todo o bem á misericórdia de Deus, e pelo que só a Elle pertence toda a honra e gloria não busca a estima dos homens nem ambiciona distincção alguma. Não é a imagem que merece louvor e honra, ainda que muito bella e perfeita, mas sim o artista que a fez.

O homem é uma imagem que Deus creou, por isso a Deus só é devida toda a honra e gloria pelas suas perfeições. Quem foi verdadeiramente humilde não procura ser honrado e estimado dos homens, deseja, sim, passar despercebido

1) Matth., XVIII, 4.

2) Sermo 353 (Migne, P. 1., XXXIX, 156).

e ser ignorado, sempre que o dever e a honra de Deus não exijam outra coisa. Só de Deus quer elle ser conhecido. O *Ama nesciri et pro nihilo reputari*, que excita a indignação de Thieme, é a expressão exacta e justa dos sentimentos de humildade e corresponde inteiramente ao exemplo que nos deu o Salvador no seu nascimento e durante a sua vida occulta.

O humilde reputa-se pelo mais vil e indigne de todos os homens. Assim encarada, a humildade desperta grande indignação em muitos eruditos adversos ao christianismo, como por exemplo em E. de Hartmann. Ao homem soberbo e presumpçoso, que não crê na personalidade de um Deus Creador e se considera como parte integrante da divindade, parece inconcebível e até desarrazoado o ter de considerar-se mais vil e desprezível do que todos os seus semelhantes.

De um outro modo pensa o christão. S. Paulo exhorta os phillipenses a que «humildemente cada um tenha aos outros por superiores 1). Como pôde isto ser? E' S. Thomaz 2) quem nos responde. Objecta-se que é um erro ter por virtude o reputar-se alguém por mais pequeno e miseravel do que os outros, ou o crer e af-

1) Phil., II, 3.

2) S. theol., 2, 2, q. 161, a. 6 ad 1.

firmar que de tudo é indigno e incapaz. Eis como responde o santo doutor : «Sem erro pôde alguém crer e affirmar que é o mais vil e desprezível dos homens, pensando nos seus defeitos occultos, mas que elle muito bem conhece, e nos muitos dons de Deus que os outros possuem ignorando-os elle. Por diz isso Sto. Agostinho : «Crêde que alguns são mais dignos do que vós, muito embora exteriormente pareçaes melhores do que elles» 1). De igual modo cada um poderá crer e affirmar sem mentira que de tudo é indigno e incapaz, para com isso confessar que todo o seu poder e faculdades lhe vêm de Deus, segundo as palavras do apostolo : «Pois que não somos capazes de penetrar alguma coisa por nós mesmos, mas a nossa capacidade vem de Deus» 2).

Certos mysticos affirmam que para alguém ser humilde deve reputar-se pelo maior dos peccadores da terra, isto é, crer que commetteu mais e maiores peccados que todos os outros homens. S. Thomaz impugna e com razão este modo de ver. «A humildade» 3), diz elle, «não exige que alguém se considere por si mesmo (i. é,

1) Lib. de Virg., c. 52, (Migne, P. I., XL, 427).

2) 2ª Cor., III, 5.

3) S. theol., 2, 2, q. 161, a. 3.

por suas faltas), menos que os demais homens, aliás deveria cada um julgar-se o maior de todos os peccadores, quando o Apostolo diz sem prejuizo da humildade, na sua epístola aos Gálatas: «Nós somos judeus por natureza e não peccadores de entre os gentios» 1).

Além disso, em que se devia apoiar este juizo — sou o maior peccador do mundo; pequei mais que todos os outros homens? Na maioria dos casos tal juizo seria evidentemente falso, porque não pôde haver na terra sinão um peccador que seja maior que todos os outros; só neste o juizo seria verdadeiro, em todos os demais seria falso.

Sta. Teresa de Jesus era com certeza humilde. Ora, Deus em certa ocasião revelou-lhe que estava em graça 2). Como poderia ella então crer que era a maior peccadora da terra, si sabia não ter a alma manchada com um unico peccado grave?

Tambem S. Francisco de Assis obteve numa revelação a certeza de sua predes-tinação 3), e apesar disso dizia-se com toda a sinceridade o maior dos peccado-

1) Gal., II, 15.

2) Vêde *Leben der hl. Theresia*. Von Ribera (Paderborn, 1903), 309.

3) Vêde C. Chalippe, *Das Leben des hl. Fr. von Assisi* (Regensburg, 1855), 329.

res. Mas elle mesmo nos declarou o que queria significar com taes palavras 1). Certo dia perguntou-lhe um seu companheiro como podia elle falar e pensar tão baixamente de si. O santo respondeu : Estou intimamente persuadido que um ladrão ou o maior dos peccadores seria mais perfeito do que eu, si Deus lhe concedesse as graças que a mim tem dispensado. Creio ainda que si Deus tivesse retirado de mim a sua mão protectora, e me não amparasse de uma maneira especial, teria eu commettido os maiores crimes e ter-me-ia feito o peor de todos os peccadores. É esta a razão por quê eu sou o maior dos peccadores e o mais ingrato de todos os homens.

Não diz pois S. Francisco que tenha commettido mais, ou maiores peccados do que todos os outros homens, ao contrario affirma que assim não tem succedido, acrescentando porém logo a razão disso : Por mim sou capaz dos maiores peccados, e tel-os-ia na verdade commettido si Deus me não tivesse preservado, amparando-me com a sua mão protectora. Por isso mesmo que Deus me cumulou de tão singulares graças, devo-lhe ser mais

1) Vêde S. Boaventura, *Legenda S. Francisci*, c. 6, n. 3 : *Opera omnia* (ed. Quarachi), VIII, 520.

grato do que todos os outros a quem Elle as não concedeu.

Isto mesmo pôde todo o homem dizer de si, e muito mais aquelle que recebeu graças extraordinarias. A humildade exige apenas que nos despresemos, já que de nós nada temos sinão o peccado, e porque, si os não temos commettido maiores, devemo-lo exclusivamente á graça, pelo que só a Deus pertence toda a honra e gloria.

Si os outros têm peccado mais ou menos que nós, isso não vem ao caso. Mas bem podemos suppôr, e com fundamento, que no proximo ha tambem muito bem que nos falta a nós, e, ao contrario, que em nós ha muito mal de que o proximo está livre ; e sobre este aspecto podemos sem erro reputar-nos interiormente mais pequenos e despreziveis que os outros.

Muito bem diz Stc. Agostinho : « Deves pensar que não ha homem que não possúa algum bem que tu não possues, e que por elle talvez te sobrepuje, ainda que tal bem seja occulto. Este pensamento é muito proprio para abater e domar a soberba. Ainda quando te distingas singularmente em qualquer virtude, não deves pensar que o outro a não tenha, mas que

talvez mesmo nesse particular te sobrepuje occultamente» 1).

Ha muitos bens que sem perigo de nos enganarmos podemos reconhecer no proximo. Foi creado por Deus á sua imagem e semelhança, remido com o sangue de Christo e chamado á adopção de filho de Deus e herdeiro do reino dos céus. Continuamente recebe de Deus muitas graças, e certamente possui algum bem que nós não possuímos. E mesmo quando elle se desencaminha, Deus não deixa de o amar e de o estimular pela sua graça á conversão. E, quem sabe ? talvez já esteja no caminho da emenda

Por isso temos sempre motivo para estimar o proximo, e devemos acautelar-nos quanto possivel em o julgar pelo mal que nelle vemos, pois talvez seja menor e mais desculpavel do que pensamos.

É um importante exercicio de humildade o juntar ao reconhecimento da propria fraqueza a moderação e a benignidade no apreciar as acções alheias. Como simples particulares não fomos instituidos juizes de ninguem, e por um juizo severo podemos facilmente faltar á caridade e ofender a justiça. «Não julgueis», nos adverte o Salvador, «para que não sejas

1) Lib. Quæst., 83, quæst. 71, n. 5 (Migne, P. L., XL, 82).

julgados. Porque com o juizo com que julgardes sereis vós tambem julgados, e com a medida com que medirdes sereis tambem medidos. Por que vês tu, pois, o argueiro no olho do teu irmão e não vês a trave no teu ?» 1).

Quem foi verdadeiramente humilde não se admira nem se irrita pharisaicamente, quando vê alguém peccar, mas lembra immediatamente aquellas palavras: «Quem pensa estar de pé veja que não caia» 2); compadece-se dos que vê peccar, e agradece a Deus o tel-o preservado de taes quedas pela sua graça. O peccado do proximo recorda-lhe a sua fraqueza e serve-lhe de incitamento para pedir a Deus humildemente que não retire de si a sua mão protectora, e não permitta, como castigo de sua soberba e de suas faltas, que venha a cahir em semelhantes ou ainda em maiores peccados. Desta maneira o peccado do proximo, em vez de ser para elle motivo de se exaltar, é antes uma occasião que se lhe offerece para se arraigar mais e mais na humildade.

Precisamente a caracteristica do humilde é ter sempre diante dos olhos as suas faltas e fraquezas, e considerar o bem nos outros, não reparando ou desculpando

1) Math., VII, 1 e seg.

2) 1ª Cor., X, 12.

quando possível as suas faltas. O soberbo, ao contrario, compraz-se nos seus meritos, exaggerando-os, e tem sempre diante dos olhos as mais pequenas faltas do proximo.

Sto. Agostinho 1) compara dois homens, dos quaes um commetteu muitos e graves peccados e o outro, poucos e leves. Fundando-se na sentença de Christo: «Ao que menos se perdoa, menos ama» 2) podia alguém julgar que foram mais uteis ao primeiro as suas graves quedas do que ao segundo as leves, porque aquelle, depois de perdoado, amou ao seu bemfeitor com muito mais ardor do que este. A esta difficuldade responde o santo que entre as dividas perdoadas se devem tambem contar os peccados que o segundo não commetteu pelo auxilio de Deus, e que por isso não deve este amar menos do que aquelle. «O primeiro commetteu muitos peccados e tornou-se muito culpado; o segundo, porém, com o auxilio de Deus, commetteu muito menos. A quem deve aquelle o perdão, deve este o ter sido preservado de cair. Tu não foste adúltero durante o tempo em que vivias em grande ignorancia, ainda sem esclare

1) Sermo 99, c. 5, 6 (Migne, P. 1., XXXVIII, 597 e 598).

2) Luc., VII, 47.

cimento, sem (claro) discernimento do bem e do mal, até mesmo sem fé naquelle que te guiava sem tu o presentires. Eis o que te diz o Senhor: «Fui eu quem te guiou, quem te preservou. Não commetteste adulterio, porque faltou o tentador ou o lugar e occasião opportuna; o faltar tudo isso a mim só o deves. Mas, supponhamos mesmo que foste tentado, que te não faltou occasião nem lugar, e que apesar de tudo isso resististe; pois a mim só o deves, a mim que te inspirei o temor. Reconhece, portanto, a graça daquelle a quem deves o não ter peccado. E' me devedor o que cahiu 1) mas alcançou misericordia, como vês; mas tu tambem me deves o não ter peccado. Ninguém commetteu peccado algum que outro qualquer não possa tambem commetter si lhe faltar a minha graça».

E' este o pensamento que deve mover todo o homem a não se preferir aos demais, nem desejar elevar-se sobre os outros. Ainda que tenhas peccado menos que qualquer outro, a quem o deves? Só á misericordia de Deus. Si a sua mão protectora te desamparasse por um só momento que fôsse, talvez tivesses perpetrado mais crimes do que aquelles que hoje

1) Isto é, aquelle a quem permitti que cahisse para o emendar.

por todos são mal vistos. Por isso debes pensar de ti humildemente, sem pretender elevar-te sobre os outros.

Com muita precisão nos mostra S. Bernardo quão perigoso seja o igualar-se ou preferir-se a alguém. «O' homem, a ninguém te iguaes: nem aos grandes, nem aos pequenos, nem ainda mesmo a um só. Pois, como sabes tu que esse a quem consideras o homem mais perverso e infame e cuja vida tão vergonhosa e abjecta detestas, e a quem por isso julgas dever aborrecer como ao maior criminoso, não só em relação a ti que te reputas por frugal, justo e piedoso, mas até em relação a todos os demais criminosos; como sabes, repito, que esse tal, movido pela graça do Altíssimo, não venha a ser melhor do que tu, e do que todos aquelles, ou que talvez já o seja diante de Deus ?» 1)

Olhemos para o soberbo phariseu que desprezava o humilde e contrito publicano, e por isso era objecto de abominação diante de Deus, emquanto que o humilde publicano já estava justificado.

O humilde submete-se com prazer a Deus, seu Creador e Senhor, e, em consequencia disso, sujeita-se tambem de

1) Sermo 37 in Cant. n. 7, (Migne, P. I., CLXXXIII, 974).

bom grado a todos os homens, pelo menos no intimo do seu coração. Escreve o apóstolo S. Pedro: «Submettei-vos a toda a humana creatura por amor de Deus» 1). Ainda que estas palavras alludam immediatamente á autoridade, a quem voluntariamente nos devemos sujeitar em atenção a Deus, que a instituiu, pôde comtudo como disposição interior estender-se a todos os homens. Porque, como já notámos, é próprio dos humildes o considerar com predilecção em si mesmo as proprias faltas, e no proximo o bem que de Deus recebeu. Em consequencia disto está disposto a sujeitar-se aos outros.

Diz S. Thomaz que «a humildade é propriamente o respeito com que o homem se submete a Deus, e por isso também a sujeição ao proximo em atenção ao que este tem de Deus» 2). Mas a humildade não nos pede que escondamos os dons que Deus nos tem dado, e que porventura nos possam exaltar perante nossos semelhantes, porque, segundo a palavra do Apóstolo, «recebemos o espirito de Deus para sabermos as coisas que por Deus nos foram dadas» 3); quem recebeu dons de Deus sabe que os possui. Por

1) 1ª Pedro, II, 13.

2) S. theol, 2, 2, q. 161, a. 3.

3) 1ª Cor., II, 12.

isso, sem quebrantar a humildade, podemos fazer sobresahir os nossos dons perante os do proximo. Deduz-se isto das palavras de S. Paulo aos ephesios 1): «Em outros tempos não foi conhecido dos filhos do homem (o mysterio de Christo) como agora foi revelado pelo Espírito aos seus santos apostolos e prophetas». «A mim, o menor de todos os santos, me foi dada a graça de annunciar aos gentios as riquezas incomprehensíveis de Christo.»

A si mesmo se chama o Apostolo o menor de todos os santos (christãos), tendo em vista o que de si mesmo tem, isto, todavia, não o impede de estimar as graças recebidas de Deus e de as preferir às graças que porventura os outros tenham recebido.

II. Pratica exterior

Não obstante ser a humildade uma virtude essencialmente interna, reflecte-se e muito na maneira de tratar com o proximo. Em primeiro logar a humildade manifesta-se por um comportamento attencioso e modesto para com todos os nossos semelhantes, mesmo para com os subalternos e para com os mais pobres e humildes dos homens.

1) Eph., III, 5, 8.

A conveniente modestia não é mais que a expressão natural; ou, por assim dizer, o vestido dos sentimentos internos da humildade. Por modestia entende-se também muitas vezes a humilde disposição interior, porque o humilde não pretende maior distinção do que a que lhe é devida; mas em geral denomina-se assim a virtude que regula o modo de tratar com o próximo segundo as exigências da razão.

Pede a verdade que o comportamento exterior do homem seja a tradução exacta do seu interior. O comportamento do humilde natural e espontaneamente será modesto e attencioso para com todos. «Adiantae-vos em honrar uns aos outros» 1), exhorta o Apostolo aos romanos, e o Ecclesiastico diz: «Pelas vistas se conhece uma pessoa, e pelo ar do rosto se discerne o homem sensato. O vestido do corpo, o riso dos dentes e o andar do homem denunciam quem elle é» 2).

O apparentar alguém modestia, não sendo interiormente verdadeiro humilde, é vil hypocrisia que muitas vezes se observa nos soberbos. Estes, quando em presença duma personagem illustre de quem temem ou esperam alguma coisa, não

1) Rom., XII, 10.

2) Eccl., XIX, 26.

poupam cortezias e mostras de sujeição; mas, para com os iguaes e inferiores, são altivos e desattenciosos, duros e asperos nas palavras e nos gestos, e tratam-n'os com altivez. O humilde, ao contrario, mostra-se tal qual é; porque reconhece o seu nada e não pretende arvorar-se em juiz do proximo, trata a todos com modestia e attenção, e em todas as suas manifestações é suave e moderado.

A affirmação de Thieme 1), de que os catholicos exteriorizam a humildade com «palavras e gestos lastimosos, semblante triste, cabeça baixa, etc.», não precisa de refutação alguma.

Fazer ostentação de humildade não seria mais que pôr a hypocrisia ao serviço da soberba. «O verdadeiro humilde», diz S. Bernardo, «busca o ser tido em pouco e não ser julgado humilde» 2). Sto. Agostinho affirma que «a humildade está do lado da verdade e não do lado da mentira» 3). Pelo facto de o humilde não procurar a estima e honra dos homens, porta-se sempre com simplicidade e rectidão, mostra-se tal qual é, sem por um comportamento extraordinario chamar para si as attenções e desejar ser tido por humilde.

1) Die christliche Demut, 10-11.

2) Sermo 16 in Cant. n. 10 (Migne, P. I, CLXXXIII, 853).

3) De natura et grat., c. 34 (ibid., XLIV, 265).

Bem longe de procurar a honra e estima alheia, o humilde evita-as quanto possível, e si, em razão do seu officio, é obrigado a acceitar e até a exigir qualquer demonstração de respeito e de honra, como pôde acontecer em um superior, considera-a como preito ao seu cargo e não a sua pessoa, e refere-a a Deus, a quem representa e a quem só pertence toda a honra e gloria por ser o autor de todo o bem. Para não ser exaltado, occulta também quanto possível e sempre que o dever não exija outra coisa, não só as graças principaes que de Deus tem recebido, mas até as suas boas obras e em geral tudo o que lhe pôde grangear a estima dos homens.

A estima e o louvor dos homens são como que um espirituoso alcool que nos embriaga, e muito facilmente nos leva á van complacencia e á presumpção. «Na baixeza é facil ser humilde», diz S. Bernardo, «mas é virtude rara a humildade exalçada» 1). Por isso, quem quizer conservar a humildade, fuja quanto possível da estima e louvor dos homens. E' esta a razão por que Jesus Christo tão energicamente nos exhorta a fazer em segredo as nossas boas obras.

Somos obrigados a dar bom exemplo,

1) Rara virtus humilitas honorata. Hom. 4 super miss., n. 9 (Migne, P. I., CLXXXIII, 94).

mas quem desejar ser humilde deve occultar aos olhos do mundo suas bôas qualidades e bôas obras, sempre que o dever ou a edificação do proximo não exijam outra coisa.

S. Gregorio Magno 1) compara a soberba á traça. A traça corrôe um tecido sem fazer o menor ruido, diz elle ; assim tambem a soberba, occulta no coração do homem, corrôe sem ser notada a medulla das bôas obras. A humildade, porém, matando a traça da soberba, preserva as bôas obras. Noutro logar diz o mesmo santo doutor 2) «A vida presente é como que uma viagem para a eterna bemaventurança e os maus espiritos são como ladrões que de continuo nos assaltam. E' claro que parece desejar ser roubado quem leva seus thesouros ás claras. Não quero com isto affirmar que o proximo não deve ver nossas bôas obras, pois está escripto : «Devem ver vossas bôas obras e glorificar a vosso Pae que está nos céus» ; mas tão somente que não procureis ser louvados pelas vossas acções. O nosso obrar deve ser patente, de tal modo que a intenção fique occulta, para que com as bôas

1) Moral, 11, 48 (Migne, P. I., LXXV, 982).

2) Hom. 11 in Evang., no. 1 (Migne, ibid., LXXVI, 1115).

obras edifiquemos o proximo, e pela intenção de só agradar a Deus procuremos a obscuridade».

Esta doutrina é tirada do Evangelho. No sermão da montanha, Christo falou assim a seus discipulos: «Guardae-vos de praticar vossas boas obras diante dos homens, com o fim de serdes vistos por elles; doutra sorte não tereis a recompensa da mão de vosso Pae que está nos céus» 1).

Põe-nos tambem, como exemplo do que devenios evitar, ao phariseu. «Fazem todas as suas obras para serem vistos dos homens» 2). Não devem assim obrar os seus discipulos: «Quando dás a esmola, não saiba a tua esquerda o que faz a tua direita, para que a tua esmola seja escondida, e teu Pae, que vê o que tu fazes em segredo, t'a pagará» 3) «Quando oraes não haveis de ser como os hypocritas, que gostam de orar em pé nas synagogas e nos cantos das ruas, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo que elles já receberam a sua recompensa. Mas tu, quando oraes, entra no teu aposento e, fechada a porta, ora a teu Pae em segredo» 4). «Quando jejuaes não vos po-

1) Matth., VI, 1 e segs.

2) Matth., XXIII, 5.

3) Matth., VI, 3, 4.

4) Matth., VI, 5, 6.

nhaes tristes como os hypocritas, porque elles desfiguram os seus rostos para fazer vêr aos homens que jejuam...; mas quando jejuares unge a cabeça e lava o rosto, para que não pareça aos homens que jejuas, mas sómente a teu Pae que vê tudo o que ha de mais secreto. 1).

Para mais efficazmente fugir da honra e ser pelos demais despresado como elle a si mesmo se despressa, o humilde evita quanto pôde os logares honrosos e em vez de escolher os primeiros assentos, como fariam os phariseus e fazem todos os soberbos, vae de bom grado para o ultimo lugar. Supporta com paciencia o ser collocado abaixo dos outros. Não se perturba quando as suas faltas e defeitos são conhecidos e lhe dão motivo de confusão. Mas isto em geral; porque muitas vezes seria um prejuizo para nós ou para os outros o serem as nossas faltas conhecidas. Um superior, um sacerdote, um empregado publico, nm pae de familia perderia com isso facilmente o credito necessario para exercer devidamente o seu cargo. Todos estes, até certo ponto, devem cuidar da sua bôa fama. Mas sempre que não entram em questão taes interesses, devemos pelo menos soffrer com pacien-

1) Matth, VI, 16 e segs.

cia qualquer prejuizo na fama devido ao conhecimento de nossas faltas.

Não é conveniente, na maior parte das vezes, manifestar as nossas faltas a outrem que não seja o confessor ou director espiritual; em geral o melhor é falarmos de nós mesmos o menos possível, quer seja de nossas virtudes, quer de nossas faltas. «O mais prudente», diz Sto Affonso de Ligorio, «é não falar absolutamente nada de nós mesmos, nem mal nem bem; porque muitas vezes misturamos certo amor proprio com a mesma depreciação, desejando com isso ser louvados e tidos por humildes, vindo assim a humildade a converter-se em orgulho» 1).

E' signal de soberba e vaidade o falar alguém muito de si mesmo: A lingua fala do que o coração está cheio. O soberbo é muito presumido; por isso gosta de falar de si. Faz alarde de sua nobre ascendencia, da sua riqueza, talento, formosura e acções; exalta as suas bellas qualidades, exaggerando-as para grangear a estima alheia, e chega ás vezes até a gloriar-se das suas maldades, si julga por esse meio crescer na opinião dos seus ouvintes.

Sto Agostinho refere nas suas confis

1) Die christlichen Tugenden und die Mittel, sie zu erlangen (Regensburg, 1865), 478.

sões 1) que, quando na juventude, vivera em tal cegueira, que chegou a envergonhar-se de commetter menos torpezas que seus collegas. E fazia isto por ver que estes se gloriavam em suas maldades tanto mais quanto maiores e mais abominaveis ellas eram. Com gosto seguia elle os seus exemplos, não pelo prazer que sentia nas acções mesmas, mas sobretudo para ser louvado. E continua elle : «Que coisa ha mais reprehensivel do que o vicio ? Não obstante eu fui vicioso para não ser reprehendido, e si não tivesse praticado acção alguma, com que me podesse igualar aos perversos, invental-a-ia: ainda que de facto a não tivesse commettido, só para não parecer tão despresivel por causa de minha innocencia, e para não parecer vulgar por viver castamente».

O mesmo doutor da Igreja confessa que mais tarde chegou a envergonhar se entre os seus companheiros de ser tão vergonhoso 2). Tanto a ambição havia tyrannizado aquelle espirito nobre e grande por natureza !

O receber de bom grado as reprehensões, censuras e admoestações, e ser grato para com aquelle que nol-as faz, é um exercicio de humildade muito util e

1) Confess., 2, 5.

2) Confess., 2, 9,

até ás vezes necessario. «Muitos têm a humildade na bocca, mas não no coração», escreve Sto. Affonso de Ligorio. «Dizem que ninguem é peor do que elles, que mil vezes têm merecido o inferno; mas si alguém os reprehende ou lhes diz qualquer palavrinha menos agradável, logo acaba a humildade; fazem como os ouriços, que encrestam seus espinhos apenas se lhes toca...»

Diz S. João Chrysóstomo que, quando o humilde é reprehendido, logo se arrepende de sua culpa, mas o soberbo, ao contrario, dóe se por ter sido conhecida sua falta. Os santos não se defendiam quando lhes imputavam qualquer culpa que não haviam commettido, a não ser que tal defesa fôsse necessaria para evitar escandalo; exceptuando este caso, soffriam e offereciam tudo a Deus» 1)

Intimamente unido com o referido exercicio está o de soffrer com paciencia os insultos e affrontas, e de se esforçar por estimar o insultador ainda mais que antes. Ouçamos de novo a Sto. Affonso de Ligorio: «O desprezo e o insulto são a pedra de toque com que se póde conhecer si alguém é verdadeiramente humilde e santo; si alguém se irrita com isso, a

1) Die christlichen Tugenden und die Mittel, sie zu erlangen, 479.

sua virtude é ôca como a canna, e tem ainda de obrar maravilhas. O tempo das humilhações, diz o P. Balthasar Alvares, é o tempo em que se podem acumular muitos méritos e grandes thesouros de graças.

«Quem soffrer com paz e paciencia qualquer despreso que se lhe faça, ganhará mais com isso do que si jejuasse rigorosamente a pão e agua durante dez dias. E' bom que nos humilhemos diante dos outros, mas é ainda muito melhor e mais meritorio o acceitarmos as humilhações que nos vêm da parte dos outros, porque estas são mais segundo a vontade de Deus do que segundo a nossa, e por isso o merito será muito maior, si as soubermos levar com paciencia.

«Que fará um christão por Deus si não é capaz de soffrer um pequeno despreso por seu amor? Quantas affrontas e despresos não soffreu Christo por nós! Quiz ser esbofeteado, cuspido, escarnecido e açoitado. Ah! si tivéssemos um verdadeiro amor a Christo, não só supportariamos os insultos que nos fazem, mas nos alegrariamos ainda por sermos despresados como o foi o nosso Salvador» 1).



1) Ibid , 480.



CAPITULO X

O caminho para a humildade

A humildade é uma perola preciosa. E' ella o caminho da graça e do amor de Deus e o fundamento de todas as virtudes. Por isso todos os christãos, mas sobretudo aquelles que aspiram sinceramente á perfeição, devem empenhar-se com ardor em alcançar a humildade e até em distinguir-se nella.

Mas quanto é isto difficil ! Quão raramente se mostra uma sincera e perfeita humildade ! Encontram-se caracteres por natureza amantes, castos e mansos, mas não se encontra um só verdadeiramente humilde.

A humildade só póde ser adquirida numa luta continua e penosa. E quantas vezes a peçonha da soberba não se infiltra até em nossas mais santas acções ! Até quando fazemos actos de amor ou de humildade, procura a soberba levar nos á complacencia em nós mesmos, segredando-nos que já somos humildes e agradaveis a Deus.

Muito bem diz S. Margarida Alacoque: «A humildade tem isto de característico: desaparece no instante em que é percebida» 1). Com razão se chama á humildade um olho que tudo vê, menos a si mesma.

Qual o caminho para chegar a esta virtude tão preciosa e necessaria? Quaes os meios para alcançal-a? Do que havemos dito acêrca do fundamento e natureza da humildade, seguem-se espontaneamente taes meios. Quem quizer ser humilde deve applicar-se aos exercicios de humildade, referidos no capitulo anterior. Mas, para maior precisão, será util expôr brevemente os meios principaes com que se adquire a humildade.

1. O primeiro meio para alcançar a humildade consiste em nos aprofundarmos mais e mais no conhecimento proprio. «Para conseguir a humildade», diz S. Bernardo, «nada pôde a alma encontrar de mais efficaz nem mais proprio do que encontrar se a si mesma na verdade; somente não poderá occultar a si mesma coisa alguma nem muito menos enganar-se em nada» 2).

Quem quizer crescer na humildade de-

1) Vie et Œuvres, II, 185.

2) Sermo 36, in Cant. n. 5 (Migne. P. I. CLXXIII, 969).

ve ter sempre diante dos olhos o que de si mesmo é, quer na ordem da natureza, quer na ordem da graça. Que eramos nós ainda ha pouco ? Que somos no presente ? O que seremos em breve ?

Na quarta-feira de cinzas a Egreja, para despertar em todos os fieis sentimentos de humildade, espalhando-lhes cinza na cabeça, diz : « Lembra-te, homem, que és pó e ao pó has de voltar » 1).

2. Para conservação e augmento da humildade é utilissimo pensar a miúdo que todo o bem que possuímos só o devemos á misericordia divina, e que por isso toda a honra que d'elle provém não nos pertence a nós, mas ao Autor de todo o bem. Não somos mais que portadores dos bens que Deus nos concedeu e confiou. Com este reconhecimento deve unir-se summa gratidão para com Deus.

Conta Gonçalves da Camara 2) que um dia se queixou a S. Ignacio de Loyola de certas tentações de vaidade, que muito lhe davam que padecer. Contra taes tentações deu-lhe o santo o seguinte remedio: Esforçar-se de véras por referir a Deus todo o bem que em si achasse, olhar a Deus como seu autor e dispensador, e agradecer-lh'o sinceramente. E accrescen-

1) Gen., III, 19.

2) Acta quædam S. Ignacii de Loyola, Prefacio.

tou que também elle, depois de sua conversão, fôra molestado por semelhantes tentações, e que por esse meio havia conseguido a paz do coração.

Quem agradecer a Deus todo o bem que possui, e o considerar como um benefício do mesmo Deus, guardar-se á de o attribuir a si mesmo, de se exaltar e de procurar ser honrado pelos homens.

3 Coisa também muito salutar é lembrarmos-nos muitas vezes que um dia teremos de dar conta a Deus de todo o bem recebido. «A'quelle a quem muito se deu muito será pedido», diz o Salvador; «e ao que muito confiaram, mais conta lhe tomarão» 1). «Quanto maiores e mais numerosos são os dons recebidos, mais estreita será a conta que por elles se ha de dar», diz-nos S. Gregorio Magno 2). Este pensamento muito nos ajudará a evitar a presumpção.

Muito justamente diz S. João Chrysostomo: «Pelo facto de teres sido prendado com maiores dons mais te debes humilhar, porque a quem muito se deu, muito será exigido. Deves humilhar-te por ter sido Deus mais liberal para contigo do que para com os outros, pois, si não ti-

1) Luc., XII, 48.

2) Hom. 9 in Evang.

veres cuidado, muito facilmente esta vantagem concorrerá para tua perdição, 1).

4. Quando nos vêm pensamentos de vaidade, é muito conveniente pensar logo quão pequeno e vil é tudo o que temos, e de quantas coisas carecemos.

Jactamo-nos talvez pelo nosso saber. Mas quão miseravel não é toda a nossa sabedoria, comparada com a de todos os outros homens juntos? E o que é ainda todo o saber dos homens, em comparação com a infinita sciencia de Deus? Coisa mesquinha e desprezível. Por isso vemos que os verdadeiros sabios são de ordinario modestos, pois comprehendem que todo o seu saber, comparado ao que ignoram, é como que uma gota de agua em presença do oceano. Quanto mais estudam, mais enigmas obscuros e até insolúveis se lhes deparam.

E o que se diz acerca da sciencia póde applicar-se a todos os bens que possuímos: talento, habilidade, virtude, dotes do espirito e do corpo. Todos estes bens são nada em comparação da infinita perfeição, omnipotencia, omnisciencia e immensidade de Deus. E ousaria eu ainda vangloriar-me por tudo isso?

5. Muito ajuda a alcançar a humildade o lembrarmo-nos com frequencia do nu-

1) Hom. 38 ad pop.

mero e gravidade de nossos peccados e do arrependimento que delles tivemos. Ao pesar e arrependimento do coração segue-se espontaneamente a humildade. Por isso exclama o Psalmista: «Ao coração contrito e humilhado não despresarás, ó Deus» 1).

S. João Chrysostomo observa que «a humildade do coração é a causa de todos os bens, pois, como diz o Propheta, «O espirito attribulado é para Deus um sacrificio; a um coração contrito e humilhado não despresarás, ó Deus» 2); e noutro lugar, commentando as palavras de Joel: «rasgae os vossos corações», aconselha elle os fiéis a dilacerarem o seu coração e não soffrerem um espirito altivo e soberbo, porque o que está dilacerado não se ensoberbece» 3).

A humildade é tão agradavel a Deus que, segundo affirma S. Gregorio Magno, muitas vezes permite Elle que commettam pequenas falta aquelles a quem cumula de graças especiaes, para que a conservem e mais se fortaleçam na humildade 4).

1) Salmo L, 19.

2) Hom. 5 in ep. ad Philipp. (Migne, P. I., LXII)

3) Hom. 4 in 2 Cor.

4) Dialog. 3, 14.

O soberbo facilmente se afflige e entristece quando commette alguma falta, porque se vê illudido na demasiada confiança em si mesmo e ferido no seu amor proprio. O humilde, ao contrario, não se admira de taes faltas, e por isso não se entristece. As faltas que a cada passo commette, apesar de sua bôa vontade, mostram-lhe sua fraqueza e impotencia, envergonham n'ô e incitam n'ô a pedir a Deus humildemente perdão, e a só nelle confiar. Observa á letra as palavras do Espirito Santo: «Humilha-te diante de Deus, e confia na sua mão generosa» 1).

6. Doce e amavel é o fructo da humildade, mas só se pôde colher do caminho espinhoso das humilhações. Todos os santos e mestres da vida espiritual são concordes em apresentar as humilhações como o caminho mais seguro da humildade.

Quem desejar ser humilde deve empenhar-se antes de tudo em soffrer ao menos com paciencia, resignação e verdadeira humildade as humilhações grandes e pequenas que porventura lhe sobrevenham, si bem que muito penosas e difficeis. Está ainda muito longe da verdadeira humildade quem com taes humilhações logo se exaspera, se offende e ali-

1) Eccl., XIII, 9.

menta os sentimentos de vingança que nascem em seu coração. O humilde sofre com resignação os pequenos desprêços, a má fama, os insultos, etc., como coisa que lhe é devida pelos seus muitos peccados, e ainda quando tem razão para suppôr que lhe fazem taes coisas injustamente, pensa que as tem merecido por outros peccados ou pelo menos soffre-as com paciencia e resignação por amor de Christo humilhado e saturado de opprobrios.

Sabendo elle que a soberba e o amor proprio se resentem em taes circumstancias, logo reconhece que a sua humildade está ainda nos principios, si com isso se abate ou entristece. Em taes occasiões, comtudo, não deve desalentar, porque isso seria soberba, mas antes envergonhar-se, e fazer de suas faltas degráu para alcançar a humildade.

Aquelles que são verdadeiramente humildes alegram-se com essas humilhações, por serem o distinctivo de seu Senhor e Mestre, e, si já têm avançado muito na humildade, não só não evitam as humilhações, mesmo que o possam fazer, mas procuram até as occasiões para ellas, sempre que isso não redunde em prejuizo de qualquer dever.

O caminho mais rapido e seguro para

a humildade é o caminho das humilhações. Debalde se esforçará por ser humilde quem não está prompto para receber com paciencia as humilhações.

Muito bem nos diz S. Bernardo: «Assim como a paciencia é o caminho para a paz, e a leitura para a sciencia, assim tambem a humilhação é o caminho para a humildade. Si aspiras á humildade, envereda pelo seu caminho — a humilhação. Si a não podes soffrer, não és ainda verdadeiramente humilde» 1).

Por humilhação não se deve aqui entender apenas a offensa directa de nossa soberba e vaidade, mas toda a sorte de soffrimentos e afflicções que nos sobre-vêm e levam ao conhecimento da propria fraqueza e miseria. Pertencem tambem a este numero as enfermidades.

Quando o homem goza de saúde, e tudo lhe corre á medida de seus desejos, está em perigo de confiar demasiadamente em suas proprias forças; mas si lhe vem qualquer doença ou soffrimento, logo se dissipa tal confiança. No leito da dôr sente elle bem ao vivo a sua impotencia e fraqueza. Muitas vezes até toda a arte e saber humano se reconhece impotente para o alliviar, e então nada mais

1) Ep. 87 ad Operium, n 11 (Migne, P. 1, C. LXXXII, 217).

lhe resta do que reconhecer a sua miseria e o seu nada, e submeter-se humildemente à vontade de Deus.

Feliz daquelle que sabe aproveitar tão preciosa occasião de humildade, e pacientemente supporta suas dores por amor de Jesus crucificado. Este tal fará mais progresso em poucas horas de soffrimento do que fizera em muitas quando lograva saúde.

«Na cruz está a salvação», diz muito bem a *Imitação de Christo*, «mas na cruz está a vida... na cruz está o compendio da virtude e a perfeição da santidade. Toma, pois, a tua cruz, segue a Jesus Christo e irás á vida eterna» 1).

7. Como caminho para a humildade indicam tambem os santos a frequente consideração de que nenhuma segurança temos de perseverar no bem até ao fim. Cada um de nós deve pensar consigo mesmo: posso ainda peccar gravemente e por minha culpa ser condemnado para sempre! Este temor devia ser bem efficaz para nos conservar em humildade.

Como poderá ensoberbecer-se quem sabe que talvez um dia venha a pertencer ao numero dos réprobos? Poderá acaso esse tal orgulhar-se e desprezar seus semelhantes? De maneira nenhuma; forçosamente será humilde, e com temor e tremor trabalhará para sua salvação.

1) 2, 12.

8. E' um poderoso incentivo para a humildade a frequente lembrança do exemplo de Christo. O Filho de Deus é por excellencia o Mestre da humildade. Para nol-a ensinar com sua palavra e exemplo desceu Elle á terra e tomou a forma de servo. Que coisa poderia ser mais eficaz para nos fazer desejar a humildade que o exemplo e a doutrina do mesmo Christo? «A humildade de um Deus é o remedio para o orgulho humano», diz S. Agostinho 1).

Temos ainda a incitar-nos á humildade o exemplo dos santos, que todos, sem exceptuar um só, se distinguiram nessa virtude, imitando e realizando na sua vida o exemplo e a doutrina do Salvador. Todos elles nos dizem: «Sêde nossos imitadores, como nós o somos de Christo».

9. Finalmente, não devemos esquecer a oração como meio para adquirir a humildade. Segundo S. Thomaz 2), são dois os caminhos que nos levam á humildade: o primeiro e o principal é a graça divina; o segundo, o trabalho proprio. Deste nos temos occupado até aqui.

A humildade é um dom summamente precioso, amado de Deus e dos homens; é, porém, muito arduo o caminho que a

1) Enarrat II in Ps. 18, n. 15 (Migne, P. I, XXXVI, 163).

2) S. theol. 2, 2, q. 161, a. 6 ad 2.

ella nos conduz, e sem o auxilio de Deus não a podemos alcançar nem conservar. Por isso todo aquelle que sinceramente deseja ser humilde deve pedir a Deus esta graça com perseverança. A sua oração com certeza será ouvida, si não faltar a cooperação e o esforço proprio.

Christo nada deseja com mais ardor sinão que imitemos sua humildade: «Aprende de mim, que sou manso e humilde de coração» 1), nos diz Elle mesmo. De boa vontade ouvirá Elle a petição da humildade que lhe é tão cara. Por isso nos recommenda a Igreja que frequentemente repitamos a jaculatoria «Jesus, manso e humilde de coração, fazei meu coração semelhante ao vosso».

Admiravel é a oração que se reza no officio de S. Affonso Rodrigues, irmão leigo da Companhia de Jesus (30 de Outubro): «O' Deus, fortaleza dos fracos e exaltação dos humildes, Vós que vos dignastes assignalar a S. Affonso por uma constante aspiração á propria renuncia, e pela gloria de uma extraordinaria humildade, concedei-nos a graça de imitar o seu exemplo, mortificando a carne, e seguindo humilde e perseverantemente a vosso divino Filho crucificado, para alcançarmos a eterna gloria».

1) Matth. XI, 21.

INDICE

Prefacio	5
Introdução	7
Capitulo I — Conceitos dos nacionalistas modernos acerca da humildade	13
Capitulo II — Noção da humildade. Seu contraste com a soberba	26
§ 1. A soberba.	27
§ 2. A humildade.	31
Capitulo III — O fundamento da humildade consiste no perfeito conhecimento de si mesmo	35
§ 1. O homem na ordem da natureza	39
§ 2. O homem na ordem da graça	51
§ 3. O peccado, unica e verdadeira propriedade do homem.	57
Capitulo IV — Continuação da materia precedente.	68
§ 1. Exposição mais circumstanciada sobre a natureza da humildade	68
§ 2. A humildade perante a vangloria e a ambição	79
Capitulo V — Jesus Christo mestre e modelo da humildade	86

Capitulo VI — Necessidade da humildade	105
§ 1. A humildade como fundamento das demais virtudes . .	105
§ 2. A humildade — caminho da graça	116
§ 3. A humildade, o caminho da paz	126
§ 4. A humildade, a medida da perfeição christã	132
Capitulo VII — Humildade e amor á cruz	138
Capitulo VIII — A humildade dos príncipes do apostolado — S. Pedro e S. Paulo	158
§ 1. A humildade de S. Pedro . .	159
§ 2. A humildade de S. Paulo . .	167
Capitulo IX — Práticas de humildade	187
§ 1. A humildade em relação a Deus	187
§ 2. A humildade em relação ao próximo	200
I. Prática interior	200
II. Prática exterior	213
Capitulo X — O caminho para a humildade	224

